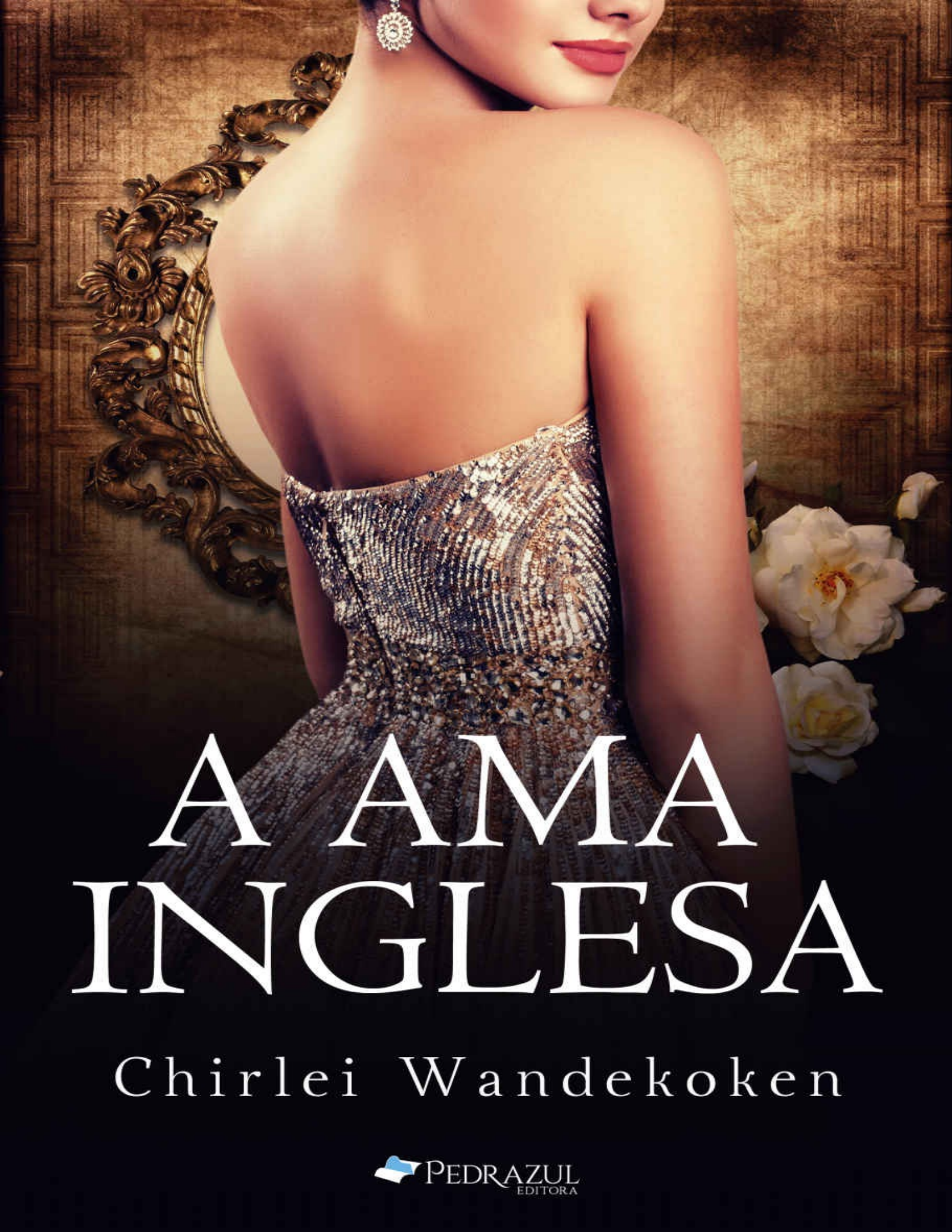




A AMA INGLESA

Chirlei Wandekoken



PERIGOSAS

A AMA INGLESA

Chirlei Wandekoken

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2017 *by* Chirlei Wandekoken.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Sônia Carvalho

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capa: Jessica Gomes

Imagem: Shutterstock

Consultoria Rodovera/ Publicação digital www.rodovera.wix.com/consultoria

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645 – AGF Fernando Ferrari – Vitória-ES. CEP: 29075-972.

www.pedrazuleditora.com.br

PERIGOSAS

o segundo livro da série Quarteto do Norte

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I](#)

[Tudo aconteceu sob o velho carvalho](#)

[CAPÍTULO II](#)

[Fugindo de novo](#)

[CAPÍTULO III](#)

[O baile](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[Uma armação](#)

[CAPÍTULO V](#)

[O quarteto do Norte](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[A caminho de Paris](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[Um baile em Paris](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[A vingança de lady Muriel Browne](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[Vestida de homem](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[Lições de amor](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[ENCONTRE A AUTORA](#)

PRÓLOGO

Newcastle, Inglaterra, 1828.

Leonora não sabia dizer o que era pior: ter um padrasto desprezível que queria violentá-la ou uma ‘mãe’ fraca que fingia não ver o que estava acontecendo. Desde que fugira de casa havia três dias, ela tentava, sem sucesso, perdoar a tia, sua mãe de criação, mas não conseguia. Onde já se viu ficar do lado do homem que tentou violentar a própria filha?

Deitada sobre o feno de uma fazenda, numa noite fria, ela tentava esquecer aqueles últimos dias. Ou seriam aqueles últimos 10 anos? Desde que o pai morrera, a vida não tinha sido nada gentil com ela. Com pouco mais de 18 anos, tinha acabado, literalmente na sarjeta, dormindo nos lugares mais inusitados, como aquela noite na companhia de uma vaca. Sorte dela que não era um animal qualquer, mas a vaca que a duquesa de Prudhoe tinha ganhado do marquês de Valnoré e a quem ela dava mais valor do que à própria criadagem. Caso contrário, iria congelar, pois o frio que fazia era demais até para os padrões de Newcastle.

Pensando no que fazer quando o dia clareasse, encostada à vaca que emitia um calor reconfortante, Leonora não percebera que voltara a cochilar. Acordou com vozes e com alguma coisa gelada cutucando suas ancas. Olhou assustada e deu de cara com dois pares de botas, um do capataz de Prudhoe Castle e o outro do dono dos olhos mais desconcertantes em que ela já tinha posto os seus jovens olhos.

— Mas que desgraça é essa? Uma mulher dormindo com a vaca da duquesa! O que faz aqui? Ah, é você, sua bruxa? Levanta já daí! — gritou o capataz com as faces tão vermelhas quanto o pudim que a mãe verdadeira, quando viva, fazia de framboesa. Ouvindo a forte admoestação que o cavalheiro fazia — Leonora percebeu que se tratava de um —, pelo tratamento dado a ela pelo empregado, ela levantou-se, recolheu sua trouxa e saiu tão depressa quanto seus membros rígidos de frio permitiam, sem emitir sequer um pedido de desculpas. Não ousou olhar para o cavalheiro, embora achasse que já o tivesse visto e, talvez, exatamente por essa razão.

Além do frio intenso, também chovia, como ela constatou chocada.

NACIONAIS-ACHERON

Assustada, envergonhada como nunca estivera antes, e desconcertada por ter sido pega dormindo na propriedade alheia e, ainda por cima, com uma vaca, ela fingiu não ouvir quando o cavalheiro a chamou. Continuou andando — quase correndo — em direção ao portão, o mesmo que ela havia pulado na noite anterior para abrigar-se no celeiro.

— Faça alguma coisa, Jordan. A moça vai morrer congelada — bradou o cavalheiro para o capataz. — Moça, moça! Raios! Olha o que você fez com essa sua grosseria, Jordan! Onde já se viu tratar uma moça com esses modos! Volte aqui, miss! Você vai ficar doente.

Leonora havia feito a curva em direção à saída da propriedade. Não sabia para onde iria, mas preferia morrer a abrir mão do resquício de dignidade que possuía. Onde já se viu ser acordada com chutes! Ele que vivesse o resto de seus dias com a culpa de sua morte na consciência, ela morreria de qualquer forma mesmo, pois, como sobreviveria àquele maldito inverno? Sem abrigo certamente congelaria.

— Raios! Maldição! Não me faça ir aí te buscar — gritou-lhe o cavalheiro. Ela o ouviu quando jogava sua trouxa sobre a porteira e subia para pulá-la. Mas quando a pessoa nasce com falta de sorte, e aquele era o seu caso, nada dava certo. Nessa hora, ela escorregou e caiu do outro lado exatamente numa poça de lama. Lá se foi meu resquício de dignidade.

Quando ela apoiou um braço para levantar-se, na tentativa de sair daquela posição humilhante, percebeu que não conseguia agarrar sua trouxa. Concluiu, na hora, que algo de muito grave tinha acontecido na queda: caíra exatamente sobre o ombro direito, deslocando-o de lugar.

A dor era aflitiva e, numa segunda tentativa, embora tivesse conseguido ficar de pé, ela não conseguiu pegar seus pertences. Não que fosse uma trouxa grande, pois ela só tinha dois vestidos, mas seu ombro estava, de fato, fora do lugar. Deixou a trouxa de lado e deu alguns passos trôpegos, resignada a cair novamente e a morrer a qualquer momento de hipotermia, pois já não sentia suas extremidades. Aliás, sentia apenas uma dor que entorpecia sua mente. Caiu. Ele chegou ao seu lado. Ela não escutou o tropel das patas do seu cavalo, mas sentiu quando ele a tomou nos braços. Estava todo molhado, mas seu corpo era forte e quente.

— Diabo de mulher! Quer se matar e me levar junto? — disse ele enquanto gritava ordens para o capataz.

— Corra na frente e abra o raio da porta, faça alguma coisa, homem! Mande esquentar água, chame a governanta, peça algo quente para ela beber.

Minutos depois, Leonora, acomodada num quarto, cuja lareira crepitava, viu-se ficando nua e sendo enrolada em alguma coisa bem aconchegante. Seus dentes batiam tanto que ela não conseguia balbuciar nenhum protesto, tampouco algum agradecimento. Uma banheira fumegante era preparada por duas criadas que ela conhecia. Algo era levado aos seus lábios, e uma voz de homem ordenava que ela tomasse aquilo, quente e doce. Só muito depois ela se daria conta de que fora ele quem a despira, quem a alimentara, quem a colocara numa banheira quente... E que estivera totalmente nua na frente daquele cavalheiro — o homem mais formidável que já havia conhecido.

Ele não sorria, contudo. Pelo contrário, parecia estar com muita raiva. Olhava para ela, mas não com os olhos malévolos do seu padrasto. Ele a fitava, mas Leonora não sabia explicar o que via naqueles olhos.

Quando ela já estava deitada, seca, limpa, aconchegada em meio a muitas mantas macias e quentes, uma criada chegou e deu-lhe algo para beber. Ele pegou a xícara e levou-lhe aos lábios. Só então Leonora se apercebeu de que ele também devia estar com muito frio, pois toda a roupa dele estava molhada e cheia de uma lama negra.

— Cuide dela! Vou mandar chamar um médico — ele ordenou à governanta.

— Sua Graça! Tire essa roupa molhada, senão ficará doente.

Leonora sabia que se tratava realmente da governanta, pois também a conhecia muito bem.

Instantaneamente, tudo ficou muito claro em sua mente: o cavalheiro que a socorrera era, em pessoa, o poderoso duque de Prudhoe — o lorde Perverso.

Ela o conhecera havia muitos e muitos anos, um tempo longo que o fizera mudar a ponto de ela não mais o reconhecer. Nem ele a ela. Na memória, Leonora sempre guardara sua imagem antiga. Durante todo aquele período sem revê-lo, soubera de sua fama. O duque havia abandonado uma dama no altar, ou quase, recusando-se a desposá-la conforme casamento arranjado pelo pai, e fugira para o continente. Ganhara, assim, a alcunha de ‘perverso’, pelo duplo crime: desobedecer ao pai e humilhar a filha de um conde diante da sociedade.

Mas Leonora não o via como perverso. Pelo contrário, tinha acabado de demonstrar-lhe ser um homem caridoso, salvando-a da morte naquela gélida noite de outono.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO I

Tudo aconteceu sob o velho carvalho

Quando a menina Leonora tinha oito anos de idade sua mãe morrera de uma febre que ninguém soubera diagnosticar. A doença chegara como trazida pelo vento, abatera-se sobre ela, e, de uma hora para outra a bela e ainda jovem mulher murchou. Mas a francesa que nascera Juillet Besnard, e se tornara senhora Patrick Smith pelo casamento com um jovem inglês, na hora de sua morte deixara todos ao seu redor perplexos.

Naquele instante em que não fazia diferença se a verdade fosse ou não descoberta – brecha do tempo em que não se tem mais nada a perder –, pois a própria vida de Juillet estava se esvaindo; naquela semiconsciência, uma frase fora dita numa língua desconhecida pelos expectadores. Na ocasião ninguém soubera identificá-la – ou quase ninguém –, embora, pelo sentimento empregado pela moribunda às palavras não tenha ficado nenhuma dúvida de que se tratasse de algo cheio de significado. Na extraordinária frase, naquele singular momento, os presentes apenas identificaram um nome: um homem desconhecido por todos ali no quarto: o sofrido marido, Patrick Smith, um boticário da vila de Newcastle que fazia papel de médico, uma cunhada mal-encarada e, aos prantos, Leonora. Todos ouviram a frase, mas apenas a menina decodificou-a.

Patrick Smith, embora um homem de invulgar caráter, era um simples empregado da nobre família dos duques de Pudhoe, e analfabeto. Ninguém nunca soubera explicar a razão pela qual uma instruída francesa se casara com ele. Excetuado o fato de que Patrick Smith tinha excelentes feições, ele jamais poderia ser considerado um bom partido para uma dama. Mas a filha do casal, Leonora, desde muito cedo começara a ser instruída pela mãe. Portanto, com seis anos a menina já sabia ler em Inglês e em Francês.

Em meio ao pavor que se abateu sobre Patrick Smith de ver sua amada Juillet indo embora, a malvada tia gritando para que a menina saísse do quarto, Leonora fora a única que decifrara a estranha frase em Francês, sem, contudo, compreendê-la. Por que sua querida mãezinha, na hora de sua partida eterna, havia dito: “Você acabou com a minha vida, Filippo, mas a lembrança de nós dois foi o que me fez viver até aqui”, era uma incógnita na mente da garota. Perspicaz, entretanto, ela jamais falara daquilo para ninguém. Nem ao menos para o pai que ela tanto amava e, talvez, por amá-lo

demais e por lealdade a mãe mantivera a tradução para si mesma.

Os dias, meses e anos que se seguiram à morte de Juillet foram tão difíceis para Leonora que as palavras da mãe perderam-se em meio a tantas outras dificuldades que se abateram sobre ela. Sob os ‘cuidados’ da tia paterna, a jovem órfã de mãe tivera dias maus. Enquanto, Patrick Smith era um homem trabalhador, afável e justo, sua irmã era indolente e utilizava-se da sobrinha como serva. Não obstante essa malevolência obrigava-a a chamá-la de mãe, mesmo que isso fizesse o coração da pequena Leonora condoer-se. As lembranças que ela tinha de sua mãe eram as melhores que uma criança podia ter de uma mãe amorosa, protetora e cuidadosa. A tia, contudo, fora a única ‘mãe’ que lhe restara.

Como cocheiro da duquesa de Pudhoe, uma dama arrogante e autoritária, Patrick Smith se desdobrava entre o cargo e a criação da filha. Requisitado nas viagens a Londres, Patrick ficava vários meses do ano distante da menina. Certa ocasião, quando havia permanecido uma temporada inteira na capital, Leonora sofrera um acidente: a menina quebrara o pé quando fora buscar água na fonte a serviço da tia. Ele havia acabado de chegar a Pudhoe Castle, e estava indo soltar a cansada parelha, quando recebera a notícia da parte de um cavaliário. Nem soltou os animais. Foi rapidamente em direção à velha cottage – onde passara a morar após a morte de Juillet acompanhado da irmã –, pegou a filha em seus braços, colocou na luxuosa carruagem da duquesa viúva de Pudhoe, e conduziu-a ao boticário da vila.

O rompante que ele tivera para cuidar da filha, todavia, foi mal interpretado pela arrogante dama. A duquesa, na frente da pequena doente, chamou-lhe atenção pela ousadia que o empregado tivera em usar a carruagem ducal para transporte pessoal sem a permissão dela. Patrick Smith ficou muito constrangido, não somente por ele, mas principalmente porque Leonora escutara tudo. Mas ele não refutou. Sabia que não podia ter feito o que fez, embora a menina tivesse se machucado havia dois dias e nenhuma providência tivesse sido tomada. Pediu desculpas à mulher, disse que aquilo jamais voltaria a acontecer, pegou sua filha nos braços e saiu andando sob uma fina e fria garoa do Norte.

Leonora nunca esquecera aquele dia, pois depois dele o seu pai nunca mais fora o mesmo homem. Triste como estava pela morte de Juillet, aquele episódio o abatera sobremaneira. Leonora, portanto, tinha as piores lembranças possíveis da mulher, uma dama que ela considerava altiva cujo epíteto para ela era a maldade. Na época em que a misteriosa febre

novamente aparecera – como um miasma – e assolara a região de Newcastle, Patrick Smith fora o primeiro a sucumbir a ela. Com apenas 10 anos, Leonora se viu sem sua mãe e sem seu pai, à mercê de uma tia autoritária e infeliz.

A menina, apesar de repugnar a duquesa de Pudhoe, teria que continuar a depender da benevolência da dama. Todos na sua família, incluindo a tia e seu padrasto, trabalhavam para aquela gente e até sua modesta moradia pertencia a eles. Eles eram rendeiros que cultivavam as terras e, em sua extrema pobreza, dependiam deles para tudo. Mas Leonora tinha planos: um dia ela não mais se subjugaria àquela dama que matara seu pai, pois na mente da criança que vira a dor, a vergonha, e a humilhação estampada no olhar do homem que ela tanto amava e admirava, a duquesa fora a responsável pelo seu último suspiro.

Mas a despeito da morte do pai ela tinha que sobreviver e seu dia começava quando o sol raiava, ou não. Fizesse sol, chuva, neve, ela era acordada pela mãe-tia para ir buscar água para todas as tarefas da casa, tarefas as quais ela era obrigada a fazer. Leonora descia a úmida charneca, congelada, para muitas vezes se deparar com uma camada de gelo sobre a água. Ocasão em que ela era obrigada a romper a barreira para levar a água para casa. Mas quando a tia saía – e a mulher o fazia todos os dias para o pub da região – Leonora fugia para poder chorar em paz embaixo de um grande carvalho que ficava na divisa da propriedade dos Pudhoe.

Certo dia, deitada de bruços sob o velho carvalho, achando-se livre de olhares curiosos, absorta em sua tristeza, ela soluçava alto. Com sua cabeça sobre os braços, Leonora só se deu conta de que estava sendo observada no momento em que foi acalentada por Mary Ponsonby, a curandeira que morava na floresta, a quem todos chamavam de bruxa.

– Não se assuste, criança – disse a mulher abaixando-se ao lado da assustada menina –, não te farei nenhum mal. Por que choras?

Mas Leonora não conseguia dizer a razão de seu choro. No momento em que foi responder se deu conta de que não tinha um motivo exato, mas que tudo parecia errado em sua vida. Como dizer que chorava por tudo? Portanto, ela não disse nada. A partir daquela data, entretanto, Leonora ganhara uma amiga e um endereço no meio da floresta para onde fugir: a casa da bruxa. Então, todos os dias que sua falsa mãe lhe batia – e isso era recorrente – Leonora fugia para a casa de Mary Ponsonby. Com a curandeira ela aprendera o segredo das ervas, os bons e os maus.

Agora, com 18 anos, Leonora olha para trás e percebe que não morrera de

tristeza — ou desidratação — porque tivera o carinho da bruxa, ou de May, como carinhosamente ela passara a chamar a bondosa mulher que morava na floresta. Mas May também havia morrido como parecia acontecer a todos a quem Leonora amava. Acontecera havia alguns anos. No dia em que se deparara também com sua morte, ocasião em que novamente voltara a chorar sob o grande carvalho, a árvore que testemunhara seus piores momentos na infância, outra pessoa aproximou-se dela. Mas daquela vez o intruso usava um par de botas. Posto que os olhos marejados da garotinha olharam-no, ela pensou ter visto o deus que vira tantas vezes quando criança no livro de sua mãe francesa. Não se assustou. Estava triste demais para qualquer reação que não fosse o choro. Por instantes ela encarou-o com uma nuvem de lágrimas entre sua visão e a esplêndida aparição. Como ela tinha acabado de pedir a Deus que a levasse para junto de seus pais e de sua amiga May, achou que a Providência tivesse enviado um anjo para buscá-la, ou, quem sabe, o próprio estivesse à sua frente usando um par de botas amarronzadas e brilhantes. A visão inebriada pelas lágrimas abaixou-se na frente dela e secou seus olhos com um lenço que tinha um perfume o qual ela jamais esqueceria a fragrância. Ela se deu conta de que não era um anjo, quando ele lhe murmurara palavras de consolo com uma voz forte e terna. Nunca tinha lido em lugar algum que os anjos falavam! Então ela o amara, pois o rapaz mais belo que seus ingênuos olhos já tinham visto tinha também o mais doce sorriso.

— Por que choras, pequena?

— Eu... ah... é que — um profundo soluço e mais um lençol de lágrimas com outra nuvem interpondo-se entre ela e ele.

— Calma, pequena — ele sentou-se ao seu lado, abraçou-a e enxugou seu rosto molhado. — Conte-me. Talvez eu possa ajudá-la.

— É a May... a Mary Ponsonby... aquela a quem todos chamam de a bruxa da floresta, a única que me havia restado nessa vida, minha amiga, que me amava de verdade... ela também está morta, lá... — Leonora apontou para a direção em que ficava a velha cabana, na qual o corpo inerte de miss Ponsonby jazia no chão frio.

— Leve-me até lá — pediu o cavalheiro, pois Leonora agora sabia que, com aqueles modos e aquelas roupas, ele só podia ser um cavalheiro e não um anjo.

— Obrigada, senhor, mas... — ela hesitou, pois não sabia quem era ele.

— Chame-me de Pearl. E você, pequena? Como devo chamá-la?

Leonora gostaria que ele continuasse chamando-a de pequena, mas não teve coragem de lhe dizer aquilo, então respondeu: — Meu nome é Leonora Smith.

— Você mora aqui perto, miss Smith? — ele perguntou enquanto pegava seu cavalo, um enorme garanhão preto que estava amarrado a alguns metros ali.

— Sim, moro nas terras do duque de Pudhoe.

— Interessante — ele respondeu.

— Meu pai era o cocheiro de confiança da duquesa viúva de Pudhoe, mas ele morreu há dois anos.

— Então mora com sua mãe?

— Sim e não — ela respondeu e ele riu.

— Sim e não? Confesso que não compreendi, pequena.

— Moro com minha tia, a irmã de meu pai. Mas ela me obriga a chamá-la de mãe. E me bate...

— Entendi — Leonora pareceu ter sentido um sinal de irritação na voz do cavalheiro chamado Pearl. Ela havia amado o som de seu nome em seus lábios, o nome mais lindo que ela já ouvira, e queria repeti-lo, mas não ousava.

— E sua verdadeira mãe? — ele interrompeu os pensamentos dela.

— Ela morreu há muitos anos. Eu quase não me recordo mais de seu rosto. Quanto tento com muita força lembrá-lo, o rosto que vem à minha mente é o de May — ela chorou novamente, mas baixinho. — Não sei por que todos a chamavam de bruxa, ela era boa, sempre me tratou bem... ela me ensinou todos os segredos das ervas — o cavalheiro percebeu que uma lágrima escorria dos jovens olhos e que ela levou à mão para interceptá-la.

— Quantos anos você tem, miss Smith?

— 13 anos, senhor Pearl.

— É muito desenvolta e inteligente para sua idade.

— Minha mãe me ensinou, senhor Pearl. A minha mãe francesa, quero dizer. Ela se chamava Juliet.

— Bonitos nomes, o seu e o de sua mãe...

Mas eles já tinham chegado à cabana e não teve tempo dele lhe fazer mais perguntas. O cavalheiro amarrrou seu cavalo e caminhou em direção à porta. Leonora o aguardava tentando segurar as lágrimas que teimavam em toldar sua visão. Ele olhou para o corpo estendido no chão com reverência, voltou a olhar para Leonora, e disse: — Venha comigo. Eu cuido do resto.

— Para onde vamos, senhor Pearl?

— Para Pudhoe Castle.

— Pudhoe Castle! — exclamou ela surpresa. — Mas a duquesa viúva é a verdadeira bruxa, não a May. Ela brigou com meu pai uma vez porque ele me levou ao boticário da vila quando eu estava quase perdendo o meu pé. Ela é detestável e vai me agredir.

— Ela não ousaria maltratá-la — disse ele, sério.

— Como pode ter tanta certeza disso?

— Eu sou o chefe dessa família e ordenarei para que você seja tratada com respeito.

— Se é o chefe da família... então é o duque de Pudhoe! Ai, meu Deus! Mas o senhor disse que se chamava Pearl... mentiu para mim?

— Sim e não — ele sorriu para ela. — Meu nome é Arthur Pearl Clifford — ele respondeu.

— Arthur Pearl Clifford, o duque de Pudhoe, e filho daquela duquesa... — Leonora repetiu quase para si mesma.

AQUELE fora o dia que Leonora o vira pela primeira e última vez. Arthur Pearl Clifford fora embora naquele mesmo dia, até então.

A partir daquela data, contudo, ela começara a frequentar a mansão para aprender a ser uma ama. A duquesa, embora enérgica, nunca a tinha destrutado. Até então.

Leonora cuidava do quarto da duquesa, de suas roupas, de seu cabelo e tinha livre acesso à casa, à biblioteca e aos livros. De forma que o conhecimento que sua mãe havia plantado crescera sobremodo na mente curiosa da jovem. Às vezes, quando ela terminava de ler um romance, suspirava de saudades do mocinho. E o herói tinha sempre o mesmo rosto: o rosto de Arthur Pearl, o duque de Pudhoe. Fosse qual fosse o livro, ele teria os olhos verdes que, às vezes, eram transparentes; quando com raiva escuros, e, dependendo da intensidade do sol cor de mel. Os lábios do herói de Leonora eram fortes e decididos, o queixo quadrado e os gestos determinados de quem sabia como agir, como na ocasião da morte de May em que ele cuidara de tudo para ela. Leonora quando fechava os olhos via um rapaz de fartos cabelos escuros e um nariz aquilino, daquele tipo de quem não permite ser desrespeitado, caminhando para ela. Ela quase abria os braços para

acolhê-lo.

Mas o que Leonora não soube dizer foi o que acontecera para mudar tudo repentinamente. Havia cinco anos que morava em Pudhoe Castle e ela poderia até se considerar uma pessoa feliz. Tinha um trabalho do qual gostava, tinha amigos na casa, todos a respeitavam, até recorriam a ela quando adoeciam, mas tudo, de repente, havia desmoronado. A duquesa havia ficado louca. Desde a chegada de sua dama de companhia londrina, uma moça muito estranha chamada lady Muriel Browne, a velha duquesa mudara o seu tratamento para com ela. Passara a humilhá-la, desprezá-la e Leonora não sabia o que tinha feito para que sua senhora passasse a odiá-la. Por meses continuara aguentando firme, independentemente de toda grosseria da dama, mas ser espancada fora demais. Num acesso de fúria, a duquesa havia batido em seu rosto. Leonora, depois daquilo, pegara os seus poucos pertences e voltara para a cottage que sua mãe adotiva morava. Pelos menos, embora ali também fosse maltratada, a mulher tinha o seu sangue: ela não apanharia de uma estranha.

Não passara uma semana, contudo, ela tinha fugido de novo. Dessa vez para não ser estuprada pelo padrasto.

CAPÍTULO II

Fugindo de novo

A direção que ela tomou foi a velha cabana de Mary Ponsonby, na floresta. Mas a cabana havia sido demolida. Leonora se recorda que há muito não ia mais ali. Não por medo do espírito de May, mas porque a saudade que sentia da mulher machucava seu terno coração. Tiritando de frio, com os membros enrijecidos, ela caminhou na direção do velho carvalho. Mas morreria se ficasse ali. Já escurecia e para onde iria? Lembrou-se do celeiro da duquesa. Lá pelo menos o feno era seco.

Foi lá que Arthur Pearl Clifford, o duque Pudhoe a encontrara dormindo com uma vaca. Que humilhação!

Depois de cinco longos anos ele reaparecera e a salvara de morrer de hipotermia. Ela não o havia reconhecido, ele estava diferente das suas juvenis lembranças. Nenhum traço do jovem duque de outrora. Os cabelos estavam desgrenhados, ele parecia ainda mais alto, mais forte. Estava certamente mais velho, mas nem um centímetro mais feio. Se é que tinha como o seu antigo duque ter ficado ainda mais atraente. Mas ele ficara. Algo nele, entretanto, causava-lhe medo. Ela estremeceu sob as grossas mantas. Ele presenciara a sua humilhação. Cair da porteira, ainda por cima sobre o braço, e com a bunda para cima, e de cara no chão... e ele a tinha visto completamente nua.

Leonora era a cara de sua mãe — a francesa que havia suscitado rumores à época em que se casara com Patrick Smith por sua extrema beleza e educação. Acontece que Juillet parecia uma dama. Leonora também, embora fosse uma simples criada, tinha modos refinados, sabia ler e escrever em dois idiomas, e ainda conhecia o poder que as ervas tinham para curar. De forma que a bela moça de cabelos escuros e olhos azuis, que nunca tinha saído de Newcastle, era adorada pela criadagem. Ou pelo menos era.

O que intrigava a moça era que depois da chegada de lady Muriel Browne, não somente a duquesa passara a tratar-lhe mal, mas todos os servos. Tanto que ela se viu sem chão e sem teto quando tivera que fugir do padrasto. O que aquela bruxa fizera? Pois, certamente, a dama londrina havia feito algum mexerico em meio à criadagem e a duquesa. Não havia outra explicação. Pensava Leonora. O seu maior temor era porque o seu diário havia desaparecido. Desconfiava que a dama o houvesse pego em seu quarto. Aquilo a deixava horrorizada; não que o caderno trouxesse grandes

revelações. Ao contrário, quem o roubara encontraria nele apenas os lamentos de um coração ferido, o coração de uma moça que preferia estampar no papel a despejá-los às pessoas. Foi quando Leonora se recordou que lá ela tinha escrito sobre sua paixão juvenil pelo duque de Pudhoe. Sim, pode ter sido isso. Pensou ela. Lady Browne, movida pelo ciúme, podia ter contado para a duquesa o que ela tinha escrito: que se casaria com o duque de Pudhoe e se tornaria uma duquesa.

— Meu Deus! Mas aquilo foi apenas um sonho, um rompante juvenil! — ela disse para si mesma.

— O que foi apenas um sonho, um rompante juvenil, miss? — ele perguntou. Ela não o tinha visto, mas o duque estava sentado na penumbra do quarto. A enorme cama de dossel na qual Leonora estava deitada ficava em frente à grande lareira, portanto, recebia a iluminação direta. Mas lorde Clifford se encontrava ao lado do toucador, distante da luz. Ela se lembrou daquele toucador. O mesmo em que ela se escondera certa vez para olhar para ele, ocasião em que ele se despedia da mãe, havia cinco anos. Por que ele nunca mais voltara a Newcastle? Ela se perguntava. Recordou também que havia feito esta mesma pergunta durante todos aqueles mil e oitocentos e vinte e cinco dias, os quais marcara no velho carvalho. A árvore já estava toda cortada e Leonora chegou a pensar que não teria mais espaço para marcar no subjugado tronco.

Naquele momento, entretanto, ele estava de pé à sua frente e olhava diretamente nos seus olhos. Depois de vários segundos, os quais eles ficaram se olhando, ela com os pensamentos longe, e ele tentando decifrá-los, ela respondeu à pergunta dele: — Eu estava sonhando, Sua Graça.

Leonora sabia que ele não tinha acreditado nela, mas não se importava. Ele aproximou-se mais ainda e, ainda encarando-a, encostou-se à cama, quase a tocando. Leonora achou que ele fosse obrigá-la a dizer a verdade, pois ela estava ruborizada, sinal de que havia mentido para ele, mas o duque manteve-se ao seu lado e apenas disse numa voz terna: — Deve estar sentido dor, eu sei. Mas o médico já está chegando. Essa nevasca deve tê-lo atrasado. Está doendo, não está? Percebi que gemia.

A preocupação no rosto dele quase a fez chorar. Há tanto tempo ninguém se dirigia a ela com respeito, muito pelo contrário. Há meses tratavam-na com ironia, com grosseria, com rispidez.

— Dói um pouco, Sua Graça. Mas vai passar. Obrigada.

Ele ia dizer algo, mas alguém bateu à porta e a governanta entrou

acompanhada do velho médico.

— Mande trazer os candeeiros e pode ir tratar de seus afazeres, Mrs. Mauley — disse o duque, dirigindo-se à matrona. Para o médico ele disse: — Ross, a moça caiu por causa da nevasca. Creio que seu ombro esteja fora do lugar.

— Boa noite, Sua Graça — disse o médico.

— Chame-me como me chamava quando criança, Ross. Ou, se não quer usar meu apelido de criança na frente da jovem, chame-me de Pearl ou Arthur, como meus amigos fazem.

— De forma alguma, Sua Graça — disse o médico —, mas vendo o olhar de desaprovação do duque, ele emendou: — Certa vez eu estive aqui, a chamado do duque, seu pai, para atender seu herdeiro que tinha caído do cavalo. Quando eu cheguei ao estábulo, pois o acidentado ainda se encontrava lá, encontrei um menininho no colo de um cavaliço e este o consolava chamando-o carinhosamente pelo apelido. Eu repeti e fui advertido severamente pelo duque, seu pai, que me falou para nunca mais chamar o futuro duque de Pudhoe por aquele apelido... desculpe-me, não vou repetir o que ele disse.

— Não é necessário, Ross. Eu imagino o que o velho duque tenha dito — Leonora teve a sensação de ter sentido um vislumbre de tristeza na voz e nos olhos de lorde Clifford, mas este logo dissimulou. — Não se trata de um nome tão ruim assim. Confesso que tenho boas lembranças da época em que me chamavam de Paddy — o duque riu e o médico também.

— Talvez eu possa chamá-lo de lorde Clifford — disse o médico, e, dirigindo-se a Leonora: — Isso vai doer um pouco, senhorita. Vou ter que examiná-la e se Sua Gra..., isto é, se lorde Clifford estiver correto com o seu diagnóstico, terei que colocar seu ombro no lugar.

— Não se preocupe, doutor. Prometo não chorar muito.

— Corajosa a moça — disse o médico. Neste momento, Mrs. Mauley e outra criada chegaram com as velas, colocaram onde o médico pediu e saíram fechando a porta. Doutor Ross, então, aproximou-se da paciente, pediu licença, e puxou a manta para iniciar o exame. Ele parou por uns instantes e Leonora percebeu, tarde demais, que estava nua. O duque, que também estava ao lado da cama, em um instante, colocou sobre ela um tecido quente e cheiroso que lhe cobriu os seios. Ela não ousaria abrir os olhos, mas sabia que ele havia retirado seu próprio casaco para cobri-la. Sua face queimava de vergonha: pela segunda vez ele a havia visto nua. No momento em que seu

ombro foi forçado pelo médico, ela abriu seus olhos e olhou para ele. Leu encorajamento e apoio nos olhos do duque. Aquilo lhe deu forças para não gritar de dor, embora uma maldita e desconcertante lágrima tenha caído de seus olhos. Quando ele a viu, sentou-se na cama do lado oposto ao médico, e tomou a mão dela entre as suas. O procedimento foi muito doloroso, mas rápido.

— Bem, ele está no lugar de onde nunca deveria ter saído, senhorita. Mas terei que imobilizá-lo e terá que ficar de repouso por alguns dias.

— Obrigada, doutor — respondeu ela.

— É a primeira vez que inflijo dor a uma dama e ela me agradece — disse o médico, rindo.

— Não sou uma dama, doutor. Sou uma simples criada.

— Não importa o seu berço, minha filha. Agiu como a melhor dama que tive o prazer de tratar — disse doutor Ross, olhando com curiosidade para o duque que ainda segurava a mão de uma simples criada.

O médico imobilizou o ombro de Leonora e fez as recomendações, precauções que Leonora já conhecia muito bem. Mas enquanto o duque foi acompanhar o médico ao andar de baixo, ela se remexeu para saber se conseguiria andar, pois precisaria ir embora dali. Não queria ficar e presenciar a mudança que certamente ocorreria nele também. A metamorfose. Levaria quanto tempo para que a transformação ocorresse? Uma hora? Um dia? Ela não sabia e não esperaria para ver.

Levantou-se e colocou os pés no chão. Deu alguns passos. Mas como estava nua, olhou à procura de seu vestido lembrando-se de que, além de molhado ele não estava ali. Tampouco a sua trouxa. O casaco do duque caiu. Ela abaixou-se para pegá-lo, mas a dor que sentiu fê-la ficar de pé, na mesma hora em que Arthur Pearl entrava no quarto.

— Mas você é uma pequena teimosa mesmo. Não ouviu o que o médico disse? O que faz em pé? — para completa consternação de Leonora ele se abaixou na sua frente para pegar o casaco. Leonora teve a sensação de que ele o fazia muito lentamente, como se absorvesse o que via à sua frente. Ela quase podia sentir a respiração ofegante dele em sua pele. Sim, ele ofegava, se de raiva ou não, ela não sabia. Ele pegou o casaco e ajudou-a a vesti-lo, tomando cuidado para não machucá-la. Como era um casaco enorme, ele o vestiu pelo lado intacto do corpo dela, sobrepondo a outra ponta no ombro enfaixado. Leonora teve que ficar imóvel enquanto ele, cuidadosamente, abotoava os botões e roçava os dedos acidentalmente em sua pele.

— Bem, agora volte para a cama — disse ele. — Vou avisar lady Browne que você já pode receber visitas.

— Lady Browne? Não! — ela gritou, angustiada. Ele se voltou para ela assustado e a encarou.

— Desculpe-me, miss Smith, eu adoraria lhe fazer companhia, mas o decoro não permite.

— Pelo amor de Deus, lorde Clifford. Não estou brincando, lady Browne me odeia.

— Odeia? Mas ela me disse que adoraria lhe fazer companhia, que as duas são amigas...

— Ela lhe mentiu descaradamente, Sua Graça.

— Chame-me de Arthur Pearl ou Clifford. Não há necessidade dessa formalidade entre nós — ele a interrompeu.

— Eu lhe imploro, lorde Clifford. Milorde já fez muito por mim, desde que eu era criança, mas lhe peço apenas mais este favor, não me deixe à mercê de lady Browne. Não agora que eu não posso me defender, com esse ombro... — ela estava quase chorando, o que intrigou o lorde. Uma moça que havia aguentado, há pouco, uma dor enorme sem gritar, chorava por causa de uma simples visita de cortesia?

— Inferno! O que está acontecendo nessa casa? — bradou ele.

— Eu não sei, lorde Clifford. E milorde certamente também não sabe. Afinal, há cinco anos que não vem aqui.

Ele olhou para ela muito surpreso. Por instantes ela o deixou sem ação. Leonora não sabia se por causa de sua petulância ou porque ela contara cada dia de sua longa ausência. Então ele se aproximou, puxou uma cadeira, colocou-a ao lado da cama e sentou-se.

— Então me conte o que sabe, miss. O que se passou por aqui nestes cinco anos em que eu estive ausente.

— Eu não sei tudo, milorde. Como eu lhe disse antes...

Ele a interrompeu: — Leonora Smith, conte-me o que sabe. A verdade. Por que você disse que lady Browne mentiu para mim.

Silêncio da parte dela que tentava escolher as palavras e impaciência da parte dele ao arrastar, com barulho, a cadeira para mais próxima dela. Ele estava a centímetros de distância do rosto de Leonora. Ela sentia o cheiro que exalava dele, o mesmo do lenço de anos atrás. Mas o olhar do duque parecia transpassá-la. Cortante. De uma coisa Leonora tinha certeza: ele sabia que ela era garotinha do passado. Mas, se seria condescendente como fora outrora ela

já não sabia.

— Tudo ia muito bem... até lady Browne chegar a Pudhoe Castle. Alguns meses depois de sua chegada eu notei que a duquesa sua mãe começou a tratar-me muito mal. Ela nunca foi uma pessoa... quero dizer... carinhosa. Mas tratava-me com respeito e até dava permissão para que eu lesse os livros da biblioteca. Para minha grande perturbação, todos os servos — antes meus amigos — que até recorriam a mim para tratar de suas doenças, passaram também a hostilizar-me: a governanta, as arrumadeiras, a copeira, o cavaleiro, o mordomo, enfim, me vi sozinha numa casa cheia de hostilidade, cercada por falsidade. Aguentei vários meses, pois eu precisava muito do trabalho. Até...

— Até? — ele perguntou, impaciente.

— Ela bateu em meu rosto.

— Quem bateu pelo amor de Deus?

— A duquesa.

Ele levantou-se. Levou as duas mãos à cabeça. Soltou algumas imprecações que Leonora já estava começando a ligá-las a ele e até gostar delas. Em determinado momento ela achou que ele fosse socar o console da lareira, mas ele apenas chutou algumas lascas de madeira para dentro, atçou o fogo, e colocou mais lenha. Aquilo pareceu acalmá-lo um pouco. Ele voltou-se e a olhou nos olhos. Enxergou alguma coisa neles que o fez sentar-se novamente.

— É por isso que estava dormindo com a vaca — ele não perguntou, a frase fora denotativa.

— Não e sim — ela respondeu.

Ambos se lembraram de anos atrás, ocasião em que ela lhe dera a mesma resposta. Em meio à tristeza do momento, ambos sorriram.

— Conte-me, pequena — ele a chamara da mesma forma que havia chamado havia anos. Então ela estava certa. Ele se lembrava.

A ternura na voz dele embargara a dela. Ela tentou falar, mas sua garganta doía de emoção e seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas. Ele percebeu, pegou a mão dela e a segurou firme. Estava quente.

— Eu fui embora daqui para a casa de minha tia. Lembra-se dela?

— Aquela que lhe obrigava a chamá-la de mãe? Sim, claro que eu me lembro. O que aconteceu lá?

— Ela havia se casado... isto é, depois de muitos anos ela tinha arrumado um homem... um homem mau... ele tentou me...

Ela baixou seu olhar. Envergonhada, tentou puxar sua mão para cobrir o rosto, mas ele a deteve: — Leonora, conte-me tudo. Não tenha vergonha de mim, pequena. Oh, meu Deus! — ele soltou outra imprecação. Dessa vez uma nova para os ouvidos inocentes de Leonora. Deus! Onde ele aprendia tal vocabulário?

— Ele tentou me viole... — ela disse baixinho.

— O quê? Seu maldito padrasto, o marido de sua tia, tentou o quê? Repita com todas as letras, pequena.

— Ele tentou me estuprar. Ele sempre ficava me olhando com aqueles olhos... olhos de esfomeado... um dia, quando a duquesa estava em Londres, eu tinha ido visitá-los e... estava tomando banho... eu vi que alguém me espiava. Eu contei para minha tia e ela me acusou de seduzi-lo. Disse que eu ficava rebo... rebolan... — ela hesitou, corada, e parou.

— Sua tia disse que você ficava rebolando?

— Sim. Quando andava. Mas eu não fazia de propósito...

— Claro que não! Eu sei disso, pequena. Continue.

— E eu parei de ir lá. Mas quando a duquesa me bateu, eu não tinha para onde ir.

— O que aconteceu?

— Ele tentou me violentar quanto minha tia estava no pub bebendo, ela sempre faz isso, ele também, mas naquele dia ele tinha deixado a minha tia lá e voltado sozinho para casa.

— Ele voltou com esse propósito. Desgraçado — o duque bradara, indignado. Seus olhos estavam escuros de ódio e seus dentes cerrados. Mas a mão que segurava a dela mantinha a ternura. — O que fez, pequena, para escapar do maldito?

— Eu bati na cabeça dele... acho que o matei, pois bati com muita força... com um ferro... eu tinha esse ferro... eu tinha medo dele...

— Não se preocupe. Tomara que esteja morto, senão eu mesmo o matarei com minhas próprias mãos. E aí você fugiu para o celeiro de Pudhoe Castle.

— Sim e não — ele riu, pois ela o fazia sem perceber. — Fui para a cabana da May, mas tinham ateado fogo nela e só havia cinzas. Eu estava com muito frio e lembrei que o estábulo da fazenda Lovel era limpo. Dormi lá uma noite. Mas eu não podia dormir lá na noite seguinte também, pois era muito arriscado. Sir Lovel é muito... deixa pra lá. Foi aí que me lembrei do celeiro de Pudhoe Castle, pois o feno da vaca era sequinho... lá era quente e a vaca muito limpa.

— Foi onde a encontrei. Por que fugiu de mim?

— Eu não o reconheci, milorde. Passou tempo demais.

— Leonora, vou lhe fazer uma pergunta e preciso que seja sincera comigo.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Desconfia de alguma razão para lady Browne te odiar, como a senhorita mesma disse?

Ela novamente balançou a cabeça afirmativamente.

— Então me diga, pequena.

— Sua Gra..., quero dizer, lorde Pearl, eu respondi todas as suas perguntas. Posso não responder somente a essa?

— Não. Não pode. Responda-me.

— Por favor, Sua Gra..., lorde Pearl. É algo que muito me constrangerá...

— Se não disser a mim eu irei perguntar à lady Browne.

— Ela lhe mentirá outra vez...

— Por isso estou perguntando para a senhorita.

— É tão embaraçoso... tão... tão... já passou por algo embaraçoso, milorde?

Ele riu.

— Sim, pequena. Todos passam por situações embaraçosas alguma vez na vida. Hoje mesmo passei por uma — disse ele e ela sabia a que ele se referia.

— Milorde, eu posso lhe fazer uma pergunta só?

— Não desvie do assunto, pequena. Mas faça-a.

— Por que ficou cinco anos sem vir a Newcastle?

Ele olhou-a surpreso novamente. Hesitou.

— Conto o motivo em outra ocasião. É uma longa história e a senhorita precisa descansar. Não escutou o que doutor Ross disse?

Como ela ia protestar, ele acrescentou: — Dou-lhe a minha palavra que lhe contarei. Confia em mim?

— Sim — ela respondeu.

— Então conte-me por que lady Browne a odeia.

Ela suspirou. Ele não a deixaria em paz. Ela teria que falar.

— Por causa de um diário, milorde.

— Diário? Que raio de diário?

— O meu diário. Um simples caderno, na verdade.

— O que tem esse caderno?

— Ele desapareceu misteriosamente alguns meses depois da chegada de

lady Browne aqui em Pudhoe Castle.

— Por que você desconfia dela? Trata-se de uma grave acusação, senhorita.

— Por isso eu não queria falar, milorde.

— Mas se desconfia dela deve ter seus motivos. Quais? Diga-me sem hesitar. Vou acreditar em você.

— Ela nunca gostou de mim... e é a única, além da duquesa, da governanta, do mordomo e de mim que sabe ler aqui. O administrador não vai aos aposentos dos criados. Eu não imagino por que Mrs. Mauleye, Mr. Brum quisessem ler meu diário, mas desconfio que Muriel tenha seus motivos.

— Quais motivos? — ele perguntou e ela corou. Ele leu a resposta em seus olhos. Ela sabia.

— O que você havia escrito em seu diário, pequena?

Depois de alguns instantes, em que ela se manteve calada, corada até a raiz dos cabelos, ele disse: — Deixe-me reformular a pergunta. O que você tinha escrito em seu diário tinha alguma ligação com a frase que eu a ouvi falar enquanto sonhava? Como era a frase mesmo? Lembrei-me: “Mas aquilo foi apenas um sonho juvenil”.

Ela balançou a cabeça concordando, mas não ousava olhar nos olhos dele.

— O que tinha escrito mais lá, pequena? Acabe logo com isso e diga-me.

Silêncio. Hesitação, mão esquerda segurando com força a manta. Ele colocou a mão sobre a dela e a imobilizou sob a dele. Ao mesmo tempo em que se aproximava mais para ouvi-la. Ela não tinha saída.

— Eu havia escrito que me... casaria... com...

— Que se casaria com quem?

Ele não facilitava as coisas para ela. Parecia até que se divertia. Leonora teve vontade de socá-lo. Talvez até fizesse isso se seu ombro não estivesse enfaixado e ele não segurasse a sua única mão boa.

— Com o lorde, droga! — gritou ela e ele deu uma gargalhada.

— Eu era uma garota de 13 anos.

— Então agora não quer mais se casar comigo e se tornar a duquesa de Pudhoe?

— Nem se a guilhotina francesa estivesse sobre o meu pescoço.

Pudhoe deu outra gargalhada e se levantou ainda rindo.

— Bem, pequena. Já que não quer mais se casar comigo, não podemos ficar trancados durante horas nesse quarto. A sua reputação poderá ficar para

sempre manchada.

Embora esse fosse o maior sonho da vida de Leonora ela sabia que um duque jamais se casaria com uma criada.

CAPÍTULO III

O baile

Deixada sozinha, Leonora se pôs a planejar sua próxima fuga. Agora ele sabia a verdade, portanto, ela não temia por sua metamorfose, mas sim por seu próprio coração. A sua paixão juvenil tinha crescido e se transformado numa adoração. Antes que ele percebesse que ela o queria, que o desejava, ela precisava fugir dali. Mas como sair numa noite de inverno e com apenas o que usava? Sem falar que estava ferida e cansada. Ficaria até que seu vestido se secasse. Decidiu. Certamente no outro dia cedo o seu grosso vestido de calamanco[1] estaria apto a ser usando novamente. Bocejou. O corpo esgotado pela noite mal dormida ao lado da vaca da duquesa clamava por descanso. Adormeceu.

Acordou na manhã seguinte com dor e com alguém reavivando as chamas da lareira. Era uma criada desconhecida ou uma espécie de enfermeira. A matrona falou sorrindo para ela: — Bom dia, milady. Meu nome é Fanny Chapman. Mas todos me chamam de miss Chapman. Trouxe o seu desjejum e seus remédios? Como passou a noite? Sente dor?

— Bom dia! Passei bem à noite, sinto um pouco de dor agora, mas há um engano, miss Chapman. Eu não sou uma lady. Sou uma simples criada.

— Desculpe-me, milady, mas Arthur Pearl Clifford, o duque de Pudhoe, foi ontem à noite em Alnwick Castle, de madrugada, com essa nevasca toda, para solicitar ao meu Senhor, o conde de Northumberland, a minha presença aqui para cuidar de milady. Acordou todo mundo, inclusive Sua Senhoria, o conde. Eu conheço lorde Clifford há anos, pois fui a babá de Edward, isto é, do conde, e eles são amigos desde criança, e não imagino que o grande e poderoso duque de Pudhoe se desse a esse trabalho por uma simples criada. Portanto, tratá-la-ei como fui ensinada a tratar uma futura duquesa.

— Miss Chapman, por favor, eu era a ama da duquesa viúva de Pudhoe, portanto, uma criada como você. O duque apenas me conhece desde criança, por isso todo esse cuidado para comigo.

— Criança — disse miss Chapman, carinhosamente. — Então parece que estou diante de um conto de fadas, milady, pois o duque veio de Alnwick até Newcastle fazendo-me recomendações sobre a sua segurança. Pediu-me que não permitisse que ninguém, além dele mesmo e do doutor Ross se aproximasse da senhorita e que até o seu alimento e o meu fossem preparados

por mim. Alguém tentou envenená-la, milady? Como seu desjejum, querida, eu mesma o preparei, fique tranquila.

Leonora não respondeu. Estava muito surpresa, queria fazer muitas perguntas à miss Chapman sobre o comportamento do duque, mas estava muito faminta. Havia dias não fazia uma refeição decente.

— Vamos, deixe que eu lhe alimente, milady — disse miss Chapman —, enquanto isso me conta como se machucou. Lorde Clifford apenas me contou que a lady estava ferida, mas não me deu nenhuma brecha para perguntá-lo como se feriu.

— Eu caí sobre meu ombro quando pulei a porteira.

— Mas o que fazia sobre uma porteira, milady?

Então, para a surpresa de miss Chapman, Leonora narrou sua recente aventura, mas sem entrar em detalhes sobre o passado.

— De uma coisa eu tenho certeza, milady. Dormindo com vacas ou não. Conheço lorde Clifford há muitos anos e nunca o vi tão preocupado assim com moça alguma. Mas isso é assunto dele, o duque é muito reservado nessas questões. Meu Senhor, o conde de Northumberland, graças a Providência, estava em Alnwick Castle para permitir que eu viesse aqui cuidar da menina; que bom que pude vir também. Certa vez, meu Senhor disse que o duque quase morreu na guerra. Seria uma pena um rapaz tão belo morrer daquela forma, sem deixar um herdeiro. Sim, estou diante de um conto de fadas, sei reconhecer um quando vejo...

Após comer tudo que miss Chapman colocava em sua boca e ouvir muitas histórias sobre seu ‘Senhor’ e o duque, Leonora foi cuidar de sua toalete auxiliada pela falante criada. Na mente de Leonora, contudo, uma ideia estava sendo amadurecida: como convencer miss Chapman a levá-la consigo para Alnwick Castle sem que o duque soubesse? Quem sabe ela não conseguisse um trabalho lá? Estaria longe de lady Browne, da condessa viúva e de todos os empregados de Pudhoe Castle. E, principalmente, longe do duque.

— Miss Chapman. Eu preciso de sua ajuda — pediu Leonora.

— Sim, milady. O que precisa que eu faça? Se for sobre seus vestidos, o duque já me informou que ainda hoje terá um enxoval completo. Ele já mandou a costureira de Newcastle prepará-lo com urgência usando os seus próprios vestidos “molhados”, foi isso mesmo que ele me disse, como moldes.

— Ai, meu Deus! — Leonora exclamou. — Sim, preciso de meus

vestidos, mas dos meus próprios vestidos. Estavam molhados ontem, mas hoje devem estar secos.

— Com esse tempo inclemente! Duvido, milady! Mas vou dar uma olhada assim que terminar de enfaixar esse ombro e desembaraçar esse cabelo. Que belo cabelo a miss tem! Mas estão muito embaraçados. Não é para ser diferente mesmo, dormir com uma vaca! Se eu não tivesse escutado isso da sua própria boca eu não acreditaria. O que dirão lá em Alnwick quando eu contar que conheci uma dama que passou uma noite toda aconchegada a uma vaca... Ah, não se preocupe, não direi que se trata da menina. Contarei a história, mas omitirei de quem se trata. O duque não vai gostar de saber que eu espalhei para todo o condado que sua protegida dormiu com uma vaca, seja qual for a estirpe da vaca. Vaca é vaca, não é? Embora eu ache tudo muito romântico...

Quando, finalmente, miss Chapman saiu à procura dos vestidos de Leonora, o duque entrou no quarto.

Leonora sobressaltou-se.

— Assustei você? Como passou a noite, pequena?

Leonora percebeu que sob os olhos dele havia olheiras escuras. Parecia que não tinha dormido.

— Eu passei bem, milorde. Mas lamento que, para que eu tivesse conforto e segurança, o lorde tenha perdido uma noite de sono.

— Não foi nada — ele respondeu, sorrindo.

— Por que não vai descansar um pouco agora, milorde?

— Doutor Ross virá vê-la e quero estar presente. Como se sente? Dói o ombro?

— Estou bem, obrigada. Miss Chapman já me deu casca de Salgueiro para aliviar a dor. Mas... eu estive pensando, milorde — disse ela mudando de assunto, — por que não me deixa ir para Alnwick Castle com miss Chapman? Ela me falou sobre o conde de Northumberland e que vocês dois são amigos desde criança. Eu sei que sempre lhe dei trabalho, desde criança, mas, talvez, somente mais essa vez, se pedisse a ele um trabalho para mim. Qualquer trabalho, eu só preciso de um teto para ficar em segurança.

— Edward Percy? Pedir a ele que cuide de você? Jamais! Seria como jogar uma galinha a uma raposa. Quando o doutor Ross chegar eu vou perguntar-lhe se a senhorita pode viajar e vou levá-la para Londres. Miss Chapman irá como sua enfermeira e ficará lá como sua dama de companhia. Então, embora esteja em Pudhoe House, sua reputação estará intacta.

— Londres! Eu? Eu nunca estive em Londres.

— Eu sei. Irá comigo agora.

— Mas, por quê? Por que está fazendo isso por mim?

— Eu não sei, pequena. Talvez porque a vi chorar quando criança sob aquele carvalho. Ou, talvez, porque conheci Patrick Smith e gostasse muito dele. O que eu sei é que me sinto responsável por você, Leonora Smith. Portanto, nada que a senhorita me fale fará com que eu mude a resolução que eu já tomei. Você irá para Londres assim que o médico autorizar.

LEONORA estava em Londres havia três meses. Seu ombro tinha sarado completamente e naquele dia ela tinha recebido um bilhete da duquesa viúva de Pudhoe avisando que ela — miss Smith como a duquesa se referia a ela — iria a um baile na casa do conde francês Saint-Pierre-de-Maillé como sua dama de companhia. Leonora ficara em choque com aquele convite-ordem.

Há dias ela não via lorde Clifford. Desde que chegara a Pudhoe House, o duque se mantivera distante dela. Miss Chapman, através do valet do duque, ficara sabendo que o lorde estava na França com um tal de Oliver Ashlie Stanhope, duque de Belvoir, e com o conde de Northumberland. Outra informação que Leonora soubera é que o tal conde era conhecido como lorde Hotspur. Ela se perguntava a razão pela qual o nobre levava aquele apelido e ficava enciumada pelo duque preferir a companhia de alguém chamado Hotspur a dela. O que o trio do norte inglês fazia na França Leonora não sabia dizer. Arthur Pearl não lhe devia satisfações.

Agora ter que fingir que era a dama de companhia da duquesa, pois lady Muriel Browne, segundo a duquesa, estava doente de Peste Vermelha,[\[2\]](#) uma doença contagiosa, a intrigava. Não pela doença, mas pela inesperada ordem. A mulher nunca havia se desculpado por ter lhe batido, e agora aquele convite inusitado. Mas o que mais tinha entristecido Leonora fora o que a duquesa escrevera no final da nota: ‘Arthur Pearl Clifford, o duque de Pudhoe, ficará noivo no baile dessa noite e eu, como a mãe dele, não posso chegar ao evento desacompanhada’. Por que ela não leva miss Chapman com ela? Por que tem que ser eu? Na verdade, Leonora sabia. A malvada mulher queria colocá-la em seu devido lugar. Queria dizer-lhe claramente que o duque se casaria com uma dama nobre e não com a filha do cocheiro. Leonora sempre soubera daquilo. Embora estivesse apaixonada por ele, tinha

consciência de que jamais seria a duquesa de Pudhoe. Não precisava que a duquesa viúva se desse àquele trabalho todo, o de suportar por uma noite toda a sua antiga ama ao seu lado como sua dama de companhia. Por mais bem-vestida que ela estivesse, com um dos vestidos que o duque lhe dera de presente, Leonora sabia que sempre seria uma criada. Mas não havia como escapar. Ela teria que ir e presenciar o noivado do homem a quem amava com outra mulher.

Seria por esse motivo que o duque me trouxera para Londres? Para que eu me tornasse a ama de sua mulher? Certamente. Ele nunca mais sequer falou comigo.

Com a ajuda de miss Chapman ela escolheu seu vestido. Era azul como seus olhos. Miss Chapman penteou seus longos cabelos e os prendeu como as damas londrinas usavam: um penteado com o qual ela não estava acostumada, mas submeteu-se às habilidosas mãos da mulher. Estava triste e sem forças para opinar fosse sobre qualquer assunto. Que miss Chapman a penteasse como quisesse.

Leonora olhou-se no espelho e mal se reconheceu. Ela, pela primeira vez, estava se achando linda. Seus olhos, porém, estavam tristes. Miss Chapman a interpelara sobre o motivo de tanta tristeza, mas Leonora dissimulou uma alegria fingida e também não permitiu que miss Chapman lesse o bilhete da velha duquesa. Já bastava sua dor, para que testemunhas?

A carruagem ducal passou para pegá-la no horário marcado na nota. Quando ela entrou no veículo, a duquesa já esperava por ela lá dentro. A dama e seu vestido ocupavam todo um banco. Leonora sentou-se de costas para o cocheiro, embora viajar naquela posição lhe fosse muito desconfortável. A nobre dama cumprimentou-a com apenas um seco: — Miss Smith. A que Leonora respondeu: — Sua Graça.

Foram em silêncio até a mansão onde ocorreria o noivado do duque de Pudhoe. No trajeto até lá, os únicos sons que ela ouvia eram o trepidar das rodas da carruagem e o tropel da parelha. Não falaram sobre o tempo em maio em Londres, nem sobre as flores que coloriam os jardins da cidade, sobre nenhuma amenidade. Apenas o silêncio.

Quando chegaram a imponente mansão na Raymond's Buildings foram recepcionados por um laçao de libré e levadas até o hall onde o mordomo lhes recebeu e levou-as até os anfitriões, o conde e condessa de Saint-Pierre-de-Maillé. Leonora fora apresentada apenas como miss Smith, a acompanhante, portanto, tratada com despreço e negligenciada à desatenção.

Embora Leonora tivesse sentido o olhar da condessa de Saint-Pierre-de-Maillé numa avaliação minuciosa de cima a baixo.

O baile já estava em andamento, o luxuoso salão decorado em dourado e preto estava lotado, a duquesa foi na direção das matronas e para onde ela teria que ir também.

Discretamente, Leonora olhou ao redor à procura dele. Como ela estivesse sentada atrás da duquesa podia perscrutar o salão sem ser vista. Vislumbrou com encantamento os casais que dançavam com lindas e bem-vestidas damas. Ela nunca tinha visto tanto luxo, nem nos livros em que lera imaginara tanta opulência. Percebeu que perto daquelas damas ela parecia uma sombra azul. Mas onde estaria o noivo? Ela se perguntou, pois Arthur Pearl não estava dançando, tampouco no salão. Foi quando ela ouviu um murmurinho, depois um silêncio, e ela observou que todos olhavam expectantes para cima, para a porta de entrada ao salão. E ela o viu.

Provavelmente os quatro cavalheiros seriam o que chamavam de quarteto do norte. Os quatro eram magníficos, cada um tinha sua própria beleza, embora fossem diferentes em suas feições havia um quê de semelhança entre eles. Leonora não soubera identificar exatamente o que os fazia semelhantes. Talvez porque os quatro estivessem vestidos de forma sóbria, fossem todos de estatura alta, ou porque em todos os membros do quarteto havia uma aura de poder. Mas os olhos de Leonora se detiveram em um deles. Seu coração disparou. Por mais incrível que aquilo lhe parecesse parecia que ele também olhava atentamente na direção onde ela estava.

O quarteto desceu e logo foi cercado por dezenas de pessoas. Leonora percebeu que as damas se moviam na direção deles, jovens, matronas, até os cavalheiros os cercaram. Sentiu-se mais uma vez acanhada por estar ali. Aquele lugar não lhe pertencia, assim como ela não pertencia aquele lugar. A duquesa quisera humilhá-la, ridicularizando-a, e conseguira seu intento. Leonora se sentia terrivelmente envergonhada e diminuída.

Mas a duquesa viúva de Pudhoe ainda não estava satisfeita. Apontou para ela, a futura duquesa de Pudhoe: uma linda dama estava pendurada no braço dele, uma loira belíssima, cuja pele possuía uma alvura que Leonora invejou. Não havia uma só marca, um único defeito, enquanto a pele dela era cheia de sarda. Sardas que o sol havia salpicado em seu nariz. Não sairiam, ao menos que ela o arrancasse. Pensou ela, suspirando de descontentamento. Não era apenas no nariz, as sardas pintavam seu corpo em diversas partes. Trancar-me-ei em um convento. Lá elas não ficarão visíveis. Pensou ela, soltando

outro longo suspiro. Era para onde ela iria depois daquela noite.

— Eu não esperava encontrá-la por aqui, duquesa — de cabeça baixa como estava, Leonora sobressaltou-se quando escutou a forte voz dele — menos ainda, miss Smith — o duque aproximou-se dela e, pegando-lhe a mão, levou-a aos lábios demoradamente. — Como vai, miss? — os olhos dele encontraram os dela. Ela viu tristeza neles e ele não podia ter enxergado outro sentimento se não abatimento e melancolia nos dela.

Leonora fez menção de falar, mas foi interrompida pela duquesa: — Como não, Arthur? O meu filho, o herdeiro do ducado de Pudhoe, vai anunciar o seu noivado e a duquesa viúva não estará presente para ver tal conquista?

Ele não respondeu, embora enigmáticos olhos tenham caído sobre a velha dama por instantes. Mas ele voltou-se para Leonora e perguntou: — Já dançou essa noite, miss Smith? Dar-me-ia a honra dessa dança?

— De forma alguma, Arthur! Não é apropriado que faça isso. Miss Smith é a minha ama.

— Ama não, Sua Graça. Dama de companhia de uma duquesa. Não é este o papel que ela representa hoje?

— Mesmo se isso fosse verdade, Arthur, um duque não tira damas de companhia para dançar.

Mas o duque de Pudhoe mal ouviu a mãe, pegou Leonora pela mão e saiu levando-a em direção à pista de dança. Ela, na tentativa de dizer que a duquesa tinha razão, que aquilo não era apropriado, não se deu conta de que todo o baile olhava para eles: — Eu não sei dançar, lorde Clifford — finalmente conseguiu falar.

— Então venha comigo, pequena — Pudhoe a levou na direção da porta francesa e quando Leonora percebeu estavam num extenso jardim. Ele continuou andando como se conhecesse muito bem todo o arredor e levou-a para um caramanchão que lhes dava proteção dos olhares curiosos.

Tudo aconteceu tão repentinamente. Ele a enlaçou pela cintura e a trouxe para perto. Ela tremia, de frio, emoção, ou ambos. Mas os braços que a envolveram estavam quentes e Leonora sentiu exalar dele o cheiro que tanto amava. A fragrância que trouxera as lembranças de quando o conhecera sob o carvalho, o bálsamo do lenço que secara suas lágrimas, a essência que o tempo levava do casaco que ela jamais devolvera para ele.

— Basta acompanhar meus passos, pequena. Vamos dançar a Serenade[3]. Eu a ensinarei, basta acompanhar-me — a voz cheia de

suavidade e ternura falava próxima aos seus ouvidos.

Era uma linda valsa. O som chegava até ela entorpecendo seus sentidos, misturava-se às batidas de seu próprio coração descompassado, e ela se perdeu nos passos, quando percebeu estava com sua mão sobre o peito do duque. Nervosa, tropeçou e caiu em cima dele.

— Oh, me desculpe... — ela murmurou, envergonhada. Seus corpos estavam colados, Leonora sentia a respiração ofegante dele próxima a sua boca. Inconscientemente fechou os olhos à espera e não esperou muito. O beijo foi exigente. Leonora nunca havia sido beijada antes. Não sabia o que fazer com a língua dele que estava dentro de sua boca e exigia alguma iniciativa da parte dela.

— Eu não sei o que fazer — ela conseguiu murmurar.

— Toque-me com a sua língua, querida, e deixe o resto com os nossos corpos.

E ela fez o que ele pediu. Tocou a língua dele com a sua e estremeceu de prazer. Pareceu ter ouvido um gemido da parte dele, mas as batidas de seu coração a ensurdeciam. Quando deu por si estava com as duas mãos nos cabelos dele e seu corpo estava colado ao dele com avidez.

A música havia acabado, mas seus corpos continuavam a dançar, nenhum dos dois queria por fim a ela. Por fim ele parou, mas não se separou dela. Corpos unidos, lábios colados, mãos que seguravam o corpo um do outro com posse. Ouviram vozes.

— Venha comigo, querida — ele a pegou pela mão e saiu levando-a em direção à carruagem ducal.

— E a duquesa? Eu vim como sua dama de companhia.

— Não, pequena. Venha comigo. Sem a minha proteção eles acabarão com você.

Leonora não discutiu. Sabia que o que ele estava dizendo era verdade. Certamente alguém os tinha visto. A sua reputação estava para sempre manchada. Se ela fosse uma dama rica nunca mais seria aceita como uma, mas ela era uma pobre ama e aquilo não fazia qualquer diferença para Leonora. Entretanto, certamente, ela não desejava ser humilhada perante a sociedade londrina. Não em frente à futura noiva dele.

Quando já estavam na carruagem a caminho de Pudhoe House, ele perguntou: — Como a duquesa lhe convenceu a ir com ela? Conte-me como foi isso.

— Mandou-me um bilhete ordenando. Dizia que lady Browne tinha

contraído a peste vermelha e que ela não podia ir ao baile sem uma dama de companhia. Como milorde não estava para aconselhar-me, eu tive que ir... ela disse que seria o seu noivado.

— Pro inferno se eu ficarei noivo dessa forma! — ele bradou.

— Não era o baile de seu noivado?

— Preste atenção no que eu vou lhe dizer, Leonora — ele parecia com muita raiva. — Não acredite em todas as besteiras que escutar sobre mim.

— Está bem — ela murmurou. Seu coração triunfando de contentamento. Então ele não estava noivo. Ainda.

— Cheguei a Pudhoe House, procurei-a e não a encontrei em parte alguma. Então, miss Chapman me disse que você tinha ido ao baile com a duquesa. Saí imediatamente à sua procura.

— Não iria àquele baile?

— Não.

— Mas... a duquesa me disse que estaria lá... que era seu noivado...

— Já respondi que não, pequena. Acredite em mim. Eu, Edward e Robert Percy, e Oliver tínhamos outro compromisso.

Silêncio. Leonora queria fazer-lhe mais perguntas, tinha tantas. Queria perguntar-lhe por que ela não ia mais a Pudhoe House; por que alguém inventaria um noivado falso para ele; por que ele se preocupava tanto com ela, mas a despeito disso, fugia dela. Mas não lhe fez nenhuma dessas perguntas e disse apenas: — Se lady Browne estiver mesmo com a peste vermelha, a condessa, sua mãe, corre risco de contrair a doença. É muito contagiosa. May me inoculou quando criança, assim como fez com outras crianças pobres lá de Newcastle, e ela me disse que estaríamos imunes à doença. Eu sei como se faz isso, ela me ensinou.

Ele nada respondeu. Mas Leonora sabia que ele tinha escutado. Por que ele estava tão silencioso?

A distância entre a mansão do conde de Saint-Pierre-de-Maillé e Pudhoe House era curta e logo chegaram. Miss Chapman esperava por ela. Parecia muito preocupada. O duque cumprimentou a solteirona, ordenou que ela ficasse de olho em Leonora, e saiu novamente. Não sem antes dizer: — Ouçam bem, miss Smith e miss Chapman: a duquesa viúva não tem ordens minhas para utilizar-se de Leonora como sua ama, dama de companhia ou qualquer outra função que aquela dama tente inventar. Fui claro?

— Sim, Sua Graça — respondeu miss Chapman. Leonora nada falou. Havia muito a dizer, mas ela não ele não lhe deu espaço nenhum, disse aquilo

e saiu em seguida, dirigindo-lhe um olhar que ela não soube interpretar.

Deve ter voltado para o baile. Pensou Leonora. Estava confusa. Ele a havia beijado com paixão. Tinha colado o corpo dele ao dela. Ela sentira como ele tremia de desejo. Mas por que a deixara ali e voltara ao baile? E a pergunta que lhe incomodava: por que a tinha deixado durante todos aqueles meses praticamente sozinha com miss Chapman, se não fosse à criadagem?

Foi dormir e chorou pela primeira vez em Londres. Pior que um sonho impossível é o vislumbre da possibilidade recheado de ambiguidades. O que ele estaria fazendo com ela? Usando-a? Teria o duque de Pudhoe pena da pobre moça do interior? Qual o significado daqueles beijos para ele? Nenhuma de suas dezenas de inquietações tinha resposta que a satisfizesse.

CAPÍTULO IV

Uma armação

Quando Leonora acordou na manhã seguinte ficou na cama à espera de miss Chapman, mas Fanny não apareceu. O que era um comportamento anormal, pois ela sempre acordava Leonora com sua eloquência. Cansada de esperar, levantou-se, fez sua toalete, vestiu-se sozinha e desceu à procura da ama. Encontrou Mr. Oldenburg, o mordomo, e perguntou por miss Chapman.

— Milady não sabe? Miss Chapman foi levada para Northumberland House. Lorde Edward Percy está doente e ela foi cuidar dele. O conde está com a peste.

— Doente? Mas... Oh! Ela nem se despediu de mim!

— Ela tentou, milady, mas Sua Graça não permitiu. Disse que ele mesmo lhe daria o recado.

Leonora há tempo deixara de importar-se que os criados a chamassem por milady. Nenhuma tentativa de sua parte ao afirmar que ela era uma simples ama fora creditada. Portanto, agradeceu ao mordomo e foi tomar seu desjejum na esperança de encontrar o duque ou obter notícias de miss Chapman e do próprio conde de Northumberland. Estava intrigada. Ela mesma vira o conde no baile da noite anterior e ele não tinha nenhum aspecto de doente, muito pelo contrário. Contudo, nem sinal de lorde Clifford e ela ficou envergonhada de indagar a algum criado sobre o paradeiro do duque. Também estava muito envergonhada de ter permitido que ele a beijasse nos jardins da mansão Saint-Pierre-de-Maillé e temia que Arthur Pearl estivesse evitando-a.

À medida que o dia ia passando e o duque não aparecia para falar sobre a partida de miss Chapman, a mente de Leonora criava dezenas de motivos que explicassem não somente a ausência da ama, mas também a do duque.

Ele deve ter se arrependido de ter me beijado; foi por pena; para se vingar da duquesa; ele e o amigo conde devem ter combinado e levado miss Chapman para que eu não tivesse uma dama de companhia; dessa forma não restame outra alternativa a não ser procurar outro rumo; para onde irei? Novamente a ideia de um convento veio-lhe à mente.

Mas não sou religiosa! O que eu farei?

Para acalmar sua mente angustiada encaminhou-se para a biblioteca à procura de um romance. Leria durante a tarde enquanto esperava que o duque

aparecesse. Todavia esperou em vão.

À noite, quando já estava prestes a preparar-se para dormir, enquanto andava a esmo pela sala de música, Mr. Trollope, o valet do duque foi falar com ela.

— Boa noite, miss Smith — disse ele.

— Boa noite, Mr. Trollope. Como vai?

— Eu vou bem, senhorita. Mas Sua Graça, não.

— Como assim? O que milorde tem?

— Ele disse que esteve na casa da duquesa viúva de Pudhoe e que contraiu a peste vermelha — disse Mr. Trollope e desviou o olhar.

— A Peste vermelha? Oh, meu Deus!

— Como eu disse ontem, ele esteve na casa da duquesa viúva e, como sabe, aquela casa está contaminada. O médico disse que somente uma pessoa imune à doença poderá cuidar dele. E Sua Graça disse que a senhorita...

Leonora nem o deixou terminar a frase.

— Leve-me onde ele está, por favor, Mr. Trollope.

— Ele está nos aposentos dele, senhorita.

Leonora estremeceu. Ela sabia onde ficava o quarto, pois infindáveis vezes naqueles três meses olhara para aquela porta à espera de ver pelo menos um vislumbre dele. Imediatamente ela se dirigiu para lá.

Ela bateu à porta. Como não houvesse resposta, bateu novamente. Nenhum som vinha do lado de dentro. Ela abriu-a devagar. Perscrutou o enorme aposento. O duque estava deitado na cama. Parecia dormir. Ousadamente Leonora entrou. Quando já estava a um metro de distância da cama ele se virou para ela; esforçou-se sobre os antebraços erguendo o corpo: — Fique onde está, Leonora. Antes me diga se de fato é imune a essa doença.

— Sim, sou, Sua Graça. Tenho certeza absoluta disso — ela afirmou com convicção, embora acreditasse na palavra de May, não podia saber se era imune à peste. Mas mesmo a certeza da contaminação não a afastaria daquela cama. Ela estava apaixonada por ele e daria a sua vida para que ele vivesse.

— Preciso da ajuda da moça que conhece o segredo das ervas — ele sorriu. O coração dela saltou no peito. Ele estava lindo. Seus cabelos estavam levemente desgrehados; estava apenas de camisa e culote, ela se perguntou se perto dele conseguiria ser a profissional curandeira que havia sido em Newcastle.

— Posso examiná-lo, Sua Graça? Não vejo nada daqui.

A única luz no quarto vinha da lareira.

— Aproxime-se, pequena. Pode examinar-me. Estou um pouco avexado por ter contraído essa doença.

De estatura mediana ela teve dificuldade para subir na enorme cama de dossel. Quando finalmente conseguiu elevar-se com dignidade, foi até ele e tocou a sua testa. O simples toque fê-la estremecer.

— Estou tão mal assim, Leonora?

— Por que pergunta, milorde?

— Senti você estremecer. Não me chame de milorde, pequena. Chame-me de Pearl.

Ela não respondeu. Sabia o que ele estava pensando. Eles tinham se beijado de forma apaixonada há apenas uma noite e, na ocasião, com seu corpo colado ao dele, ela não o chamara de Sua Graça, nem de milorde, nem mesmo de lorde Clifford, mas sussurrara Pearl inúmeras vezes em seus ouvidos, como sempre tivera vontade de fazer, desde os seus 13 anos. — Não vejo nenhuma marca em seu rosto — finalmente ela falou.

— As marcas estão em meu corpo, Leonora — disse ele, retirando lentamente a alva camisa. — Veja aqui — ele apontou para a direção de seu peito. Ou seria do seu coração? Leonora aproximou sua face da região, mas também nada viu, a não ser uma grande cicatriz. Ela levou sua mão e a tocou. Ele estremeceu.

— Dói? — ela perguntou, surpresa.

— Muito.

— Dói muito?

Ele não respondeu. Levou as duas mãos à cabeça de Leonora e a trouxe para ele, beijando-a com uma fome que fez o coração de Leonora saltar. Amolecida de desejo ela esqueceu-se da Peste Vermelha e abandonou-se sobre o corpo dele. Assustada, mas ao mesmo tempo apaixonada, ela fez como ele a havia ensinado. Encostou sua própria língua a dele e deixou que seu corpo a guiasse para as águas inebriantes da paixão e do desejo. Mas sua carne era traiçoeira, o queria, e quando Leonora deu por si, as mãos de Pearl tinham puxado seu vestido para baixo e seus seios estavam livres, mas sob o domínio dele. Ele os acariciava e os beijava, tomava-os com sua boca quente, murmurando o quanto ela era linda e o quanto ele a desejava. Ousada, ela também o beijava na boca, no pescoço e viu-se passando sua língua sobre os mamilos dele naquele mesmo peito onde ela tocara a sua cicatriz.

— Minha doce e linda pequena — gemeu ele, beijando suas sardas, as mesmas que ela queria arrancar de seu corpo. Do nariz ele passou à boca e

tomou-a novamente com paixão num beijo que fazia com que todas as defesas de Leonora ruíssem. Enquanto a beijava, as mãos dele passeavam pelo corpo de Leonora e seus gemidos baixos e roucos eram as respostas que ele precisava para prosseguir. Seu vestido já tinha sido tirado por ele e ela mal se dera conta daquilo. Ele voltara aos seus seios, tomando cada mamilo e sugando-os para que nenhum dos dois se queixassem de negligência da parte dele. Devagar, ele desceu para seu estômago, depois beijou o umbigo, contornando a reentrância com sua língua, numa carícia arrebatadora. Desesperada, ela viu que ele havia descido e se posicionado entre suas pernas, beijando-a lá, na mesma região que ela o vira olhando no dia em que pegava seu próprio casaco.

— Oh, o que está fazendo?

— Deixe-me ensiná-la, querida.

— Ensinar-me? Aí? — ela tremia de desejo.

— Sim. Apenas sinta. Quero lhe dar prazer.

E ele deu. Leonora se contorcia à medida que ele a beijava, contornava sua feminilidade com sua língua, ao mesmo tempo em que introduzia nela um dedo, não satisfeito, dois.

— Minha doce pequena. Adoro o seu gosto. Seu mel jorra para mim, sinta isso — e ele introduzia e tirava os dedos de dentro dela numa carícia alucinante, ao mesmo tempo em que a sugava.

— Ah, eu não sei o que eu quero — disse ela, desesperada.

— Eu sei o que quer, minha inocente pequena, e vou dar a você.

Ele a pegou pela cintura e virou-a como se ela fosse uma boneca de pano; pediu que ela ficasse naquela posição, colocou-se atrás dela e continuou a beijá-la lá, à medida que se livrava de suas próprias calças. Leonora, num lampejo, viu que ele segurava o seu próprio membro. Aquela visão levou-a ao ápice de seu desejo, pois ele a sugava à medida que se tocava. Ela não entendia, por que ele não a tomava como o touro da fazenda fazia com a vaca da duquesa?

— Por quê? — ela perguntou, olhando para o membro turgido de desejo por ela.

— Hoje não, meu amor. Dói na primeira vez. Hoje só quero lhe dar prazer.

— Eu quero que doa, não me importarei — disse ela. Ela o queria desesperadamente.

— Não, pequena, meu amor. Ainda não. Apenas sinta e olhe — ela o fez.

Olhou para o membro sob o próprio domínio dele, ao passo em que ela também estava sob seu domínio, subjugada por sensações indizíveis. Todo o corpo dela estremeceu e ela caiu numa onda de prazer tão grande que mal ouviu quando ele, também no ápice de seu prazer, murmurou: — Terá todo ele se aceitar ser minha amante.

Sentindo-se envergonhada e humilhada, Leonora pegou seu vestido e saiu às pressas do quarto. O corredor estava às escuras, mas ainda assim ela conseguiu achar seu quarto. Chorando, ela trancou a porta.

Então ele pretendia fazer dela a amante. Ele se casaria com aloirada pele de marfim e teria uma sardenta quente como amante. Decerto lhe daria uma modesta casa, vestidos, joias e ficaria com ela até que enjoasse. Depois ela estaria por sua própria conta, sozinha e ferida, Fugiria.

De novo? Uma voz ecoou em sua mente.

— Sim, de novo, enquanto fosse necessário.

Era tarde da noite. O que faria? Para onde iria?

França. A mesma voz que acusara minutos antes lhe dera a resposta.

— Sim. Paris.

Um nome nunca saíra da mente de Leonora: Marie Besnard. Quando certa vez perguntara à mãe quem lhe ensinara dois idiomas, pois seu pai era analfabeto, a mãe lhe dissera que a condessa Besnard, para quem ela trabalhara como ama em Paris, a havia ensinado.

— Procurarei a condessa Besnard.

Leonora sabia que a condessa poderia estar morta, mas ela não tinha outra escolha, era Paris ou um convento, e este último ela não sabia se seria aceita. Com efeito, ela não tinha para onde ir, até miss Chapman a havia traído. Fora tudo uma armação. O duque nunca estivera doente, a doença foi apenas a forma que ele usou para atraí-la ao seu quarto sem testemunhas. Ela, inocente, pensou que ele a amasse e o teria recebido dentro dela de bom grado.

Alguém bateu à porta. Ouviu a voz dele chamando por ela.

— Vá embora — ela gritou.

— Abra a porta, pequena. Preciso falar com você — ele respondeu.

— Volte para a cama, Sua Graça. Milorde está muito doente.

Duas horas depois, de trouxa pronta, com apenas seus dois gastos vestidos de outrora, ela abriu devagar a porta para olhar para o escuro corredor vazio. Leonora tinha um pouco de dinheiro. Era pouco. Mas guardara cada shrink do que a duquesa havia lhe dado na ocasião da morte de seu pai, talvez por

remorso pela forma como o tratara em vida. E era com este dinheiro que ela iria embora.

Desceu a enorme escadaria atapetada, correu na direção da porta de saída. A porta rangeu quando foi aberta, mas Leonora não esperou para ver se alguém tinha escutado. Correu desesperada pelas escuras ruas de Londres, aparentemente vazias àquela hora. A dor da perda era o seu combustível; a raiva de si própria, a sua coragem; fora uma tola ao acreditar em um conto de fadas. O porto em Dover era seu destino. Não fazia ideia onde ficava Dover, mas lera que era em Kent. Pegaria um coche de aluguel até lá e embarcaria no primeiro navio para Calais, e depois outro coche para Paris.

CAPÍTULO V

O quarteto do Norte

Prudhoe quase não dormira àquela noite. Praguejara grande parte dela por ter seguido o maldito conselho de lorde Edward. O amigo lhe dissera para deflorar a moça e pronto, já que o próprio conde havia observado que Leonora o vigiara com os olhos à noite inteira. Ele e o conde de Northumberland tinham sido amigos a vida toda, um conhecia o outro apenas pelo gestual, quando ele deixara Leonora em casa e voltara ao baile na noite anterior, lorde Edward entendeu tudo só de olhar para ele: — Está apaixonado pela dama, eu sei. Por que não se casa logo com ela e arruma o herdeiro de que tanto precisa?

— Apaixonado? Deve estar brincando, Percy.

— Quando me chama de Percy, eu sei que está mentido, Paddy. É evidente que está apaixonado por ela. Toda Londres viu quando Sua Graça saiu puxando a moça pelo braço. Saiba que eu sei qual foi a sua intenção e o que você fez com ela no jardim.

— Jardim? Como sabe que eu a levei para o jardim para... e não me chame em público por esse apelido de criança.

— Sei que a levou para o jardim porque o conheço, Arthur Pearl Clifford, duque Pudhoe, Sua Graça previsível, conhecido na infância por Paddy — respondeu o conde que, àquela hora da noite, já tinha bebido além da conta.

— Está bêbado, Edward. E essa sua mania de descobrir o que se passa por minha mente é odiosa.

— Não estou bêbado. Desembucha logo. Quando me chama pelo meu nome de batismo já sei que quer confessar alguma coisa.

— Está bem. Está bem. Maldição! Mas ela é ama da minha mãe. Como posso fazê-la a duquesa de Pudhoe? Ela é uma simples serviçal.

— Ela não me pareceu uma simples criada. Ela pode ter sido ama da duquesa viúva, mas hoje se portava como uma dama.

— Minha mãe jamais aceitará uma coisa dessas!

— Pare de jogar seus próprios preconceitos irracionais sobre a duquesa sua mãe, Pearl. Esquece que conheço a história de sua família? A da sua mãe, por exemplo? Ela própria era plebeia quando se casou com o duque, seu pai. Outra coisa: desde quando você se importa com o que a duquesa sua mãe pensa? Ficou cinco longos anos sem vê-la.

— Não quero falar sobre isso, Edward. Sabe por que eu me afastei de lá.

— Desculpe-me. Sim, eu sei. Mas há de convir que estou certo.

— Sim, eu não posso me casar com ela. Quero que ela seja minha amante.

— Bravo! Pelo menos teve honradez de falar o que eu já sabia. Então vá lá, deflore a moça e pronto. Depois de desonrada ela não terá alternativa senão se tornar amante de um duque.

Não desonrara Leonora; por muito pouco. Deus! Como ele a desejava. Doía só de pensar nela. Farei com que me aceite como amante e pronto. Edward tem razão. Para ela é uma honra ser minha amante.

Levantou-se.

Seu valet esperava por ele no quarto de vestir.

— Prepare meu banho, Trollope. Tenho pressa.

— Está melhor, Sua Graça? — o valet perguntou, pois sabia que tudo tinha sido uma encenação e culpava-se por ter ajudado a enganar a mocinha de quem todos gostavam em Pudhoe House.

— Se disser mais uma palavra sobre isso estará na rua e nunca mais arrumará trabalho em Londres.

O valet balançara a cabeça contrariado. Algo dera errado para Sua Graça na noite de ontem.

Quando Pudhoe surgiu para tomar o desjejum, a primeira coisa que perguntou para Mr. Oldenburg foi se miss Smith já tinha descido.

— Não, Sua Graça. Milady ainda não desceu.

Ele tomou seu desjejum devagar para esperar por ela, mas já havia passado duas horas da hora em que ele desjejuara e a moça ainda não tinha descido. Algo atinou em sua mente. Subiu as escadas de dois em dois degraus. Batera à porta. Silêncio. Batera com mais energia. Nada. Testou a fechadura. Destrancada. Pudhoe entrou no quarto apenas para constatar aquilo que ele já sabia. Ela havia fugido.

Pudhoe House não ficava distante de Northumberland House, de forma que ele foi a pé as poucas quadras que separavam as duas imponentes construções. Pudhoe House tinha sido construída no século dezessete, no estilo elisabetano, uma mansão tão grande ou maior que Northumberland House. Continha um edificio central de quatro andares e duas espécies de varandas viradas para cada lado. Naquele dia, Pudhoe passara a pé pelos enormes portões de madeira, não se lembrava de já ter feito isso na vida, pelo menos não na vida adulta. Mesmo com pressa olhou para trás, para as duas colunas dóricas em pedestais com o brasão dos Prudhoe esculpido nelas.

Northumberland House ficava na Trafalgar Square, perto da Buckingham House, próxima a St. Jame's Park e Piccadilly Circus. Era conhecida como a residência londrina da família Percy, os condes de Northumberland, uma das mais ricas e proeminentes dinastias aristocráticas da Inglaterra por muitos séculos. Construída por volta de 1440, pelo primeiro conde de Northumberland, Henry Howard, a mansão medieval era composta por uma fachada de cento e sessenta e dois pés de largura, um único pátio central, uma torre em cada extremidade, um grande salão para bailes, um quarto principal para o conde, e vários apartamentos separados.

Pudhoe tocou o sino e Mr. Mercer, o mordomo, veio atender a porta.

— Bom dia, Sua Graça — cumprimentou Mr. Mercer.

— Bom dia, Mr. Mercer. Chame miss Chapman e miss Smith. Vou esperar na sala verde — e Pudhoe foi entrando, como era de seu hábito havia anos.

— Sua Graça — o mordomo foi atrás dele. — Miss Chapman foi enviada a Alnwick Castle hoje cedo pelo conde, pois segundo Sua Senhoria, sua doença tinha sido um alarme falso. Disse a ela também que o duque não precisava mais dos serviços da velha babá. Eu próprio ouvi o conde dizendo isso para miss Chapman.

— E quanto à miss Smith? Foi com ela? Vou matar Northumberland se ele me fizer viajar mais de trezentas milhas até Alnwick para buscá-la. São quatro dias de viagem, três se eu for direto, sem ao menos parar para dormir.

— Eu não sei a quem se refere, Sua Graça. Nunca ouvi falar de miss Smith. É este o nome?

— Onde está o maldito conde, seu patrão?

— Lorde Edward Percy está no clube, Sua Graça.

Pudhoe nem ao menos agradeceu. Saiu às pressas em direção aos estábulos de Northumberland House e ordenou ao cavaleiro que arriasse imediatamente o cavalo mais veloz. Em pouco tempo tinha chegado ao White's. Lorde Edward estava com lorde Robert, seu irmão mais novo, e com o duque de Belvoir numa animada partida de Faraó.

— Bom dia para todos — disse o duque com uma expressão fechada. — Preciso falar com você, Northumberland.

— Continue sem mim — disse lorde Edward acenando para os parceiros. — Parece que Arthur Pearl ficou sem munição ontem à noite.

Pudhoe nem ao menos respondeu a brincadeira do amigo.

— Ela fugiu — disse o duque.

— Fugiu? Como?

— Fugindo, maldição!

— O que Sua Graça fez com ela?

— Nada.

— Como assim, nada? Fez o que lhe aconselhei?

— Não e sim. Maldição! Já estou até falando como ela.

— Fez ou não fez, Pudhoe? Eu não conheço uma forma de se fazer isso pela metade. Ou entra ou não entra. Entrou? Ou não vai me dizer que foi aquela velha história de se colocar só a ponta.

— Que ponta, que nada! Não coloquei nada...

— Então foi não — disse lorde Edward rindo.

— Não segui o seu maldito conselho na íntegra, Edward. Eu não queria que ela fosse minha amante, obrigada. Quis lhe dar a chance de escolher.

— E ela escolheu fugir — balbuciou lorde Edward e seu olhar ria do amigo.

— Furarei seus dois olhos, Edward, se não parar de rir de coisa séria. Você não entende. Eu abusei dela, embora não a tenha deflorado, fiz todo o resto. Somente quando... quando...

— Entendi, prossiga.

— Somente no fim eu disse que a queria como minha amante. Ela fugiu do quarto, nua como estava. Fui até seu quarto e ela não me atendeu. Hoje fui procurar por ela e o quarto estava vazio. Ela foi embora ontem à noite. Achei que ela estivesse com miss Chapman...

— Mande miss Chapman de volta a...

— Eu sei — gritou o duque interrompendo-o.

— Eu fiz isso com a melhor intenção. Achei que preferisse ficar a sós com a dama.

— Sim. Eu sei disso também. Mas não faço ideia para onde ela possa ter ido. Leonora não conhece ninguém em Londres, aliás, como eu já lhe contei, ela não tem ninguém neste maldito mundo.

— Agora você me deixou preocupado também, Pearl — disse lorde Edward. — Se ela não foi a Northumberland House à procura de miss Chapman, talvez, embora a possibilidade seja remota, ela tenha ido para Alnwick Castle.

— Eu não acredito que terei que ir ao Norte agora — murmurou Pudhoe.

— Não! Vamos nos dividir nas buscas. Eu irei a Alnwick e Newcastle e você vai para outro lado.

— Para onde? Não faço ideia por onde começar as buscas.

Neste instante, o marques de Brandt aproximou-se deles.

— Que bom que lhe encontrei por aqui, Pudhoe. Estava mesmo querendo falar com Sua Graça. Aquela sua propriedade divisa da minha está entregue às moscas. O mato dela está pulando de lado e meus rendeiros estão reclamando...

— Pro inferno os seus rendeiros e o mato... — Pudhoe soltou uma imprecação e saiu andando deixando o estupefato lorde sem ação.

— Sua Graça feriu a minha honra ao tratar-me dessa maneira...quero um duelo...

— Calma, Brandt. Pudhoe está bêbado — disse lorde Edward Percy saindo às pressas atrás do amigo.

— Bêbado a essa hora da manhã? — disse o marquês de certa forma aliviado.

O conde encontrou Pudhoe na sala de jogos já iniciando um bate boca com lorde Hamilton, o visconde de Beauchamp, um sujeitinho mau caráter e com fama de trapacear no jogo e no duelo. Lorde Edward não pensou duas vezes. Acertou Pudhoe no nariz e, com a ajuda de um aturdido lorde Robert e um plácido Belvoir, levou-o para sua carruagem inconsciente.

— Ele ia acabar morrendo em um duelo. Tive que fazer isso — explicou lorde Edward para os outros dois.

— O que aconteceu com Pudhoe para ele estar agindo dessa maneira tão impensada?— perguntou lorde Robert. Belvoir respondeu por ele: — Uma linda dama de azul.

— Dama de azul? — lorde Robert parecia perplexo.

— Sim. Ele está apaixonado — respondeu Belvoir.

— Que Deus me proteja desse mau — disse lorde Robert, rindo, e acrescentou:— o nariz dele está sangrando.

— Ele sobreviverá. Melhor isso ou levar um tiro. Vou levá-lo para Pudhoe House, e você, vá chamar um médico, Robert. Ele deve ter vindo a cavalo — disse lorde Edward já mandando o cocheiro seguir em frente.

— Mas é O'Doherty! Este animal é meu!— bradou lorde Robert surpreso ao ver o cavaliário do clube caminhando na direção deles com um magnífico animal.

— O duque chegou nesse animal — informou o cavaliário.

— Nunca mais deixo meu cavalo no estábulo de Northumberland House —brincou Belvoir. — Imagine o que Pudhoe lhe fez até chegar aqui.

— Obrigado. O animal é meu — disse o aborrecido lorde Robert ao cavaleiro.

CAPÍTULO VI

A caminho de Paris

Na fuga de Pudhoe House, Leonora não imaginara quantos perigos as escuras ruas de Londres espreitavam. Havia se esgueirado pela St Paul's Cathedral, na esperança de que estivesse aberta, mas a catedral anglicana estava fechada. Correu, sempre se mantendo colada aos muros das construções, até St. George Church e ali conseguiu descanso depois de uma noite exaustiva e assustadora, na qual sombras saíam dos becos escuros numa cidade que parecia não dormir.

Acordou cedo, levantou-se do duro banco de madeira e por uns instantes foi difícil acreditar que seu conto de fadas havia virado às avessas. Sempre havia morado em Newcastle, sua primeira viagem na vida tinha sido até Londres, um mundo que a deslumbrara pela imensidão de casas e pessoas. Agora estava às vésperas de iniciar uma longa jornada em direção a um sonho de criança. Recordou as histórias que sua mãe lhe contava – ela ainda uma criança –, porém curiosa. Perguntava à mãe, uma infinidade de vezes, como era a sua terra, a sua Paris, uma cidade que pertencia ao reino da França. Para Leonora, àquela época, do outro lado do mundo. Depois que cresceu, que teve acesso aos livros, estava sempre lendo sobre a França e a Inglaterra e sabia que Londres e Paris eram as duas maiores cidades da Europa, e também quase as duas maiores cidades do mundo. Gostava de comparar as duas cidades. Uma Londres com quase um milhão e meio de habitantes e uma Paris com setecentas mil.

Mas pensar em setecentas mil pessoas desesperava Leonora. Era impossível encontrar uma pessoa desconhecida em Londres, sem endereço, mas mesmo Paris, que era a metade de Londres, era impraticável. Entretanto, a pessoa era uma condessa, Sua Senhoria, Marie Besnard, e não havia setecentos mil nobres, portanto, seria mais fácil. Pensou Leonora de forma otimista. Mas seria o nome Besnard tão comum em Paris como era Smith na Inglaterra? Se fosse jamais a encontraria. Ela ponderava os prós e os contra, quando ouviu vozes entrando na igreja. Decerto não podia ficar ali parada com medo de Paris. A moça do interior vai ganhar o mundo. Disse ela para si mesma, tentando impor coragem à sua mente covarde. Pegou sua trouxa e saiu para a rua à procura de um coche de aluguel.

Lera que para chegar a Paris teria que ser pelo porto de Dover. Mas tudo

que ela sabia havia lido nos livros, ou eram reminiscências do que havia escutado da mãe. Dover ficava a 68 milhas de Londres. Um bom cavalo fazia de oito a 12 milhas por hora, mas ela não iria cavalgando, além de não ter um bom cavalo – sequer um ruim –, não conhecia o caminho, sem falar nos riscos que eram enormes para uma moça sozinha. Uma diligência comum, como a dos Correios, fazia aproximadamente cinco milhas por horas, isso queria dizer 12 a 13 horas de viagem. Restava-lhe alugar um coche e, se tivesse sorte, estaria em Dover em nove horas. Também não sabia a que horas o navio zarparia. Talvez precisasse dormir uma noite em Dover, numa estalagem, e ela não sabia se o seu dinheiro daria para isso.

Encontrou um coche disponível para levá-la a Dover no Spread Eagle Inn, ao lado de Leadenhall Market, no coração da cidade de Londres. Negociou o valor e o cocheiro quis receber adiantado. Ele não disse a que horas chegariam, pois dependia de como estavam as estradas e das trocas dos cavalos, isto é, se conseguiria bons animais nas casas de postas. Embarcou. Estava tremendo. Mas no coche sentiu-se melhor. Estava a caminho de Paris.

Tinha evitado pensar nele, pois seu coração era traiçoeiro. Se recordasse seus beijos, o calor do seu corpo, a força daqueles braços que a envolveram, voltaria correndo para ele e aceitaria ser sua amante. Mas Leonora não podia aceitar isso. Ela o amara a vida toda, sonhara com o inverossímil e agora somente o impossível era aceitável.

Observou que o cocheiro, no final da Gracechurch Street, virou à direita na Eastcheap. Estava fugindo de novo, pela centésima vez. A fuga sempre estivera em seu caminho. Quando criança o fizera incontáveis vezes da casa da tia para a casa de Mary Ponsonby. Havia fugido de seus maus tratos, ora para a casa da bruxa, ora para chorar sob o velho carvalho. Depois de adulta, fugira da duquesa viúva de Pudhoe e da malvada lady Muriel Browne para a casa daquela que fazia papel de sua mãe. E depois de lá para o celeiro. E agora que estava vivendo a sua maior fuga. Leonora sentia um misto de êxtase e pânico.

Não havia gostado do aspecto do cocheiro, mas fora o único que aceitara levar uma moça sozinha a uma distância daquelas. Ele tomou a King William Street a caminho de London Bridge. Leonora, temerosa, estava atenta. Depois, ela observou que ele passou pela ponte de Londres em direção a Southwark, com sua bela catedral. Já saíam da zona mais urbanizada da cidade e, em breve, estariam no condado de Surrey. Ela olhou para trás. Um coche estava colado ao deles. Temia que o duque a seguisse. E se fosse ele?

Seu coração deu um salto. A cor fugiu de sua face. E se ele a obrigasse a voltar? Ela não sabia se temia a ele ou a ela própria. Pois, a simples ideia de estar indo para longe dele fazia seu coração murchar no peito. Mas eu não tenho escolha. Ela repetia o tempo todo. O coche os ultrapassou levantando uma nuvem de poeira negra e se foi. Ela respirou aliviada. Ou seria decepcionada?

Como se competindo com o veloz coche que os ultrapassara, o seu aumentou a velocidade, passando pela Old Kent Road sem que ela tivesse tempo de ver a gasta placa amarelada na frente de uma taberna. Londres havia ficado há muito para trás. Havia algumas casas isoladas ao longo da estrada, mas na fronteira histórica entre Surrey Kent, em New Cross Road, nada mais se via. O coche tomou a direção de Dover.

Já estava viajando há horas. Os cavalos precisavam ser trocados. A primeira parada. Iria aproveitar e comer alguma coisa, não comia desde o jantar do dia anterior.

Depois de New Cross Road, o coche tomou a Deptford Broadway em direção a Blackheath Road. Uma imensa charneca desdobrava-se à sua frente, horas e mais horas de viagem. Solidão. Meu Deus! O coração de Leonora saltou de novo no peito. O que estou fazendo? Tantos lugares, os quais ela nunca ouvira falar. Seu mundo sempre fora Pudhoe Castle e os arredores de Newcastle. Há muito pouco tempo ela conhecera Londres e agora todas aquelas paragens desconhecidas e assustadoras. Pensou em gritar e mandar parar o coche, mas repetiu: eu não posso, eu não tenho escolha.

Após a charneca, não havia mais casas ao longo da estrada até a aldeia de Shooters Hill, depois da qual o cocheiro passou a gritar os nomes para ela. Depois veio a pitoresca aldeia de Welling, com suas flores coloridas, suas construções do século XVII e um simpático e adorável jardim. Pergolados com suas trepadeiras estavam dispostos ao longo da ruazinha, e bancos convidativos abrigavam senhores em conversas animadas. Leonora pensou que adoraria morar ali. Chegou a pensar se ali teria trabalho para ela. Estava longe de Londres, ele jamais a encontraria. Percebeu, contudo, que seu medo do Continente estava fazendo com ela blefasse, ou queria ficar em Welling, pois ali estaria mais perto de Pearl Clifford. Teve vontade de esbofetear-se no rosto.

Mas ela permaneceu no coche à medida que ele rumava para a aldeia de Crayford. Muito tempo depois de passar por Crayford, o cocheiro gritou que estavam chegando a Dartford. Parecia que outra pessoa estava sentada

naquele coche, não ela, a simples garota de Newcastle. Quando ela se deu conta que se tratava dela mesmo, que seu destino estava totalmente em suas mãos, que ela estava sozinha, começou a tremer. Controlou-se logo em seguida, perguntando-se: quem tomou conta de você durante todos esses anos, Leonora Smith? Ela mesma respondeu: você mesma. Então, pare com isso. Você sempre esteve sozinha. Desde o dia em que seus pais morreram. E continua só.

O coche tomou a direção de North Fleet, passando por uma infinidade de fazendas e quintas com seus celeiros e chalés, cujos tetos acinzentados brilhavam àquela hora do dia. Rumaram para Rochester, entrando na rua principal onde era obrigatório passar para ir de Londres a Paris. Ali, o cocheiro parou para mais uma troca de cavalos. Tinham percorrido mais da metade da viagem. Com cavalos descansados, o coche atravessou a ponte do rio Medway. Leonora avistou um antigo castelo à direita e a Catedral de Rochester. Depois de Rochester, o coche rumou em direção a Canterbury. A paisagem entre Rochester e Canterbury era belíssima. E por algum tempo Leonora se sentiu uma viajante comum, admirando a beleza de aldeias, como a de Boughton-under-Blean, um pouco antes de Canterbury.

Estavam quase em Dover. Pouco antes de entrar em Canterbury, o cocheiro seguiu a estrada de St Dunstan's Street até St Peters Street, passagem obrigatória de Londres para Dover. Leonora sentiu um frio na espinha. Estou a caminho da França. Um mundo desconhecido para mim. Suspirou.

Em Canterbury o coche parou para que eles jantassem, uma hora apenas, dissera o cocheiro. Leonora já tinha lido sobre Canterbury, que era famosa por causa de sua catedral, o coração espiritual da Inglaterra, mas ela não a viu. Teria somente uma hora para jantar e aliviar-se, não estava ali como turista e sim como uma passageira em fuga. Lamentou. Mas como a catedral não ficava na estrada para Dover, ela não a veria. Não daquela vez.

Uma hora depois, o cocheiro estava a postos. Saiu de Canterbury por St George's Gate e tomou a Dover Street. O cheiro do oceano estava agora distintamente no ar. Leonora sentiu seu coração bater mais forte. Estava chegando ao porto de Dover e, de lá, aquele país fascinante e exótico chamado França.

Percebeu que o coche estava descendo e que passou por uma vila já no nível do mar. Dover estava às portas, pelo menos ela acreditava. Sua mãezinha havia feito aquele trajeto, só que ao contrário dela. Havia passado

por Lydden e Temple Ewell, e finalmente estava em Dover, nove horas depois de ter deixado a cidade de Londres. O cocheiro desceu a High Street de Dover, em direção ao porto. Leonora foi deixada por sua conta no tumultuado King's Head Inn, ao sul do centro da cidade. O King's Head Inn era onde ela teria que ir para comprar uma passagem para Paris. Informaram a ela que um navio sairia no outro dia às oito da manhã, mas que ela podia pernoitar no navio, pois ele já estava ancorado. Ela, portanto, deveria se encaminhar para a rua Snargate, o bairro portuário conhecido como Pier District e ao King's Head Inn. Leonora estava com fome, pois, tensa, mal comeria em Canterbury. Esgueirou-se para o King's Head Inn e pediu um chá.

O The Vivid ainda não estava disponível para receber os passageiros que pernoitariam lá, então, ela ficou vagueando por Dover no entardecer, viu o Castelo de Dover acima do penhasco. Lembrava-se de ter lido que em 1805, quando Napoleão tentou invadir a Inglaterra, fora aquela a fortaleza inglesa mais estratégica.

Mas escureceu rápido e ela se aproximou do mar aberto para embarcar. Para uma jovem, viajando sozinha, todos os pequenos problemas agigantavam-se. Abraçada à sua trouxa, ela procurava se proteger dos marujos estranhos que se aproximavam dela, tentavam tocar seus seios, e olhavam-na insistentemente. Ela avistou uma família e, apavorada, aproximou-se dela. Viu que se tratava de um pároco pelo colarinho clerical, imploraria pela sua proteção se fosse preciso.

— Senhor, sou miss Smith, estou indo para Calais. Posso ficar com sua família?

— Miss Smith de onde? — o carrancudo homem olhara-a de cima a baixo.

— De Newcastle, senhor.

— Onde está a sua acompanhante?

— Não tenho acompanhante, senhor. Sou a pobre filha de um cocheiro em viagem a Paris para trabalhar como ama.

— É melhor se misturar aos seus — disse ele, virando-se e dando as costas para ela.

A mulher do homem, entretanto, sinalizara para que Leonora ficasse com suas três filhas.

Foi dessa forma que ela conseguiu entrar no barco a remo que a levou até o The Vivid, para sua rústica cabine que dividia com várias outras mulheres, sem ter sido molestada por um dos muitos homens que carregavam as

bagagens para as embarcações ancoradas no porto. Na fuga de Pudhoe House, ela não imaginara quantos perigos enfrentaria. Pensou no que teria que enfrentar ainda em Calais e em Paris.

Deitada no seu beliche ela demorou a dormir, pois do navio ouvia-se os gritos dos homens no porto, e seu coração também estava ferido. Por ele. Deixara para trás o amor de toda uma vida, Arthur Pearl Clifford, o duque Pudhoe, mas ela era uma simples ama e amas jamais se casavam com nobres. Teria sorte se encontrasse a tal condessa Besnard. Senão, teria que construir seus próprios caminhos, que Deus a ajudasse! Dormiu.

A TRAVESSIA teve início. Agora não tinha mais volta. Adeus, Pearl, meu amor. Ela disse para si mesma e grossas lágrimas cobriram a sua visão dos penhascos brancos de Dover, as falésias brancas de Perfidious Albion, vista e apreciada por alguns dos maiores conquistadores do mundo. A travessia de Dover para Calais levaria várias horas, tudo dependeria dos ventos.

A primeira vista da costa francesa, uma torre de vigia do século XIII usada como o farol de Calais, despontou em meio à névoa. Logo depois, ela avistou a primeira aldeia francesa: Sangatte,[\[4\]](#) ao sul de Calais. O navio ancorou no porto de Bassin du Paradis, à entrada do coração medieval da cidade de Calais, que, ironicamente, ficava mais perto de Dover do que a própria Londres.

Finalmente estou em Calais! Ela suspirou aliviada. Ou seria amedrontada? Estou na França, a terra de minha mãe.

Leonora soube que Calais e Dover tinham aproximadamente o mesmo tamanho, Dover cerca de tinha 12 mil habitantes, enquanto Calais 13 mil. Encantada, ela viu o campanário da prefeitura e à esquerda a famosa Notre Dame, construída durante a ocupação inglesa de Calais. Lera que a igreja fora construída por trabalhadores flamengos aliados ao povo inglês, pois toda a população de Calais havia sido deportada pelos ingleses. Uma vez que as pedras eram difíceis de encontrarem Calais, a igreja fora construída com tijolos feitos com a areia das dunas. Notre Dame ainda era uma atração turística muito popular entre os viajantes ingleses, talvez devido as reminiscências da ocupação inglesa do lugar.

Em Courgain, uma vila de pescadores, ela conseguiu um coche para levá-

la até Paris, mas no outro dia, pois o cocheiro não queria aventurar-se a uma viagem noturna de muitas milhas. Leonora vagueou por Courgain, um labirinto de pequenas ruas medievais onde viviam famílias de pescadores da classe trabalhadora, à procura de uma estalagem segura. Fez algumas perguntas, mas os moradores falavam seu próprio dialeto, uma espécie de Francês com um forte sotaque. Mas ela entendeu que havia um lugar seguro para moças, o Hôtel Dessin, o melhor hotel da cidade. Foi para a direção dele que ela foi. Tomara que meu dinheiro dê para pagar por um quarto.

HÁ DIAS, Leonora estava na periferia de Paris. Sentia-se esgotada, seu dinheiro estava quase acabando e ela não tinha tido nem uma pista da condessa de Besnard.

Na hospedaria onde ela se encontrava uma mulher havia lhe dado um conselho.

— Se a pessoa a quem procura é uma condessa somente obterá alguma pista se procurar por ela no palácio do rei. Aqui na periferia ninguém conhece gente nobre não, mademoiselle.

— Mas como eu, uma pobre inglesa, conseguirei que alguém me dê atenção?

— Mademoiselle não vai perguntar ao rei. Vai perguntar a um cocheiro qualquer.

E assim Leonora fez. Passou o dia todo em frente ao palácio de Versalhes na expectativa de conversar com os cocheiros. Já estava desistindo, pois havia falado com dezenas deles e ninguém nunca ouvira falar de tal condessa chamada Marie Besnard, quando um senhor idoso, também cocheiro, aproximou-se de Leonora.

— Mademoiselle está à procura da condessa Besnard? Um colega me disse. É isso mesmo?

— Oh, sim, monsieur ouviu corretamente. Conhece-a?

— O que é dela, mademoiselle? — o velho cocheiro olhava insistentemente para sua face.

— A minha mãe, Juillet, me contou que a condessa Besnard havia lhe ensinado a ler e escrever. Minha mãe foi ama da condessa. Agora que meu pai morreu, achei que talvez, ela estivesse precisando de uma ama...

O velho cocheiro nem a deixou terminar a frase: — venha comigo,

mademoiselle. Eu a levarei à casa da condessa.

O coche a havia deixado no portão. Agora que havia encontrado a condessa, Leonora estava com medo. E se ela não a quisesse como ama? Certamente a nobre já tinha a sua ama de confiança. Talvez ela estivesse precisando de uma ajudante de cozinha. Pensou Leonora. Eu também sei os segredos das ervas. Posso dizer isso a ela.

Tremendo, ela tocou o sino. Alguns minutos depois um criado empertigado veio atender.

— O que se passa? — ele perguntou em francês.

— Eu sou Leonora Smith, uma inglesa e...

— Sei que é inglesa pelo sotaque medonho. O que quer?

— Gostaria de falar com a condessa Besnard.

— Sua Senhoria não atende criados. O que deseja com ela? — o desagradável mordomo perguntou.

— Eu preciso de trabalho, estou com fome...

— Saia daqui — gritou o homem. Leonora assustou-se. Soltou um grito de horror, que foi seguido por outro de uma janela no segundo andar da mansão. Ela estava virando as costas para ir embora, quando ouviu: — Espere, mademoiselle, espere. A condessa quer lhe ver de perto.

— Sua Senhoria quer vê-la? — questionou o mordomo.

— A condessa viu a forma como monsieur tratou esta moça e deseja que eu a leve à sua presença. Venha comigo, mademoiselle.

Uma temerosa Leonora acompanhou aquela criada. Ela estava tão assustada pela forma como fora tratada pelo mordomo que mal olhava por onde a serviçal a levava. Por instante, ela se arrependera amargamente por ter-se enchido de escrúpulos e não ter aceitado a proposta do duque de Pudhoe. Era melhor ser uma amante inglesa de um nobre do que mendigar emprego na França.

Todavia, a cena à sua frente assustou-a. Uma senhora idosa estava caída e outra dama levava um pote de saís ao seu nariz. Mas a forma como a dama fazia acabaria sufocando a idosa.

— Pare — disse Leonora. — Vai matá-la dessa forma. — Eu faço isso. Sou uma curandeira inglesa.

Leonora deitou a mulher e tomou seu pulso. Ela estava viva. Pediu um copo d'água e pingou algumas gotas na testa da senhora. O líquido frio a despertou. A idosa abriu os olhos e parecia que iria desmaiar novamente, quando Leonora disse: — Por favor, não desmaie. Eu preciso da senhora — a

voz de Leonora era suplicante.

Alguma coisa lhe dizia que aquela era a condessa Besnard. As palavras soaram como mágica, pois a dama levantou-se, e, agarrando a mão de Leonora, perguntou: — Quem é você? Como se chama?

— Meu nome é Leonora Smith. Sou inglesa, mas minha mãe era francesa...

— Ai, meu Deus! — bradou a mulher chorando. — Como se chamava a sua mãe?

— Juillet.

— Você é a filha de Juillet. Minha neta, eu soube assim que a vi lá no portão... — a dama falava entre lágrimas e soluços.

— Deve estar havendo um engano, Sua Senhoria. A minha mãe me disse que fora a sua ama, não sua filha.

— Foi isso que ela lhe contou?

Leonora balançou a cabeça concordando, mas olhando nos olhos da condessa, ela já não tinha mais certeza de nada.

— Traga o retrato de Juillet — pediu a condessa.

Leonora esperou ainda segurando as enrugadas mãos da condessa entre as suas. Ou melhor, a velha senhora não havia soltado as suas mãos desde que voltara a si. Minutos depois, duas criadas trouxeram um enorme retrato e Leonora viu-se nele como num espelho, porém, a dama ali pintada estava muito bem-vestida.

— Mas é o retrato de minha mãe!

— Igualzinha a você. Ela tinha 18 anos quando foi pintada.

Leonora não tinha nenhuma dúvida. A sua mãe fora filha daquela mulher.

— Por que ela foi para a Inglaterra? — Leonora sentiu que nunca, de fato, conhecera sua mãe.

— É uma longa história, minha querida neta. Contarei para você hoje à noite — disse a idosa e repetia sem parar: — Oh, Deus! Agora eu tenho motivos para continuar vivendo! Encontrei a minha neta! — e entre choro e orações ela disse: — Você deve estar com fome, não está? Oh, minha querida! Você é bem-vinda à casa de sua avó, à casa de mãe. Ah, por que Juillet mentiu!

— É tão visível assim a minha fome? — Leonora a interrompeu, sorrindo, pois temia que a senhora desmaiasse novamente. Sua agitação era desmensurada.

— Ouvi quando você disse ao mordomo — disse a condessa com carinho,

levando a mão ao rosto de Leonora e acariciando sua face... Dirigindo-se à serviçal: — mande preparar uma refeição substancial para minha neta e peça a monsieur Paul que se dirija ao meu escritório imediatamente.

Após alimentar-se, banhar-se e trocar seu gasto e imundo vestido por outro que a criada levou-lhe —um pouco grande para ela, mas limpo e bonito — Leonora ouviu alguém batendo na porta, e segundos depois escutou um alvoroço: — Exijo vê-la — uma voz forte de homem bradava.

— Como sabe que ela está aqui? — era a voz da velha condessa que, por um passe de mágica, tornara-se sua avó.

— Meu cocheiro a trouxe para esta casa há poucas horas.

Estão falando de mim. Quem será esse homem que exige me ver? Ele está falando do velho cocheiro, aquele que salvou a minha vida, pois se ele não me tivesse trazido à condessa Besnard, que por ironia do destino é minha vó, eu teria que dormir na rua, com fome e...

Leonora saiu do quarto e desceu as escadas em direção às vozes alteradas.

— Eu sou o pai dela — gritou o homem.

— Sua Senhoria abandonou minha filha grávida. Não merece conhecê-la. Acabou com sua honra e destruiu a nossa família.

— Eu a amava e sempre amarei. A culpa disso tudo foi do conde, seu marido.

— Não fale mal de um morto, Sua Senhoria.

— Um morto desgraçado. Se seu marido não tivesse negado à mão de Juillet para mim, nada disso teria acontecido. Nós nos amávamos. Mas ele queria que ela se casasse com o filho de um duque, dizia que meu pai estava falido, que meu condado era uma fraude e ele jamais permitiria que sua única filha se casasse com um conde pobre.

— E Sua Senhoria resolveu raptá-la e desonrá-la — lamentou a velha senhora.

— Não foi rapto. Fugimos juntos em comum acordo.

— E depois abandonou-a grávida, à mercê de toda Paris, repudiada pela sociedade.

— Não tive escolha. A condessa sabe disso. Tive que honrar a palavra de meu velho pai e casar-me...

— Por dinheiro — bradou a condessa.

— Por honra — refutou o homem.

— E Juillet? Como ficou nessa história? Desonrada, grávida, abandonada... só restou-lhe desaparecer.

— Eu sempre a amei. Eu a amo ainda. Sempre amarei. Agora estou viúvo, posso casar-me com ela e assumir a nossa filha.

— Ela está morta há anos. Você a matou, Filippo Raspail.

— Não! Deus! — o homem levou uma das mãos à cabeça e se dirigiu à janela. Leonora observou que ele chorava.

Meu pai!? Então este homem é o meu pai? Patrick Smith não é meu pai?

Leonora só percebeu que também chorava quando o homem, que tinha cerca de 40 anos, aproximou-se dela e abraçou-a. Ele era um bonito homem, alto, olhos azuis como os dela. Os cabelos dele estavam grisalhos, mas dava para notar que um dia foram pretos.

— Minha filha, a filha de Juillet, a filha da mulher... — e ele chorou. O corpo dele todo convulsionava junto ao seu e ela o abraçou.

Por vários minutos, Leonora continuou abraçada àquele homem que lhe chamava de filha. Nada disse, apenas o ouvia dizer que ele a amava, que ela era a cara de sua mãe na mesma idade e que ele sempre a havia amado. Quando ele disse que sua mãe havia morrido odiando-o, ela disse: — Isso não é verdade. Ela não o odiava.

Ele a olhou surpreso, aliás, sua avó também aproximou-se deles pela primeira vez.

— Ela lhe contou sobre mim?

— Não. Mas quando ela adoeceu contou-me de Paris, da condessa... falou dela com amor... disse que tudo que sabia nessa vida lhe devia... quando eu lhe fiz mais perguntas, ela respondeu que tinha sido a ama da condessa.

Sua avó agora chorava discretamente.

— Mas... você disse que ela não me odiava... por um instante eu pensei ter escutado isso, a minha redenção.

— E não odiava. Só hoje eu compreendi a última frase que ela disse em vida, embora eu a tivesse traduzido à época. Ela falou em francês, portanto, só eu ali sabia francês, pois ela tinha me ensinado...

— O que, minha querida Juillet disse, filha? Conte-me, eu lhe imploro.

— Algo assim: ...‘a lembrança de nós dois, Filippo, foi o que me fez viver até aqui’.

Leonora achou que não faria mal se omitisse o início da frase. Do que adiantaria? Estava claro para ela que sua mãe sempre amara aquele homem ali à sua frente, e não a seu pai, ou quem ela sempre acreditou que fosse seu pai. Sua mãe era uma pessoa triste, Leonora olhando para trás, para um passado distante, enterrado na sua dolorida infância cheia de perdas,

reconheceu a infelicidade da mãe. A mesma que ela sentia agora.

— Obrigado, minha filha. Talvez, a partir de hoje, eu consiga me perdoar. Conte-me, filha, como minha Juliet viveu? Onde? Com quem se casou?

E Leonora começou a contar a sua própria história.

CAPÍTULO VII

— Hotspur, seu desgraçado. Você quebrou meu nariz!

— Era o nariz ou a vida, Pudhoe. Você estava arrumando confusão com os piores nobres de Londres.

— E agora? Como eu vou procurar Leonora com este nariz quebrado?

— Não vai. O médico disse que Sua Graça deve ficar de repouso. E isso foi providencial. Do jeito que está agindo, Pearl, vai acabar com uma bala no cérebro. Eu vou procurá-la. Vou a Alnwick e Pudhoe Castle. Tenho algumas ideias e pretendo descobrir o seu paradeiro.

O conde de Northumberland já estava saindo do quarto do duque, quando voltou-se: — Responda-me uma coisa, Pearl. Estive pensando. O fato de você não ter deflorado a moça tem alguma coisa a ver com aquele boato de cinco anos atrás?

— Não, Edward. Eu queria que ela me quisesse sem ser obrigada.

— Certo. Mas se está apaixonado por ela, e apenas paixão explica a sua insanidade... então, o fato de não querer se casar com ela tem alguma ligação com o ocorrido há cinco anos?

— Sabe que sim, Edward. Não posso correr o risco de ter um filho com... não quero nem pensar nessa possibilidade.

— Lógico — disse o conde com a mão no queixo. — Mas teria coragem de mantê-la como amante mesmo sabendo que...

— Sim. Sei que é horrível dizer isso, saiba que lutei contra. Você mesmo sabe que fiquei distante de minha própria casa por causa dela e para não ser tentado. Eu tentei, diacho! Quase fiquei noivo de lady Saint-Pierre-de-Maillé, você sabe disso. Mas quando a vi no baile, naquele vestido azul, eu soube que não podia ficar noivo de outra...

Uma batida na porta. Mr. Oldenburg entrou: — Sente-se melhor, Sua Graça? — perguntou o mordomo olhando de cara feia para Hotspur. Ele não entendia a amizade daqueles dois nobres. Onde já se viu? Quebrar o nariz do outro, deixá-lo desmaiado, e agora ficar ali conversando como se nada tivesse ocorrido.

— Que diferença isso faz para você, Oldenburg? — respondeu o duque, como se lesse os pensamentos do mordomo. Mas vendo que fora ríspido, disse: — Estou bem, obrigado, não se preocupe.

— Fico satisfeito em saber, Sua Graça, pois a condessa viúva está lá embaixo e insiste em falar com milorde. Diz que é urgente.

— Diga a ela que estou com a doença contagiosa — respondeu o duque.

— Infelizmente não será possível, Sua Graça. A condessa já soube do ocorrido no clube.

Hotspur aproveitou, despediu-se e disse que manteria o amigo avisado de qualquer descoberta.

Tudo que Arthur Pearl não queria era ver sua mãe. A mágoa pela forma que a mulher tratara Leonora ainda era enorme. Aumentou ainda mais quando percebeu a jogada que ela fizera para humilhar a moça, levando-a ao seu noivado. Mas, pensando bem, devia até agradecê-la, pois havia ficado com tanto ódio que desistira de efetivar o noivado. Havia desistido de um noivado que ainda não tinha ocorrido, reformulou a frase em sua mente. Desistira não somente por causa da mãe, ele sabia disso. Ver Leonora prestes a ser humilhada fora demais para ele.

— Como vai, Arthur, meu filho? — a duquesa cumprimentou-o, sentando-se numa poltrona em frente à cama.

— Como vê, de nariz quebrado.

— Eu soube o que aconteceu no clube. Aliás, fico me perguntando, por que um clube masculino é restrito, se tudo o que acontece lá imediatamente chega aos ouvidos das mulheres de Londres.

Pudhoe não se deu ao trabalho de responder.

— Tive que vir aqui, Arthur, pois tenho convicção de que você está prestes a fazer uma grande asneira. Como pôde humilhar lady Saint-Pierre-de-Maillé no baile de noivado? Isso agora vai virar rotina. Quando o duque seu pai era vivo, você...

Pudhoe interrompeu-a:— Eu não estava noivo de lady Saint-Pierre-de-Maillé. Ela imaginou que eu a pediria em casamento e espalhou essa notícia por toda a Londres.

— Então não pretendia pedir lady Saint-Pierre-de-Maillé em casamento?

— Não. Jamais — mentiu ele.

— Então a coisa é pior do que imaginei. Você está enfeitiçado pela bruxinha de Newcastle.

— Bruxinha de Newcastle? O que dizer com isso?

— A filha do cocheiro. Você não pode tê-la.

— Por quê? Porque ela é pobre? Está se esquecendo de que a duquesa era uma simples filha de um fazendeiro, aliás, fazendeiro não, de um sitiante?

Seduziu meu velho pai, deitou-se com ele, fingiu-se de grávida, tudo isso para se tornar a duquesa de Pudhoe. Coitado do velho duque! Fico imaginando a sua decepção quando descobriu que foi ludibriado pela filha de um sitiante de Wilshire.

— O duque viu em mim a oportunidade de ter o herdeiro de que tanto precisava — respondeu a duquesa na defensiva. — Eu era jovem, bela e saudável, e ele, como você mesmo disse, um velho viúvo e sem herdeiros. Fiz um favor ao duque casando-me com ele. Dei a ele um herdeiro, não dei? Você está aqui e o ducado de Pudhoe está a salvo.

— Deu a ele um herdeiro, de fato, mas quem é o pai desse herdeiro?

A duquesa virou sua face para a janela e assim ficou por alguns instantes. O duque, exasperado, pois o silêncio dela era a ruína dele, gritou: — Diga-me? Quem é meu pai?

Depois de vários minutos de silêncio, que para o duque foram terríveis, ela respondeu: — O duque era estéril. A única forma de não perdermos o ducado era...

— O nome de meu pai. Diga-me — a voz de Arthur Pearl estava carregada de ódio.

— Patrick Smith.

— Eu sabia! Então os rumores os quais ouvi há cinco anos eram verdadeiros.

— Sim, a moça e você são irmãos. Não pode se casar com ela, nem tê-la como amante.

— Saia daqui — era quase o rosnado de uma fera. A duquesa não hesitou. Levantou-se e foi embora.

UMA semana depois, Hotspur já havia passado por Alnwick apenas para constatar que para lá a jovem não fora. Estava instalado na única estalagem de Newcastle e espalhara a notícia, através do seu administrador de Alnwick, Mr. Dornford, de que estavam contratando um novo administrador para uma de suas muitas propriedades e também vários outros empregados. Sua intenção era atrair o antigo administrador que Pudhoe havia demitido na ocasião que voltara a Pudhoe House. A estratégia deu tão certo que o primeiro candidato ao cargo foi justamente o homem. O conde pediu que a conversa fosse marcada na estalagem para aquela mesma tarde.

— Boa tarde, Sua Senhoria — falou o homem que disse que se chamava Heywood Sandby. O conde já o conhecia há tempos, pois ele frequentara Pudhoe Castle desde muito novo.

— Sente-se, Mr. Sandby. Aceita uma cerveja?

O homem aceitou. Depois de várias cervejas o conde prosseguiu com seu plano: — Bem, Mr. Sandby. Mr. Dornford já deve ter adiantado que estou à procura de um novo administrador para umas terras que tenho no Sul, mas estou intrigado com um fato. Por que saiu de Pudhoe Castle?

— Por causa de uma injustiça, Sua Senhoria. Uma enorme injustiça. O conde sabe que o duque ficou cinco longos anos longe de lá e que quem mandava e desmandava em tudo era a condessa viúva. Um dia a condessa mandou me chamar, a mim e a governanta, Mrs. Mauley, e deu ordens para que começássemos a tratar mal aquela miss Smith, a ama dela. Disse que havia descoberto que a moça era uma bruxa, aquele tipo de bruxa que envenenava as pessoas, e queria que ela fosse embora do castelo, mas por iniciativa própria. Disse-nos que não podia escorraçá-la por causa do duque, seu filho, mas se a iniciativa da partida fosse da jovem, todos nós estaríamos livres da punição de Sua Graça. Mandou também que eu ateasse fogo à velha cabana da bruxa May para que miss Smith não fosse morar lá.

— Mas o que tem a bruxa May a ver com miss Smith? — perguntou o conde.

— A antiga amante do duque, Mary Ponsonby, era amiga de miss Smith, mas essa é outra história, conto para Sua Senhoria em seguida, pois foi mais uma maldade da duquesa. Então, quando eu vi a menina Smith dormindo com a vaca da duquesa, a qual ela minha senhora adorava, pois foi presente do marquês de Valnoré, eu perdi cabeça...

— E o emprego — complementou o conde, lembrando-se de que o marquês de Valnoré era o atual amante da duquesa. O que a velha dama não sabia era que o marquês estava falido e usava o dinheiro dela para cobrir suas dívidas de jogo. Hotspur não era um falso moralista, ele sabia o que acontecia sob os lençóis de Londres, de Paris, da Itália, do mundo todo. A duquesa era viúva e tinha todo o direito de dormir com quem ela quisesse. Mas ele lamentava que Pudhoe tivesse uma mãe como aquela. Incentivar os criados a tratar mal uma inocente!

— Tenho uma curiosidade, Mr. Sandby. Por que a duquesa inventou que miss Smith era uma bruxa? Tanto o senhor, como eu sabemos que isso não é verdade. O senhor sabe mais alguma coisa sobre essa moça?

— Sei que o que falam da duquesa e do pai da menina, o cocheiro.

— O que dizem?

— Todo mundo lá em Pudhoe Castle sabe que Patrick Smith dormia com ela na propriedade de Wilshire. Mr. Smith era de lá. Morava perto da casa da família da duquesa. Ouvi dizer que eram namorados em Wilshire, mas quando a duquesa conheceu o duque ela o largou para casar-se com ele.

— Interessante, continue. Quer mais uma cerveja?

O administrador aceitou. Hotspur fez sinal para a atendente e a caneca de Mr. Sandby foi novamente enchida até as bordas.

— Ouvi dizer que ela mandou buscá-lo algum tempo depois de casada para ser seu cocheiro.

— Cocheiro, entendo. Providencial — disse o conde.

— Mr. Smith era um rapaz muito bem afeiçoado. As pessoas dizem que ele dormia com ela quando o duque ia encontrar-se com a amante, a May, como lhe falei. Mas depois que o duque morreu, a duquesa tomou a casa da mulher e só restou-lhe fugir para a floresta, pois ela havia mandado matá-la.

— A bruxa May de que todos nós sempre ouvimos falar, então, se chamava Mary Ponsonby e era amante do velho duque — afirmou o conde.

— Sim, isso mesmo. Aposto esta caneca de cerveja de que estou falando a verdade. Era uma bela mulher quando jovem e o velho duque era louco por ela.

— Por que, então, ele não se casou com ela? — perguntou o conde, mais para si mesmo.

— Porque ela era a pobre filha de um velho boticário. Fez dela sua amante...

— E acabou casando-se com a filha do sitiante! — lorde Edward murmurou. — Mas o senhor ainda não me disse se sabe mais alguma coisa sobre miss Smith, sobre os parentes de sua mãe, por exemplo.

Ele está apaixonado pela moça. Pensou Mr. Sandby.

— Bem, sobre a mãe dela eu sei pouco. Era uma mulher instruída. Sabia falar Francês, era letrada, sabia cantar, tocar e até bordava. Mas morreu muito cedo, ela também nunca saía de casa, nunca conversava com ninguém.

— Sabe se ela amava o marido?

— Isso eu não sei dizer não, milorde. Até porque o marido antes de casar-se com ela era o amante da outra... sei que a condessa não gostava dela, tinha ciúmes, pois Patrick não aceitou mais dormir com ela depois que se casou. Também! A mulher dele era uma obra-prima.

— Sei — disse o conde. — O senhor sabe de onde ela era? A obra-prima, quero dizer?

— Sim, isso eu sei. Da França! — disse o homem virando goela adentro quase toda a caneca de cerveja.

— Sabe de qual lugar na França?

— Sim. Paris.

CAPÍTULO VIII

Um baile em Paris

Há mais de mês, Hotspur havia partido e Pudhoe não aguentava mais de tanta aflição. Embora soubesse que ele e Leonora eram irmãos, sua paixão por ela não tinha arrefecido, muito pelo contrário, assim como sua preocupação pela segurança da moça. Havia contratado vários detetives em Londres, mas nenhum deles sequer trouxera uma notícia. Leonora havia evaporado.

Passara seus dias odiando a mãe e bebendo. Ele era filho do cocheiro, um bastardo. Isso lhe feria seu orgulho, mas doía mais ser irmão dela. Agora entendia porque Patrick Smith sempre estivera com ele na infância e fora ele quem lhe dera o apelido de Paddy, uma abreviação de seu próprio nome. Fora o cocheiro e não o duque que lhe ensinara a cavalgar, a nadar, a esgrimir. E ele sempre gostara dele. Lembrava-se de como eram próximos em sua infância e como ele sentira quando soube de sua morte.

Patrick, meu pai! Pai!

O duque ouviu o sino e reconheceu os passos decididos do conde nas escadas. Hotspur voltara.

— Finalmente, Percy.

— Boa tarde para você também, Sua Graça.

Na antiga relação de amizade entre os dois, quando o duque usava o nome Percy para se dirigir ao outro e o conde usava o pronome de tratamento adequado a um duque, podia saber que estavam com muita raiva ou debochando um do outro. Normalmente tratavam-se pelos nomes próprios ou os títulos Northumberland e Pudhoe.

— O que descobriu?

— Muita coisa, mas vamos ao que lhe interessa. Creio que ela esteja em Paris.

— Paris? Por quê?

— A mãe dela era francesa e, por alguma razão que eu não saberei lhe explicar, sinto que é para lá que ela foi.

— Se tem uma coisa que não combina nem um pouco, é um devasso de um conde, a quem todos chamam de conde Hotspur, ter nuances de sensibilidade.

— Quanta amargura, Sua Graça!

Pudhoe não respondeu. Decerto ele estava amargo. Há meses não tocava em uma mulher. Desde que a vira deitada e aconchegada a uma vaca. Deus! Ele estava enlouquecendo. Com tanta moça livre no mundo, por que ele só desejava Leonora?

Uma batida na porta.

— Entre — disse o duque. Hotspur tinha ido servir-se de uma bebida no aparador. Trouxera outra e entregara ao amigo.

— Uma carta para Sua Graça — disse o mordomo.

— Deixe-a junto às demais, Oldenburg.

— Tem um carimbo de ‘urgente’, milorde.

— Tudo é urgente, Oldenburg. Nessa maldita cidade, um convite para um baile, é urgente. Deixe-a junto aos outros convites.

— É uma carta do duque de Belvoir, de Paris — respondeu o plácido mordomo.

— Por que não disse logo que se tratava de uma carta de Belvoir? — bradou o duque.

— Eu tentei. Mas Sua Graça não deixou...

— Pode ir, Mr. Oldenburg — disse o conde. — Eu cuido de Sua Graça.

Pela primeira vez, Mr. Oldenburg foi grato ao conde Hotspur. Se ele não tivesse lhe colocado, com educação, para fora da sala, o duque o teria despedido. O que estava acontecendo com seu patrão? Há mais de um mês que ninguém podia chegar perto dele sem ser destratado. Desde que quebrara o nariz. Sim. Tinha ficado levemente torto, mas nada que lhe tirasse a esplêndida beleza. E quem tinha quebrado seu nariz fora o conde e não os servos de Pudhoe House. E a única pessoa a quem o duque tratava bem era justamente aquele que lhe quebrara o nariz. Ele já não entendia mais nada.

— Leia em voz alta — pediu lorde Edward.

Paris, 5 de maio de 1828.

Caro Pudhoe,

Cheguei a Paris há uma semana e não se fala em outra coisa por aqui. A filha bastarda do conde Filippo Raspail retornou da Inglaterra e um baile será dado para apresentá-la à sociedade parisiense. Eu não me preocuparia

se essa filha bastarda não se chamasse Leonora. Pode ser outra Leonora, mas não é muita coincidência?

Sugiro que faça a travessia. O baile será em breve e todo nobre solteiro da França estará em Paris para ver a moça. Dizem que ela é a cara da mãe quando jovem e uma obra-prima...

A carta continuava com Belvoir provocando Pudhoe, mas lorde Edward já sabia que se tratava da mesma Leonora. Não era coincidência duas mulheres serem chamadas de obras-primas.

— Vamos para Paris. Vou a Northumberland House pegar minhas coisas e passo aqui para te pegar.

— Do que adiantaria? — disse o duque.

— Não leu a carta de Belvoir? Nada impede agora que se case com ela e acabe com esse... esse... desejo que está te matando e matando a todos nós. Leonora é a filha de um conde francês e não a filha do amante de sua mãe — quando Northumberland terminou de falar percebeu que havia sido grosseiro.

— Desculpe-me, Pearl. Eu não tive a intenção de ser ofensivo, mas eu, pela primeira vez nessa vida, não consigo entendê-lo, amigo.

— Se for a mesma Leonora ela jamais me perdoará.

— Por quê?

— Porque eu quis fazer de minha amante a filha do cocheiro. Ela concluirá que quero me casar com ela apenas porque agora ela é a filha de um conde.

— Tem razão. Ela pensará isso mesmo. Mas cabe a você convencê-la do contrário. Explicar a razão pela qual antes vocês não podiam casar-se.

— E contar que agora eu sou o filho do cocheiro?

— Então sua mãe confirmou o que nós já desconfiávamos — disse lorde Edward, surpreso. — Bem, não vejo alternativa senão a verdade. Se ela lhe amar, isso não fará nenhuma diferença, como não faz para mim.

— Ela é orgulhosa. Vai me rejeitar por orgulho.

— Então, meu caro, faça aquilo que lhe aconselhei há tempo.

— Deflorá-la?

— Antes que um francês o faça — disse Hotspur.

— Nem por cima de meu cadáver — o duque gritou.

TINHAM chegado a Paris naquela manhã e estavam hospedados no luxuoso Hôtel de Ville. O duque de Belvoir havia enviado uma nota para o conde Raspail, informando que dois nobres ingleses estariam em Paris na ocasião do evento de apresentação de sua filha à sociedade, e que se sentiriam honrados se os nomes deles estivessem na lista de convidados, pois tratava-se do duque de Pudhoe e do conde de Northumberland. No mesmo dia, o duque de Belvoir recebeu a resposta do conde Raspail e nela o lorde dizia que se sentiria honrado em receber os ilustres nobres em sua residência, e que os três, inclusive Belvoir, estavam na lista de convidados de honra. Que não tinha lhes enviado um convite, pois não sabia que Paris hospedava tão ilustres cavalheiros ingleses.

Portanto, o trio do Norte estava devidamente convidado para o evento.

DEPOIS dos últimos exaustivos dias em que Leonora tivera que aprender a dançar, a vestir-se como uma lady, numa incansável troca de vestidos, luvas e chapéus, finalmente chegara o dia do grande baile. Nunca em sua vida o ‘sim e o não’ estiveram tão presentes na ambiguidade de seus pensamentos. Estava feliz por ter encontrado a avó, o pai, o irmão e mais duas irmãs. Por ter um teto sobre a sua cabeça, por ter quem cuidasse dela, protegendo-a, por nunca mais ter que passar frio nem fome. Mas estava triste por ter perdido, para sempre, Pearl Clifford. O amor de toda a sua vida, pois sempre fora apaixonada por ele, desde aos treze anos, quando ele lhe consolara embaixo daquele velho carvalho. Em certos momentos, lamentava não ter-se tornado sua amante, pois o desejo que sentia por ele era intenso, não passava e fazia com que ela sonhasse com ele todas as noites. Era obrigada a tocar-se para ter algum alívio. E quando fazia isso em sua intimidade, era o nome dele que ela balbuciava, mas logo depois se arrependia e sentia-se muito culpada. Ela era uma pecadora. Sua tia tinha razão. Algo nela levava as pessoas a pecarem. Será que o fato de ela ter sido concebida em pecado, fora do casamento, tornava-a também uma pecadora?

Outra enorme tristeza que ela sentia era pelo seu amado pai, Patrick Smith. Este sempre seria seu pai. Não que não gostasse do pai verdadeiro, mas o outro sempre a amara, cuidara, mesmo sabendo que ela era filha de outro. De certa forma, Leonora sabia que Patrick conhecia a sua paternidade. A sua mãe podia nunca tê-lo amado, mas jamais o enganaria. Isso só fazia de

Patrick um homem ainda melhor. Outro fato que pendia a balança para o ‘não’ eram seus irmãos por parte de pai. Leonora tinha gostado de seu irmão, mas as duas irmãs não a suportavam. Isso estava claro para ela. De forma que na somatória do ‘sim’ e do ‘não’ o último ganhava.

Mas não havia o que fazer. Chegara a hora de ir para o baile. A carruagem do pai logo estaria ali para levá-las. Optara por um vestido de cor dourada, embora todos houvessem insistido para que ela escolhesse o azul, cor dos seus olhos, como diziam, mas ela não queria nenhuma lembrança do passado embaçando sua alegria. Seus cabelos, parcialmente presos, cujos cachos pendiam em ondas sobre seus ombros nus —naquela ousada moda parisiense que tanto escandalizara no início —, davam contorno à sua bela face. De forma que Leonora estava linda e pronta para ser apresentada pelo pai à mesma sociedade que no passado rejeitara a sua mãe.

O salão de baile estava todo decorado com flores, os convidados, elegantemente vestidos, circulavam para todos os lados; seu pai orgulhosamente a apresentava aos cavalheiros, damas e matronas de todas as idades. Seu cartão de dança já estava cheio, mas Leonora parecia flutuar numa realidade que não a sua. Falavam com ela, sorriam para ela; ela respondia e sorria de volta, mas nada parecia real. Aquela ali, naquele elegante vestido, não era a Leonora que ela conhecia, a filha do cocheiro de Pudhoe Castle, de Newcastle, norte da Inglaterra, que chorava todos os dias sob o velho carvalho. Por incrível que possa parecer, ela sentiu saudades das tardes de choro. Como aquilo era possível? Ela sabia a resposta. As tardes de choro faziam-na lembrar dele, assim como o carvalho, tudo se deslocava para Pearl Clifford. Fora ele que ocupara seus sonhos todas as noites, ele fora seus incontáveis heróis, das centenas de romances que lera e era ele quem ela queria que estivesse ali.

Um cavalheiro chegou até ela e reclamou a sua dança. Ela viu-se conduzida para a pista. A música soou, era uma valsa. Ela se deixou levar, fechou os olhos, encostou-se ao cavalheiro e imaginou que ele fosse Pearl.

O duque de Pudhoe a viu assim que entrou. Leonora estava encostada desavergonhadamente a um cavalheiro.

— Calma! — Hotspur sussurrou nos ouvidos do amigo.

Alguém apontou para o trio.

Vozes femininas em inglês.

— Raios! Não estamos na França? — disse Pudhoe, cada vez mais agitado, ciumento.

— Encontrei várias damas de Londres aqui — respondeu Belvoir.

Leonora ouviu os gritos histéricos em inglês, depois em francês. Olhou para a entrada do salão. Não! Ela estava tendo uma alucinação. Com certeza era fantasia. O trio do norte não estaria em Paris! Ela não poderia descrever com detalhes os três, a única palavra que os descreveria de uma só vez era magnífico. Vestindo à moda austera inglesa, em meio ao colorido francês, o trio se destacaria mesmo se estivesse em meio a mil pessoas, o que não era o caso.

— Vou até ela e vou arrastá-la pelos cabelos — disse Pudhoe.

— Não antes de cumprimentarmos o anfitrião — disse Belvoir.

O conde Raspail já aproximava-se do trio. Apresentações foram feitas e amenidades sociais ditas. A valsa acabou, o conde fez sinal para que Leonora se aproximasse do recém-chegados. O pai apresentou a filha a eles. Todos os três se inclinaram levemente diante dela que fez o mesmo, mas não ousou olhar para Pearl. A música recomeçou, um tal marquês de Le Blanc se aproximou dela requerendo sua prometida dança, Leonora se foi. Era outra valsa.

— Outra valsa? — rosnou Pudhoe.

— Estamos na França — respondeu lorde Edward, rindo. As damas francesas os tinham cercado. As turistas inglesas também, cada uma delas insinuando um convite para dançar. Os três foram obrigados a serem corteses.

De longe, Leonora o via dançar com uma estonteante morena. Pudhoe, na tentativa de provocar ciúmes em Leonora, trouxe a morena colada em seu corpo. A francesa parecia gostar, pois sorria de forma provocativa. Aquela valsa também terminou e Pudhoe olhou em volta à procura dela. Leonora estava de braços dados com o cavalheiro com quem ele a vira agarrada na primeira valsa. Ele enlouqueceria. Ela iria dançar com ele uma segunda vez.

— Não!

— Fique calmo ou a perderá para um francês — era tudo que lorde Edward não podia ter dito. Pudhoe caminhou na direção dela, pediu licença ao cavalheiro, e disse que precisava falar com sua irmã.

— Irmã! — exclamou Leonora.

— Sim, venha comigo.

E saiu arrastando a jovem pelo salão em direção ao jardim. Hotspur e Belvoir foram atrás, pois o cavalheiro deixado na pista estava enfurecido. Lorde Edward o alcançou e explicou que o casal iria casar-se, que se tratava de um ajuste de contas pré-nupcial. Que o duque inglês viera à França apenas

para marcar a data. Inconformado, o cavalheiro queria tirar satisfações com o pai da jovem, mas Belvoir já dirigia-se ao anfitrião para explicar a situação.

— Para onde está me levando? E o que quis dizer com aquela história de irmãos?

— Explico assim que sairmos daqui.

— Não posso ir embora da minha festa.

— Pode e vai.

— E meu pai? O que ele dirá? Achará que fui sequestrada por um bruto inglês.

— Belvoir e Northumberland explicarão a ele.

— Explicar o quê?

— Que você se casará comigo.

— Casar?

— Jamais! — ela gritou exasperada. — Para a filha do cocheiro a posição de sua amante, mas para a filha do conde a posição de esposa. Morro solteirona, mas jamais me casarei com você, seu devasso. Solte a minha mão.

— Não. Entre na carruagem pelo bem ou pelo mal.

— Ela entrou, pois não tinha nenhuma dúvida de que ele a jogaria nas costas e a despejaria dentro do veículo. Os olhos dele estavam escuros de raiva.

— Para o Hôtel de Ville — disse ele ao cocheiro. — Rápido.

A carruagem saiu às pressas. Um solavanco e ela fora jogada no colo dele. Seu vestido desceu e seus seios ficaram à mostra. Ela enrubesceu drasticamente, mas ele foi cavalheiro. Calmamente direcionou seu corpo para que se sentasse ao seu lado. Ajudou-a a recompor-se elevando o decote de seu vestido.

— Obrigada. O que dirão se me virem entrar num hotel com um homem solteiro? Eles dirão que eu sou uma cortesã.

— Não dirão — ele respondeu.

O Hôtel de Ville logo apareceu à frente. Ele saiu e pegou-a pela cintura. Entraram no hall do hotel e o gerente veio falar com ele.

— Sua Graça já está de volta?

— Sim, fui buscar a duquesa minha esposa. Milady, este é monsieur Vendroux, o gerente do estabelecimento.

Leonora queria chamá-lo de mentiroso, mas a coisa só ficaria pior. Portanto, cumprimentou o homem e seguiram em frente.

Ele abriu a porta do quarto e convidou-a para que entrasse. Ela entrou.

— Não sou sua duquesa. É um mentiroso, mentiu que estava doente naquela noite que me usou, que me humilhou... mentiu que era meu irmão, mentiu que estamos casados. Qual será a próxima mentira? — ela gritava.

— Eu nunca a usei.

— Inventou que estava doente para atrair-me ao seu quarto. Você e aquele desgraçado do conde Hotspur armaram para mim usando miss Chapman.

— Lorde Edward vai ficar muito decepcionado em ser chamado de desgraçado por você. Ele sempre lhe defendeu. Aconselhou-me a casar com você desde o início.

— E de quem foi a ideia de levar miss Chapman embora para me deixar sozinha com você?

— Dele, mas eu mesmo já ia sugerir que ela fosse embora.

— Não vai nem se defender da maldade que fez? — Leonora mal podia acreditar que ele reconhecia na sua frente que armara tudo.

— Não. Eu a queria e não precisava de uma solteirona como testemunha.

— Queria como amante.

— Eu podia ter feito amor com você naquela noite, Leo.

— Não me chame de Leo. Só meu pai me chamava assim.

— Eu a quis desesperadamente naquela noite, pequena. E a quero ainda. Podia tê-la deflorado, mas não o fiz.

— Fico me perguntando por que não o fez... se fez todo o resto...

— Oh, pequena. Não fiz todo o resto. Há tanta coisa que sonho em fazer com você...

— Por que não me deflorou? — ela gritou, chorando.

— Porque eu queria que viesse para mim por sua própria escolha e não por imposição.

— E agora quer casar-se comigo porque eu sou a filha de um conde...

— Não.

— Não? Veio aqui porque só me quer como sua amante?

— Também.

— Desgraçado — Leonora levantou sua mão para atingi-lo, mas Pudhoe segurou seu braço e puxou-a para ele. Ela ia xingá-lo de devasso, mas ele cobriu sua boca com um beijo voraz, faminto, desesperado por ela. O beijo não dava nenhuma chance de ela escapar, mesmo que ela quisesse, mas Leonora sentia seu corpo todo ceder. Seu vestido que antes fora tão cavalheiramente colocado no lugar, fora puxado para baixo com bruteza. Suas roupas íntimas, rasgadas. Ele retirava suas próprias roupas sem nenhum

cuidado. Em segundos, estava sobre ela completamente nu. Seus corpos clamavam um pelo outro e Leonora soube que seria dele naquele momento. Não havia como escapar àquela fúria que via nos olhos dele. Ele a beijou com raiva, sugou seus mamilos como se precisasse deles para sobreviver e quando sua boca alcançou a reentrância entre suas pernas, fez-se sedento, segurando seus quadris com as duas mãos, numa posse alucinante.

— Eu a quero, Leonora. Deixe-me tê-la por completo.

— Sim — ela respondeu. Não tinha forças para negar-lhe. Ela o queria.

Ele voltou e recomeçou a beijá-la. Daquela vez torturantemente lenta. Ela enlaçou as pernas nele e puxou-o para si, estava com dor e o queria dentro dela.

— Entre em mim agora. Eu ordeno.

— Ele levou dois dedos dentro dela e perguntou.

— Quer-me aqui, pequena?

— Sim, por favor, preencha-me completamente.

Ele gemeu. Encaixou-se devagar entre as pernas dela e colocou a ponta de seu membro latejante na entrada. Ela gemeu.

— Mais — ela pediu.

Ele colocou mais. Tremendo de vontade de tomá-la com a paixão que lhe consumia a alma, o corpo.

— Todo — ela pediu e ele riu.

Arremeteu-se dentro dela e Leonora gritou. Seu hímen rompera. Ele ficou parado lá dentro, cercado pela carne quente dela que o matava de vontade de estocá-la até que liberasse todo o seu desejo. Mas ele se segurou e beijou-a demoradamente, sussurrou em seus ouvidos o quanto a amava, o quanto a queria, que ela não sentiria mais dor, que o pior já tinha passado.

— Eu quero mais — ela, por fim, pediu.

Ele recomeçou a mover-se lentamente, depois de forma mais ritmada, Leonora voltou a gemer, dessa vez só de prazer.

— Mais, mais, tudo, tudo — ela pedia, implorava agarrada a ele.

— Diga que me ama, meu amor. Diga. Eu preciso ouvir — pediu ele.

— Desesperadamente — ela respondeu.

— Ai, meu Deus! Não vou aguentar... — ele gemeu.

Leonora gritou estremecendo completamente, à medida que seu corpo se convulsionava numa onda imensa de prazer e alívio, a tempo de ver Pearl jogar a cabeça para trás e gritar num gozo alucinante.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO IX

Por volta das três da manhã, quando Pudhoe já tinha feito amor quatro vezes com Leonora, ele lhe disse: — Preciso lhe contar uma coisa, minha pequena.

— O quê? Que vai me fazer sua amante? Eu já sei.

Ele a virou para ele e olhou-a nos olhos: — acha que quero você só como minha amante?

— Foi você quem disse que me queria...

— Oh, pequena! — ele a abraçou e beijou com muita ternura. — E você aceitaria?

— Que escolha eu teria? Se somente como sua amante eu teria você, então que fosse assim...

— Meu amor, eu a quero como minha amante, mas também como esposa, quero-a como a mãe do próximo duque de Pudhoe. Eu a amo, Leonora. Estou completamente apaixonado por você. Amei-a desde o dia em que a vi dormindo com aquela vaca, tão indefesa. Meu Deus! Como eu quis protegê-la!

Ele a abraçou, beijou-a, Leonora chorava soluçando e ele a embalava em seus braços.

— Eu achei que não me amasse... que só me desejasse.

— Por que achou isso, pequena?

— Porque me pediu para ser sua amante aquela vez...

— Meu amor, só um motivo me impedia de casar-me com você assim que a encontrei.

— Aos 13 anos? — ela perguntou, surpresa.

— Não, meu amor, aos 18.

— Eu o amo desde os meus 13 anos.

Ele ficou emocionado. Trouxe-a para seu peito, embalou-a, beijou sua cabeça, e murmurou: — minha querida.

— Qual o motivo, então? — ela o encarou.

— Querida, terá que ser forte.

Leonora arregalou os olhos temendo pelo pior, mas ele não permitiu que sua mente vagasse.

— Um dia você me perguntou por que eu fiquei cinco anos longe de

Pudhoe Castle, lembra-se?

Ela disse que sim.

— Havia um rumor em Londres de que eu era bastardo...

— Bastardo?

— Sim, meu amor. E sou. Isso altera em alguma coisa seus planos de casar-se comigo?

— De forma alguma! — respondeu ela, enfática. — Por isso então se afastou de sua mãe...

— Não somente por isso, pequena. O rumor dizia que o amante de minha mãe ainda morava em Pudhoe Castle.

— Mas... quem?

Pudhoe não teve que responder. Seus olhos responderam por ele e ela compreendeu, chocada.

— Meu pai...

— Sim, querida. Nosso pai, então, pois eu sou filho de Patrick Smith. Vou lhe contar tudo. Entende agora por que eu não podia me casar com você, mesmo estando completamente apaixonado? Mas eu não tinha forças para deixá-la ir... e faria de você minha amante mesmo sabendo que era minha irmã por parte de pai.

— Oh, meu Deus! O meu pai é o seu pai! Sim, eu também não conseguiria deixar de te querer. Ainda bem que não sou filha de...

Leonora começou a chorar.

— Calma, amor! Já passou. Estamos aqui, juntos, para sempre.

— Mas meu pai, quer dizer, seu pai, era amante da duquesa quando casado com minha mãe?

— Não, querida. Nosso amigo Northumberland descobriu tudo. Nosso pai, melhor chamar assim, não é? Bem, Patrick Smith abandonou minha mãe quando se casou com sua mãe. Hotspur soube que ele amava a sua mãe e que por isso a minha mãe o tratava daquela forma. Venha, deite-se aqui. Tenho muita coisa pra te contar. Lembra-se da sua querida May, pois preciso lhe falar sobre ela também.

JÁ ERA meio-dia quando eles se levantaram. Pudhoe imediatamente mandou uma nota ao pai de Leonora pedindo uma audiência ainda naquele dia. Queria oficializar o noivado. Leonora também enviou uma carta para sua

avó, na qual contava toda a sua história com o duque de Pudhoe. Informava que iria levá-lo à sua casa, que ficariam noivos assim que o duque falasse com seu pai, naquele mesmo dia, e que partiria com ele para a Inglaterra.

No dia seguinte, eles já embarcavam para Dover. Leonora oficialmente noiva e feliz, e o duque completamente relaxado. Para o conde de Northumberland, lorde Edward Percy, o amor amolecia os homens. Ele jamais queria apaixonar-se.

— De forma alguma, Pudhoe. Sou um homem prático. Deus me livre ficar melindroso como você ficou! As mulheres são necessárias, mas não fundamentais.

— Explique a diferença entre necessárias e fundamentais, Hotspur — eles conversavam no convés do navio.

— Os homens têm certas necessidades fisiológicas, você me entende, Pudhoe. Mas qualquer mulher atraente serve para aplacar essa necessidade. Mas você ficou num estado que somente uma mulher aplacaria o seu maldito desejo. Ficou meses sem...

— Tem razão, Edward. Somente ela podia aplacar a minha vontade. Um dia você saberá o que a paixão faz com os homens.

— Deus me livre! É justamente disso que estou falando.

O DIA do casamento estava chegando. Leonora estava num estado de ansiedade, pois desde que chegara a Londres, Pearl tinha se mudado para Northumberland House. Não ficava bem os noivos morarem na mesma casa nas vésperas do casamento. Mas ela sentia uma enorme falta dele. Às vezes queria dizer-lhe que não se importava se a sociedade de Londres falasse mal dela, mas não fazia por ele, pois Pearl era um duque e precisava que a imagem de sua esposa fosse respeitada.

Alguém bateu na porta de seu quarto. Era miss Chapman que tinha sido trazida de volta como sua dama de companhia.

— Lady Muriel Browne está lá embaixo e deseja falar com você.

— Lady Browne! Mas ela estava com a peste? Então ela sobreviveu?

— Sobreviveu ou era mais uma mentira dela e da duquesa viúva — disse miss Chapman.

— Sim, tem razão, miss Chapman. As duas são bem capazes disso. Mas o que essa bruxa quer comigo?

— Não faço ideia, milady, mas sugiro que desça para saber.

Embora tivesse desprezo por lady Browne, Leonora estava curiosa. O que levava a lady até Pudhoe House? Somente algo muito grave faria com que aquela orgulhosa dama lhe procurasse. Resolveu descer e recebê-la.

— Boa tarde, lady Browne — cumprimentou Leonora secamente entrando na sala.

— Boa tarde, miss Smith. Você deve estar estranhado a minha visita.

— Muito — respondeu Leonora, lacônica.

— Eu vim devolver-lhe isso — disse a dama, estendendo o diário a Leonora.

Leonora se perguntava como alguém teria um caráter como aquele, seu rosto demonstrando todo o repúdio que sentia pela outra.

— Espero que tenha feito bom proveito dele, lady Browne. Como vê, o que escrevi aos treze anos se cumprirá como uma profecia — tripudiou Leonora, seu rosto corado de raiva.

— Está enganada se pensa que eu roubei o seu diário, miss Smith.

— Mas o leu.

— Não tive escolha. A duquesa me obrigou a lê-lo.

— E veio aqui hoje para pedir perdão por tê-lo lido. Se foi essa a sua intenção, perdeu o seu tempo e o meu. E leve esse diário com você. Ele não é mais necessário para mim.

— Agora pretende escrever uma nova história, não é?

— Absolutamente correta, lady Browne.

— Narrar com detalhes o corpo do homem a quem ama. A enorme cicatriz branca em seu mamilo esquerdo, a pinta preta sob seu umbigo, as sardas em seus largos ombros, a espessura de seu... Talvez até registre as três pintinhas no corpo do seu enorme membro, como as três Marias...

— Cale-se, sua vagabunda! Saia já daqui — gritou Leonora.

Miss Chapman entrou naquele momento, seu rosto gordo tão corado quanto um pêssego, a tempo de puxar o diário da mão da dama e empurrá-la em direção à porta de saída.

— Querida, suba e recomponha-se. Seu noivo virá vê-la daqui a pouco.

— Não, miss Chapman. Não terá mais casamento.

— Como assim não terá mais casamento? Vai deixar aquela lá estragar tudo com sua maledicência?

Mas Leonora nem ouviu o que miss Chapman dizia. Em sua mente só tinha espaço para uma coisa: fuga.

E Leonora fugira mais uma vez. Desta vez a última.

CAPÍTULO X

A vingança de lady Muriel Browne

Leonora sabia que não poderia ir para Dover àquela hora, pois seria o primeiro lugar em que Pudhoe a procuraria. Para onde iria? Com a mente agitada, nada lhe ocorria. Apanhara suas coisas às pressas, com miss Chapman tentando impedi-la, saído correndo e pegado o primeiro coche de aluguel que encontrara. Agora rodava sem saber para onde ir.

Uma igreja. Pensou ela.

— Leve-me a St. George Church — gritou ela para o cocheiro.

Um devasso como ele jamais pensaria numa igreja.

Enquanto isso, miss Chapman, ao se dar conta de que seria impossível detê-la, saiu às pressas pelas ruas de Londres para avisar o duque. Chegou a Northumberland House sem fala. Tocou o sino. Mr. Mercer atendeu a porta.

— O que foi, miss Chapman?

A solteirona apontava para a rua, para a garganta, e levava a mão aos enormes seios.

— Entre, miss Chapman. Vou chamar um médico.

Ela fez sinal de não com o dedo e apontou para a foto do conde de Northumberland perdurada na galeria.

— Quer falar com o conde? Vou chamá-lo, sente-se na sala verde.

Em minutos, tanto o conde quando o duque estavam na frente da solteirona, deixando-a mais sem voz.

— Fale pelo amor de Deus! — disse o duque.— Onde está Leonora?

— Ela fugiu — miss Chapman conseguiu dizer.

— Fugiu? — gritou o duque —, mas por quê?

— Traga um copo d'água para ela — pediu o conde, mas Mr. Mercer já tinha se antecipado. Miss Chapman tomou toda a água do copo e disse: — Aquela lady Muriel Browne esteve lá e disse coisas horríveis para ela... — miss Chapman olhou para o duque e corou até a raiz dos cabelos.

— Que coisas horríveis? — bradou o duque.

— Nunca conseguirei repeti-las, Sua Graça.

— Mas vai, miss Chapman, nem que eu tenha que espremê-la.

— Acalme-se, Pearl. Está deixando a coitada ainda mais nervosa.

O duque suspirou, levando as duas mãos aos cabelos, bagunçando-os e ficando ainda mais atraente na opinião de miss Chapman.

Como ela conseguiria falar do membro dele, das pintinhas, as três. Ela novamente ficou escarlate.

O conde, seu patrão, interveio habilmente: — Miss Chapman, talvez conseguisse escrever o que se passou?

— Sim — ela gritou, aliviada.

— Mas para que isso? Quanto mais demorar, mais longe Leonora conseguirá ir.

— Vou contar uma parte do que aconteceu, Sua Graça, mas a outra parte só escrevendo. Eu jamais conseguirei repetir o que eu ouvi na frente de dois homens...

— Conte-nos então, miss Chapman — pediu o conde com carinho para com sua antiga babá, levando-a até um sofá.

— Lady Browne, aquela lady má, chegou e pediu para falar com a minha menina. Leonora hesitou, mas acabou recebendo-a. Eu fui atrás e escondi-me. Eu queria resguardar a segurança de Leonora. Lady Browne então entregou-lhe um diário...

— Entregou o diário de Leonora? Eu não acredito! — disse o duque, mais para si mesmo.

— Pois pode acreditar, Sua Graça. E disse que quem o tinha roubado fora a duquesa, sua mãe, e que esta a obrigara a lê-lo. Leonora disse para ela ficar com o diário, pois não precisava mais dele. A minha menina também disse que o que ela tinha escrito aos 13 anos se realizaria em breve. Foi aí que a bruxa disse coisas horríveis que eu não tenho coragem nem de falar...

O conde, entretanto, levou-a até a biblioteca, sentou-a em sua mesa, deu-lhe papel, tinta e uma pena.

— Escreva rápido e me entregue depois, miss Chapman.

Foi assim, a solteirona escreveu:

Lady Muriel Browne disse: “Agora pretende escrever uma nova história, não é?”

Leonora respondeu: “Absolutamente correta, lady Browne”.

Lady Browne replicou: “Pretende narrar com detalhes o corpo do homem a quem você ama. A enorme cicatriz branca em seu mamilo esquerdo, a pinta preta sob seu umbigo, as sardas em seus largos ombros, a espessura de seu... Talvez até registre as três pintinhas no corpo do seu enorme membro, como as três Marias...”

Leonora gritou: “Cale-se, sua vagabunda! Saia já daqui”.

O conde tinha ficado à espera na porta da biblioteca. Miss Chapman terminou de escrever, soprou o papel para que a tinta secasse, dobrou-o ao meio e disse: — Importa-se de abri-lo somente quando eu tiver saído, milorde?

— Esperarei que se retire, miss Chapman. Só abrirei quando estiver com o duque.

Assim foi feito. Miss Chapman entregou o bilhete e saiu às pressas. Quase correndo. Hotspur voltou para onde se encontrava o amigo e lhe entregou a nota, sem lê-la. Enquanto o amigo lia, Edward achou que realmente era algo grave, pois viu a cor fugindo do rosto de Pudhoe. Este leu e estendeu o bilhete para Hotspur.

— Três pintinhas — Hotspur murmurou.

— Estou perdido — respondeu Pudhoe.

— Vai ser difícil explicar mesmo essas três pintinhas.

Se rir, Hotspur, eu lhe mato. Lorde Edward se segurava como podia, mas, de fato, era uma situação bastante cômica. Queria perguntar como lady Muriel Browne havia contado tais pintinhas, o que era óbvio, mas não ousaria perguntar naquele momento.

— Por que não lhe contei sobre isso? — Pudhoe cobriu seu rosto com as duas mãos.

— Parece que chegou a hora de contar, amigo. Vai ficar aqui lamentando? Corra atrás de sua mulher e elucide logo isso.

— Onde ela estará? Meu Deus! Vou passar a minha vida toda correndo atrás dela?

— Não, se não deixar nenhuma mulher mais ver suas três pintinhas — dessa vez Edward caiu na gargalhada. Foi um riso tão solto que ele não conseguia se conter. Pudhoe partiu para cima dele e os dois rolaram no chão da mansão assustando os criados. Ambos eram fortes e a luta foi justa. Por fim, Edward imobilizou Pudhoe e disse: — A pinta embaixo do umbigo também vai ser difícil de ser explicada. Sugiro contar toda a verdade e implorar o perdão da moça.

E saiu correndo as escadas acima deixando Pudhoe soltando todas as imprecações das quais se lembrava.

LEONORA passou aquela noite deitada no mesmo banco e outrora na St. George Church. Sorte sua nunca ter contado a Pudhoe onde ela havia dormido em sua última fuga. Não contara porque ele nunca lhe perguntara. Ela suspirou. Havia se entregado de corpo e alma àquele devasso e ele a estava traindo com lady Browne. Logo com lady Muriel. Se ele não podia suportar alguns dias de abstinência, na véspera do casamento deles, o que ele não faria quando ela estivesse grávida, prestes a ter um filho, ou depois de tê-lo tido? A verdade era que ele sempre fora um perverso. Bastaria ver as coisas que ele fizera com ela. Sim. Ela tinha permitido. E gostado. Mas tinha que reconhecer que ele era amoral. Leonora não imaginava sua mãe e seu pai fazendo aquelas coisas. Mas será que era porque a minha mãe não amava meu pai? Não, Leonora, ele não era seu pai. Era o pai dele, do miserável mulherengo. Eu o odeio. Voltarei para Paris e ele que deixe as suas três pintinhas nas mãos e na boca de lady Muriel Browne. Um ciúme enorme perpassou seu corpo como uma brisa fria.

Lamentou um dia tê-lo conhecido e chorou até ser vencida pela exaustão.

EM PUDHOE House, o duque, depois de ter cavalgado até o porto de Dover – quase matando seu melhor cavalo – e não ter visto nenhum sinal de Leonora, deixou lá um espião, voltou e pegou o diário de Leonora nas mãos. Não fazia mal lê-lo, afinal, até sua mãe já o tinha lido. Leu a frase em francês que a mãe dela dissera ao partir; reconheceu a menina que outrora conhecera embaixo do velho carvalho; sentia-se invadindo a privacidade dela, mas não conseguia parar de lê-lo. Encontrou a profecia da garota que queria casar-se com o duque, leu suas declarações de amor para ele, seus poemas de amor, seu lamento de saudades por ele tê-la abandonado por cinco longos anos.

— Ela contara os dias — disse ele com remorso, pois enquanto ela contava os dias de sua ausência, ele estava nos braços de outras mulheres. Lembrou-se da viagem que ele, Edward, Belvoir e o conde de Douglas fizeram. Tinham rodado quase todo o mundo. Toda a Europa, com certeza. Belvoir e Edward voltaram depois de dois anos, pois Hotspur não suportava o conde de Douglas, mas ele e lorde Davy continuaram e foram até as colônias da América. Leonora era então uma criança, mas ele já era um homem. Hoje

ele tinha bem mais de trinta e ela acabara de fazer 19. Como explicar a ela que lady Browne não teve nenhuma importância para ele. A lady nem chegara a ser sua amante, estivera com ela, no máximo, duas vezes, e há tantos anos que ele sequer se lembrava de qualquer detalhe de seu corpo. Mas para Muriel fora importante. Por que, então, ela se daria ao trabalho de decorar quantas pintas ele tinha em seu corpo? Entendia agora a razão pela qual a lady se aliara à sua mãe. Coitada! Tinha até pena, pois a própria duquesa o estava jogando para um casamento com outra dama. Sugara a companhia da outra, seus ouvidos, seu tempo. De repente ele se lembrou de onde dormira com lady Muriel Browne. Na Itália. Ele, Edward, Belvoir – pois lorde Davy não estava naquele dia –, estavam em Veneza numa festa de rua, ele muito bêbado. Lady Browne apareceu, usando uma máscara, e os reconheceu. Ela o levou para seu quarto. Sim, fora apenas àquela noite e ele sequer se lembrava de ter conseguido uma ereção para penetrá-la. Quando ela tirara a máscara, ele ficara tão decepcionado e, embora toda tentativa da dama, ele não conseguira. E ela se vingara dele tirando a mulher a quem ele amava.

NO OUTRO dia antes das nove horas, lorde Edward já estava em Pudhoe House.

— Acorde-o, Mr. Oldenburg — ordenara Hotspur.

— Perdão, milorde. Mas temo por minha vida. Ele foi dormir quando o dia estava amanhecendo — respondeu o mordomo malcriado. Lorde Edward riu.

— Eu mesmo farei isso. Prepare-me uma bandeja com o desjejum dele.

Quando Hotspur entrou no quarto, sem ao menos bater, Pudhoe levantou o rosto.

— Está com a cara péssima, Sua Graça. Tome seu desjejum e vamos logo. Descobri que uma dama, com as qualidades físicas de sua futura duquesa, convenceu um cocheiro a levá-la a Dover agora pela manhã. Se quiser alcançá-la tem que correr.

— Como descobriu isso?

— Mexendo-me, oras.

— Eu estive no porto de Dover ontem e deixei um espia lá.

— Eu agi aqui em Londres. Contratei uns homens e coloquei-os na Old

Kent Road e em New Cross Road. Eles pararam todas as carruagens e coches que passaram por lá. Assim que viram uma moça com as características de Leonora mandaram avisar-me.

— Lógico. Por que não pensei nisso? Não precisava ter quase matado meu cavalo indo a Dover.

— Não. Não daria tempo de ela ter chegado ao porto. Mas eu já esperava que sua mente apaixonada fizesse alguma asneira.

— E esses homens que contratou? Onde os arranjou? Ah, que pergunta estúpida a minha, um deles deve ser irmão de uma de suas amantes — disse o duque.

— Não importa como os conheço, Pudhoe. Saia já dessa maldita cama ou ela partirá. E está me devendo cem libras. Ah, ela está vestida de homem.

CAPÍTULO XI

Vestida de homem

No outro dia, Leonora estava à espreita. Havia chegado a Dover no fim da tarde e pernoitado no King's Head Inn usando o nome de um homem. Seu navio partiria ao meio-dia. Pudhoe certamente tinha mandado alguém vigiar o porto, mas ele estaria procurando por uma jovem de cabelos pretos e olhos azuis. Ela tinha comprado uma roupa de homem e uma cartola. Até porque se lembrava dos assédios que sofrera dos carregadores e donos dos barcos na vez passada. Havia se trocado numa saleta escura de St. George Church, e esperava estar convincente em seu papel de pároco inglês.

Pudhoe reconheceu seu andar e sorriu. Quem ela pensava que estava enganando com aqueles adoráveis quadris que se moviam de um lado para outro com tanta graça? Leonora caminhava para um dos barcos que a levaria até o navio. Ele se aproximou dela por trás, encostou um dedo em riste em suas costas, e disse alterando a voz: — Dê meia volta, gostosura, e entre naquela carruagem. Faça isso sem gritar ou eu a matarei.

Ela estremeceu. Nervosa, ela não reconheceu a voz de Pudhoe. Parou. Refletiu. Se saísse correndo daria tempo de chegar até o barco? O homem parece que leu seus pensamentos.

— Se fizer isso eu a afogarei.

Ela lentamente virou e caminhou em direção à carruagem que ele apontava. Uma carruagem de aluguel.

Quando ela entrou e ele gritou o destino de Wilshire para o cocheiro, ela reconheceu a sua voz. Leonora não soube dizer se ficou aliviada ou enfurecida.

— Como ousa me assustar dessa maneira, seu maldito devasso?

— Perdão, pequena. Mas não vi outra alternativa.

— Eu o odeio... odeio... odeio...

— Isso, pequena. Xingue-me de tudo que quiser e desabafe. Depois lhe darei a minha versão dos fatos.

— Versão dos fatos? Não existe versão para o fato daquela dama ter chupado o seu...

— Sim, pequena. Existe uma versão. Quando você se acalmar eu lhe contarei e você ainda me pedirá perdão.

— Eu jamais lhe pedirei perdão, seu devasso.

— Tudo bem, pequena. Eu me vingarei então da forma que eu escolher.

— Ainda fala em se vingar de mim? Traiu-me com lady Browne, a pessoa que eu mais desprezo neste mundo, e ainda tem coragem de falar de perdão, de se vingar de mim. Meu Deus! Não pode esperar uma semana sem...

— O que você está falando, Leonora? Acha que trai você com lady Browne?

— E não traiu? Ela conhece o seu corpo tanto quanto eu. Falou até de suas...

— Eu sei o que ela falou, miss Chapman nos contou.

— Miss Chapman?

— Sim, ela ouviu tudo. Tente se acalmar, pequena. Eu tenho uma explicação plausível para tudo.

— Se dizer que ela se escondeu para vê-lo tomar banho, eu o mato...

— Não direi isso, meu amor. O que eu vou contar tem mais duas testemunhas: Edward, Belvoir.

— Ah, sim, seus cúmplices.

— Não, querida. Escute-me — Pearl a pegou pela cintura.

— Lady Browne fez isso para vingar-se de mim e de você. Ouça-me — suplicou ele, sério, quando Leonora ameaçou rebelar-se.

— Ontem à noite eu fiquei tentando lembrar-me como lady Browne podia conhecer com tantos detalhes o meu corpo. Lembrei-me de que eu, Edward e Belvoir a encontramos, há dois ou três anos na Itália, em Veneza. Ela usava uma máscara, eu estava muito bêbado. Lembro-me de que ela me levou para seu quarto e tentou me fazer... você sabe. Ela tirou a minha roupa, deu-me um banho para fazer-me despertar. Eu, além de estar muito bêbado mesmo, eu não tinha nenhuma vontade de... eu nunca a achei atraente. Ela me manipulou, me sugou, mas eu não me recordo de tê-la penetrado. Veja bem, eu não me recordo, mas posso tê-lo feito, embora eu ache, pelo que ela fez conosco agora, que eu não o fiz. Se fiz, eu não me lembro. Não sei o que é pior.

Leonora ficou em silêncio. Fazia todo sentido. Tudo fazia sentido agora para ela. Por isso, lady Browne a odiava, sabia que ela era a protegida do duque de Pudhoe e, quando leu a profecia da garota em seu diário, não sabendo quando fora feita, fez de tudo para afastá-la do castelo. Jogou a duquesa contra ela, os empregados... sim, a dama fora rejeitada e um mulher rejeitada transformava-se num demônio. Lorde Clifford percebeu que Leonora tinha acreditado nele. Suspirou aliviado, puxando-a para seu colo:

— Eu te amo, Leonora! Pelo amor de Deus, pequena, não fuja mais.

E ele a beijou. Tomou os lábios dela com paixão. Sua paixão por Leonora não se aplacava. Seu membro tremia de desejo por ela. Ele queria penetrá-la, sentir a maciez daquela carne quente que o envolvia com espasmos e doces gemidos. Leonora era ardente, voluptuosa, em certos momentos, atrevida, e ele era louco por ela.

— Minha pequena — ele murmurou nos ouvidos dela. — Minha deliciosa, eu vou te... — ele deu um gemido gutural quando ela abriu sua calça e pegou seu membro com as duas mãos levando-o à boca e o sugando com paixão.

— Não, pequena... você vai me matar dessa forma! Eu não vou aguentar — aquele som rouco, grave e profundo que provinha da garganta de Pearl deixou Leonora alucinada de desejo. E ela o sugou com mais paixão, ao passo que ele a apertava, como se sua vida dependesse da boca de Leonora, de sua língua.

Há tempos ela queria fazer aquilo que ela achava que fora induzida a pensar quando leu os Contes et nouvelles, mas em sua inocência presumiu que não podia ser verdade. Como? Conjecturou ela à época, colocar o membro do homem na boca e sugar? Aquilo que ela vira no museu, na estátua de Apolo de Belvedere, nu? Mas desde que vira Pearl nu ela passara a sentir desejo de fazer exatamente aquilo. Pegava-se considerando sugá-lo até tirar dele toda a sua essência para ela. Quando imaginou que lady Browne fizera aquilo quase morrera de ciúme. Ela o faria agora. Chupou com vontade, lambeu a glândula enorme e macia, introduzindo-a em sua boca e fazendo Pearl gritar de prazer.

— Oh, meu Deus! Onde aprendeu a fazer isso, pequena?

— Nos livros de sua biblióteca...

— Oh, Leo... em que livro? Você está me matando... pare... deixe que eu a...

— Não. Eu quero assim, Pearl! Deixe-me sentir você na minha boca como você faz comigo.

— Eu vou explodir, peq... não vê que eu vou explodir na sua boca, meu amor?

Quando ela o ouviu chamando-a de meu amor, ela voltou com paixão àquele que lhe dava tanto prazer, e o colocou com ousadia dentro de sua boca, o segurou com suas duas mãos, não dando qualquer chance ao seu dono, senão gritar, e quando não suportasse mais, ele explodiria dentro de sua

boca.

Ele não mais tentava tirá-la de entre suas pernas, ao contrário, não tinha mais forças para fazê-lo; segurava com as duas mãos a cabeça de Leonora e conduzia o movimento dela de subida e descida, forçando-se para dentro dela mais e mais. Ao passo que seu corpo, encostado no encosto da carruagem, levemente inclinado para frente, acompanhava aquela visão, extasiado.

— Eu... não... posso... mais... segurar... Ai, meu Deus, Leonoraaa!

Alguns minutos depois.

— Leonora — disse Pearl.

— O quê?

— Onde aprendeu a fazer aquilo?

— O quê?

— Você sabe, pequena.

— Hum...

— Hum? — repetiu ele sorrindo, satisfeito. — Conte para mim, meu amor, quem lhe ensinou, pois apenas uma mulher francesa poderia ter-lhe ensinado.

— Você não gostou? — perguntou ela, surpresa.

— Não gostei? Em algum momento isso lhe pareceu? Eu... Deus! Eu... nunca senti nada igual — ele a abraçou e a beijou.

— É que... você gritou tanto que eu pensei que estivesse lhe machucando...

— Não, pequena, foi delicioso. Perfeito, é que eu queria saber como você aprendeu...

— Em Paris, minha avó me arrumou uma dama de companhia — disse Leonora, sorrindo.

— Mas que dama de companhia foi essa, pequena?

— Ela me disse que as francesas fazem isso com seus homens... e quando lady Muriel me falou de suas pintinhas com tanta propriedade, eu percebi que as inglesas também faziam...

Pudhoe soltou uma sonora gargalhada.

— Mas é lógico que as inglesas também fazem isso, minha pequena.

— Minha dama de companhia contou-me muitas coisas — disse Leonora e Pudhoe a virou para ele, surpreso, quase aflito.

— Era uma dama de companhia ou uma iniciação à...

— Iniciação a quê? — perguntou Leonora.

— Nada, meu amor. Conte-me o que essa dama lhe ensinou mais — perguntou Pearl, segurando-a pelos ombros e olhando para o rosto de Leonora. Ela adorava quando ele a chamava daquela forma. Leonora estendeu a mão e tocou os cabelos dele, depois acariciou seu rosto suavemente, sentindo todos os contornos, só depois de muito tempo ela respondeu: — Muitas coisas, mon amour! Um dia eu lhe conto.

— Não, querida, agora. Conte-me agora — a voz rouca de Pearl, que Leonora tanto amava, tinha um quê de desespero. Ele a segurou com força e a trouxe para ele, beijando-a enlouquecido.

— Não tenho coragem de falar... — disse ela, corando.

— Deus! Se consigo vê-la corar com essa pouca luz... o que pode ser que essa dama... Leonora, eu preciso saber... — Pudhoe sentia seu membro rijo, sinal de que já estava pronto novamente.

— Fale, amor! — disse ele, beijando-a, sugando sua língua com ânsia. Leonora segurou seu rosto e retribuiu o beijo com o mesmo desejo desesperado. Ela o queria dentro dela, estava faminta dele. Desejava ardentemente apagar seu próprio desejo. Instigada por carícias cada vez mais ousadas, ela fez uma concha com as duas mãos e cochichou nos ouvidos dele.

— Não! — exclamou Pudhoe boquiaberto, mas maravilhado com aquela pequena ousada.

— Sim! Isso e mais coisas...

— Pequena, você vai acabar comigo! — ele gemeu. — Ela não pode ter-lhe ensinado isso!

— Ela não me ensinou, Pearl, ela me disse que as francesas fazem isso com seus homens e que era para eu fazer com meu marido quando eu me casasse.

— E você vai fazer isso por mim, pequena? — a voz dele saiu um pouco vibrante, quase implorando.

Ela não respondeu de imediato, pois queria beijá-lo, mas ele insistiu: — Leonora, você vai ter coragem de...

— Se você quiser... — ela murmurou, sua voz resplandecente de desejo, reacendendo seus olhos que cintilavam.

— Oh, meu Deus, Leonora! Se eu a quero... eu a quero... eu quero você o

tempo todo, de todas as formas, você é minha... você nunca vai aplicar o que aprendeu com mais ninguém, só comigo... só comigo...

— Sim, vou aplicar tudo o que minha dama de companhia me ensinou com você, mas serão nossos segredos.

CAPÍTULO XII

Lições de amor

— Meu amor — disse Pearl. — Acabou de me ocorrer uma ideia. Se você concordar, vamos acabar logo com essa agonia de termos que ficar separados.

— Qual ideia?

— Vamos nos casar logo em Wilshire. A licença está em Londres, com meu secretário.

— Mas, e a festa e os convidados de sua mãe? Ela está preparando uma festa para quase mil convidados.

— Isso é importante para você, pequena?

— Não, nem um pouco.

— Nem para mim. Estão está decidido. Vou avisar ao cocheiro que vamos voltar para Londres.

Pudhoe mandou parar a carruagem e foi falar com seu cocheiro.

— Vamos passar em Pudhoe House e você pega todas as suas coisas. Depois vamos a Northumberland House. Edward vai aceitar ser nosso padrinho e isso bastará. Depois vamos ficar uns dias em Wilshire. Lembra-se que eu disse que me vingaria de você por ter fugido?

— Sim. Mas eu já pedi perdão — ela respondeu.

— Não me recordo de ter escutado.

— Talvez tenha sentido, Sua Graça.

Ele deu uma sonora gargalhada.

— Então aquilo foi o seu pedido de perdão, meu amor? Então está perdoada — disse ele, beijando-a. — Mas saiba que embora eu a tenha perdoado, você será punida.

— E depois?

— Depois da punição viajaremos pelo mundo, pequena. Quero mostrar para você aquilo que eu conheci e que mais gostei. Também será uma forma de nos afastarmos da sociedade até eles se esquecerem de que nem o noivo, nem a noiva apareceram no dia do casamento. Será um escândalo e minha mãe, talvez, aprenda a lição.

— Você adora dar lições nas pessoas, não é, meu amor? — perguntou Leonora, sorrindo.

— Sim e não, meu amor. As suas lições eu também vou aproveitar. Já a da duquesa viúva...

DEPOIS de dar explicações a uma miss Chapman preocupada e corada de vergonha; arrumar os baús com seus pertences, tomar um banho e se alimentar, Leonora aguardava na carruagem em frente a Northumberland House enquanto Pudhoe foi pegar seus baús e conversar com lorde Edward.

Estava ansiosa sobre quais seriam as consequências que ela teria que enfrentar, pois Pearl lhe afirmara categoricamente que ela seria punida pela sua última fuga. Quando ele sentou-se ao seu lado, ela perguntou: — Lorde Edward aceitou nos ajudar?

— Sim, ele vai a cavalo. Passará na vila e levará o padre ainda amanhã.

— Então nos casaremos amanhã mesmo?

— Sim, pequena. Se eu pudesse me casaria ainda hoje.

Depois de alguns minutos, Leonora estava pensativa. Pudhoe sabia que ela lhe faria alguma pergunta importante. Já a conhecia bastante para saber que algo a estava incomodando. Ele aguardou o tempo dela.

— Meu amor, como eram as mulheres dos países que você visitou?

— Como assim, pequena? Você quer saber da aparência delas? O que vestiam?

— Também, mas eu queria saber como elas agem...

— Oh, meu amor! Você está com ciúme, não está? Venha aqui, pequena — ele a pegou com facilidade e a colocou em seu colo. — Olha, querida, nenhuma delas me deixou tão louco quanto você. Eu não quis me casar com nenhuma delas, portanto, não se preocupe com elas.

— Eu só tenho curiosidade... se são ousadas como as francesas, recatadas como as inglesas...

— Quem te disse que as inglesas são recatadas, pequena?

— Não são?

— Lógico que não, meu amor. Deixe-me lhe explicar uma coisa. Toda mulher tem seu jeito de fazer amor. Cada uma tem seu gosto também. Depende do que elas comem. Com nós homens também, cada um tem um sabor, digamos. Assim como cada mulher, os homens também têm seu jeito de fazer amor. Ninguém faz como ninguém, não existe uma receita. Em alguns países, pode acontecer, de a cultura ser mais aberta. Noutros mais fechada. Sim, tem razão, as mulheres francesas são mais liberais que as inglesas, mas existe inglesa fogosa. Você mesmo é uma delas, meu amor. E eu adoro o seu jeito de fazer amor, a sua falta de pudor, a sua vontade de

experimentar tudo. Vamos combinar uma coisa: você sabe que merece um castigo por ter fugido sem ao menos ouvir-me, não sabe?

— Sim — respondeu ela, rindo.

— Então eu vou lhe aplicar um corretivo e ao mesmo tempo mostrar um pouco do que eu vi das culturas as quais eu conheci. Veja bem, não experimentei tudo, alguma coisa eu ouvi dos meus amigos.

— Está bem, embora eu não acredite que não tenha experimentado todas... bem, ficou no passado... desde que me ensine, eu perdooarei.

— Não experimentei todas, meu amor. Não acredite em tudo o que falam sobre mim. Nunca fui santo, mas também não sou devasso como dizem.

— Está bem, mas qual será a minha primeira punição, milorde? — disse ela de forma atrevida e o que ela viu nos olhos dele fê-la arrepiar todos os pelos de seu corpo.

— O que a sua dama de companhia lhe ensinou, pequena, será muito recatado se comparado ao que eu farei com você — os olhos dele estavam escuros de desejo. Sua voz rouca e seu corpo agiam como um predador.

— Pearl... você vai me bater? — perguntou ela de forma provocativa e ele sorriu ao responder: — De certa forma sim, pequena. Você precisa de uma boa lição. E ela terá início agora, pois eu estou sedento por vingança.

E ele fechou as cortinas da portinhola da carruagem, pegou Leonora com as duas mãos e a colocou em seu colo.

— Oh, Pearl, seu cocheiro vai nos ver... o que será de minha honra?

— Agora que se preocupa com o cocheiro? Não se lembrou dele mais cedo. Mas ele não vai nos ver e sua honra será lavada pelo nosso casamento, minha linda. Você é minha e eu vou usar você da forma como eu quiser. Lembre-se de que está sendo punida por sua fuga. Então submeta-se e abra essas pernas para mim — falando isso, Pearl a colocou no assento da carruagem, levantou seu vestido, tirou suas roupas íntimas, liberando toda a feminilidade de Leonora e posicionando-se entre suas pernas. Os olhos dele eram duas fendas de desejo.

— Oh, meu Deus! O que você fez? Estou nua... — ela não terminou a frase, pois ele a calou com um beijo que mostrou todo o seu desejo por ela. Da boca, ele desceu ao colo e, com uma perícia de um homem que sabia o que estava fazendo, pegou-a pela cintura e a girou de costas, abrindo seu vestido e libertando seus seios que foram, imediatamente, acolhidos por duas mãos enormes e quentes, que somente foram substituídas por uma boca e língua sedentas. Leonora há muito tinha perdido a inibição de mostrar-se para

ele daquela forma, pois Pearl havia aberto as suas pernas ao máximo e se posicionado entre elas, de forma que ele tinha livre acesso às curvas sedosas com seus dedos habilidosos. Ela gemia baixinho quando sua boca chegou lá com sede. Ela gritou e segurou sua cabeça quando ele a chupou com força não lhe dando nenhuma chance de não ceder.

— Oh, Pearl... o que você está fazendo...

— Olhe, pequena, abra os olhos e veja o que eu estou fazendo.

— Não posso... oh, eu não devo...

— Olhe, pequena, estou pedindo para abrir os olhos e assistir ao que eu estou fazendo. Ver faz parte de seu castigo.

E Leonora olhou. Pearl estava entre suas pernas e a consumia com sua boca e língua, uma cena que a enlouqueceu de desejo. E ele ainda não estava satisfeito com essa punição.

— Agora segure a minha cabeça com força entre suas pernas, pequena, não me deixe fugir. Com as duas mãos, meu amor! Faça como as mulheres francesas, elas se esfregam nos homens em busca de sua satisfação.

— Você está me matando de...

— Sim, minha atrevida, agora como uma boa francesa que você é coloque-se em minha boca e me obrigue a...

— Ah! Ah! Como isso é... vou morrer...

— Morrer de quê, meu amor?

— De fome, fome de você, de ter você... ah!

— De ter o quê, me diga o que você quer aqui que eu te dou, diga...

— Eu quero aquilo que eu...

Ele gemeu alto e lhe deu motivo para gemer também.

— Diga, meu amor. Diga o que quer que eu coloque aqui — e ele colocou dois dedos dentro dela de forma profunda, ao mesmo tempo em que chupou o ponto mais sensível dela, fazendo-a gritar que o queria dentro dela. Ele levantou-se e sentou-se, puxando Leonora para seu colo, libertando seu membro que estava frêmito de desejo. Ela, ousadamente, se encaixou nele, levando seu seio à boca de Pearl, e o trote da parelha, o balanço da carruagem a ajudou a cavalgar sobre ele, e seus corpos cantaram a canção mais antiga do mundo, a do gozo.

ALGUM tempo depois, Leonora estava deitada sobre o peito de Pearl

ainda totalmente sem forças e muito sonolenta. As horas não dormidas à noite cobravam seu preço.

— Para onde estamos indo, Pearl? — Para uma pequena propriedade que tenho em Wilshire. Seu castigo apenas começou — disse ele, rindo.

— Wilshire? Onde fica?

— Algumas horas daqui, querida minha. Aproveite para descansar, pois não terá descanso lá com as lições que eu planejei para você.

— Lições de quê, milorde?

— Se me chamar de milorde mais uma única vez eu vou multiplicar por mil a sua punição e você nunca mais conseguirá, sequer andar, Leonora — disse ele e algo na voz de Pearl mostrou-lhe que ele não estava brincando. Leonora ficou se perguntando o que ele teria mais para fazer com ela que já não tivessem feito. Ela suspirou e ele a olhou, curioso. Leonora não viu, mas Pearl sorriu satisfeito.

— Fico me perguntando, milor... Pearl, o que pretende fazer comigo que ainda não tenhamos feito. Por que minha dama de companhia me esconderia algo? Ela parecia tão liberal.

— Bem, terá que esperar para ver, Leonora. Está com medo? Cadê a minha francesa corajosa?

— Medo? Não! Apenas curiosa. Gostaria de saber onde aprendeu a fazer essas coisas que você faz comigo — ela levantou seu rosto do peito dele e o encarou.

— Ah, tenho certeza absoluta de que você não quer saber isso, pequena!

Ela pensou por um instante e deu-se conta de que sabia onde ele aprendera tudo aquilo e com quem. Afinal, quando ela lhe confidenciou no ouvido o que sua dama havia lhe contado, ele ficou enlouquecido e soube executar muito bem, embora ela apenas soubesse a teoria, para ele certamente não fora a primeira vez.

— Na verdade, eu imagino com quem você aprendeu, mesmo tendo dito que não experimentou todas. Eu soube algumas coisas sobre você... antes que voltasse ... e essas coisas eram bem impronunciáveis...

— Coisas impronunciáveis sobre mim? Com quem você falava sobre essas coisas, Leonora?

— Os criados.

— Está com ciúmes, pequena?

— Eu? Imagine! — respondeu Leonora, mas tanto ela e principalmente Pearl sabiam que ela estava se corroendo por dentro. Imaginar que ele

pudesse fazer tudo aquilo com outra mulher a enlouquecia.

— Venha aqui, pequena. O que eu fiz está no passado e nada significou para mim, já lhe disse isso — ele pegou o rosto dela entre suas mãos e beijou seus lábios com uma ternura que enterneceu o coração ciumento de Leonora.

— Mas só de pensar em você fazendo essas coisas com outras mulheres...

— Eu sei, meu amor. Eu não suportaria que outro te tocasse, eu mataria qualquer um que tentasse...

O SOLAR dos Pudhoe em Wilshire era uma daquelas construções de pedra que trazia a herança arquitetônica do século XVII. Cercada por frondosos olmos, ela ficava escondida até que o visitante já estivesse às portas da mansão. À esquerda da construção, colinas pontilhadas de carvalhos e sicômoros tremulavam como ondas do mar e lá longe um monte acinzentado destacava-se em meio à imensidão verde. Leonora ficou impressionada com o tamanho da casa e a beleza do lugar e perguntou a Pearl se ele costumava visitá-la muitas vezes.

— Não, Leonora. As lembranças que eu tinha daqui eram dolorosas demais — ele respondeu e ela entendeu. Tinha sido ali que sua mãe se encontrava com seu amante.

— Quem toma conta daqui? Tudo está bem cuidado.

— Langley e sua família tomam conta de tudo. Mas pelos próximos dias eu os mandarei fazer uma viagem, pois o que eu tenho em mente não requer testemunhas.

— Por quê? O que pretende fazer comigo?

— Vou fazê-la gritar, meu amor, gritar muito, mas de prazer.

E assim foi feito. Pudhoe pediu aos Langley que fossem vistoriar uma nova propriedade adquirida por ele na divisa da Escócia, de forma que eles levariam mais de uma semana para fazerem a viagem, e ele teria o solar apenas para ele e Leonora, e para seus caprichos.

A senhora Langley antes de partir havia preparado uma farta alimentação para o duque e a sua noiva. Pelo jeito os Langley eram bem discretos ou já estavam acostumados com os modos do patrão. Um banho também foi preparado para Leonora. E foi na banheira que Pearl a encontrou naquele início de noite.

Vestindo apenas um roupão azul-marinho ele se esgueirou pela porta do

quarto contíguo ao seu. Leonora estremeceu quando o viu, pois os olhos dele estavam cheios de desejo. Ele aproximou-se dela na banheira e ficou olhando-a na intimidade de seu banho. Leonora tinha prendido os cabelos para cima em um coque desarrumado e gotículas pontilhavam seu alvo pescoço. A água da banheira cobria até a metade de seus seios, mas grande parte deles estava sob o olhar perscrutador de Pearl. No entorno da banheira, um candeeiro jogava uma luz amarelada sobre ela e era possível, de cima, ver todo o seu corpo submerso na água. A respiração dele já estava ruidosa, suas narinas dilatadas como as de um predador diante de sua presa. Leonora estava como hipnotizada por ele, sua boca, levemente aberta, um convite ao amor.

— Pequena, se toque para eu ver — ele suplicou. À sua frente, Leonora notou o enorme volume sob o roupão e desejou ardentemente que ele o colocasse em sua boca.

— Tocar-me?

— Sim, como se eu não estivesse aqui. Quero ver como você dá prazer a você mesma... você faz isso, não faz?

Ela ficou corada de vergonha, jamais admitiria que já houvesse se tocado pensando nele.

— Eu... — ela ia mentir, mas o olhar de advertência de Pearl não lhe deu alternativa senão falar a verdade. Ela balançou a cabeça concordando, porém, não o encarou.

— Leonora, olhe para mim e fale.

— Falar o quê?

— Que se toca pensando em mim.

— Eu... me toco... pensando em você — ela murmurou e sua voz saiu como um fio.

Ele gemeu e Leonora sentiu que todo o corpo dele tremia de desejo. Sentiu uma vontade enorme de estender a mão, segurar aquele membro e levá-lo à boca para lhe dar alívio.

— Pequena, deixe-me ver como você faz. E olhe em meus olhos, meu amor, eu quero ver como eles brilham quando você chegar lá. Não me prive desse prazer.

Leonora levou uma das mãos ao seu seio e acariciou o mamilo turgido de desejo; devagar, fez isso com o outro ao mesmo tempo em que mergulhava seus olhos na imensidão dos olhos dele, naquele instante turvos de desejo. Mantendo uma das mãos no seio, ela levou a outra ao meio de suas pernas e tocou-se. Pearl enlouqueceu e urrou de prazer ao vê-la dar prazer a si mesma.

— Você me deixa louco — ele aproximou-se da banheira e começou a tocá-la no seio que ela deixara sem carinho, beijou-a apaixonadamente dizendo palavras picantes nos ouvidos de Leonora sobre o que faria com ela e, quando Leonora estava quase no ápice, ele colocou seu membro em sua boca, que o sugou com paixão, e ambos gritaram sem reservas num gozo alucinado.

A água da banheira já estava quase fria quando ambos saíram dela. Pearl, antes de ir para seus aposentos, pediu a Leonora que usasse apenas um roupão para o jantar e que deixasse os cabelos soltos.

— Isso faz parte de mais um castigo? — ela perguntou, sedutoramente.

— Sim, pequena. Tudo o que se passa aqui faz parte de seu castigo por ter me desobedecido. Está ruim para você? Não está gostando de ser castigada? — ele perguntou, beijando-a.

Ela não respondeu, apenas corou e Pearl sorriu, beijando-a novamente.

Combinaram de se encontrarem na sala de jantar em meia hora. Pearl saiu pela mesma porta que tinha entrado e deixou uma Leonora lânguida, mas feliz. Quando ela desceu, encontrou a mesa posta para dois, com dois candelabros acesos, uma garrafa de vinho e nem sinal de Pearl. Ela circundou a mesa, sentindo-se nua e grata por ser verão, pois a fina cambraia que usava não a protegeria do frio. Ela ouviu passos e virou-se abruptamente. Pearl tinha acabado de descer e, ao contrário dela, vestia um fato de gala na cor preta e uma camisa branca. Ele estava magnífico.

— Por que eu estou nua e você vestido para uma festa? — perguntou ela, surpresa.

— Porque a festa é você, meu amor — disse ele, aproximando-se e tomando-a nos braços, beijando-a profundamente, ao mesmo tempo em que acariciava seu corpo. — Eu disse que lhe puniria, que lhe faria gritar, que a quilômetros de distância você seria ouvida. Por isso liberei os Langley, para que não tivéssemos testemunhas.

— Vai me machucar? — ela brincou.

— Jamais, meu amor. Eu a amo!

— Eu preciso saber apenas de uma coisa, Pearl — disse ela. — Essas coisas que você está fazendo comigo, você já fez com alguma outra mulher?

Pearl pensou por alguns instantes e respondeu: — Algumas sim, meu amor. Sou um homem vivido. Sou muito mais velho que você. Mas acredite, querida, a maioria delas eu apenas fiz e farei com você. Como, por exemplo, observá-la se tocar. Eu precisava ver, pois eu sinto ciúmes até de você

mesma, querida — disse ele, beijando-a longamente. — Pensar que você tira prazer desse corpo sem ser comigo me deixa louco de ciúmes — ele levou os dedos com os quais ela se tocara à boca e os beijou um por um. — Esse desejo louco, essa vontade que nunca passa, eu nunca senti por mulher alguma até agora.

— E os casais fazem isso? Quero dizer, todos eles?

Pearl riu da inocência dela.

— Creio que não, meu amor. Senão todos seriam muito felizes e não é isso que eu vejo por aí.

— Então somente aqueles que se amam?

— Sim, meu amor. Aqueles que são desesperadamente apaixonados um pelo outro e, acredite, são a minoria — respondeu ele.

O coração de Leonora deu um salto. Pearl era apaixonado por ela com desespero, da mesma forma que ela era por ele. Como ela queria beijá-lo, tocá-lo sob aquela roupa, fazer amor com ele naquela mesa. Como ela queria que ele a sentasse sobre ela e a possuísse ali naquele momento. Pearl parece que ouviu os pensamentos dela, pois pegou-a pela cintura e colocou-a sobre a mesa, sentando-se na cadeira à frente dela. Leonora levou as duas mãos à cabeça dele como ele lhe ensinara há pouco e direcionou-a para onde ela queria. Encaixou-se em sua na boca e gemeu de prazer quando ele a beijou lá.

— Oh, Leonora, que ótima aluna você é. Solte-se e grite o quanto você quiser. Hoje eu quero ouvi-la gemer, gritar, pois vou enlouquecê-la de prazer.

Ele manteve sua cabeça entre as penas de Leonora e levou suas mãos aos fartos seios dela tocando-os de forma hábil. Depois elevou sua cabeça e tomou cada um na boca, sugando e lambendo, fazendo Leonora gemer de prazer. Pearl retirou o roupão dela, deixando-a completamente nua. Com uma força extrema, ele a girou, colocando-a sobre a mesa e gemeu enlouquecido com a visão.

— Ah, pequena, se você pudesse ver o que eu vejo! — disse ele, rouco, puxando-a para sua boca, fazendo Leonora gritar. Quando ela achou que não aguentaria mais, ele a penetrou com força, gritando seu nome com desespero.

Leonora esperava que o solar não tivesse vizinho a muitos quilômetros de distância, pois o gozo dos dois foi alucinado. Ambos gritaram o nome um do outro sem censura.

Depois do jantar regado a vinho, Leonora perguntou a Pearl o que eles fariam no outro dia.

— Não se preocupe, meu amor. Depois de nosso casamento, vou mandar

Edward embora, pois ainda há muitas lições para você — disse ele com um riso muito sensual. Leonora ficou se perguntando se todo homem tinha aquele fogo. A libido dele não tinha limites e ela estava feliz por ele ser assim, afinal, ela também tinha grande apetite por ele. Via-se imaginando fazer as coisas que sua dama lhe ensinara e seu corpo nunca saciava daquela fome. Ela o amava, o admirava, o desejava desesperadamente. Tinha até medo daquele sentimento, pois se Pearl algum dia não a quisesse, ela não saberia se teria forças para continuar.

Quando Leonora levantou no outro dia, já era tarde, pois ela tinha dormido muito para compensar a noite anterior mal dormida. Pearl não estava ao seu lado, mas ela notara que a banheira estava fumegante à sua espera. Perguntou-se se o próprio duque de Pudhoe havia preparado o seu banho. Presumiu que sim, pois estavam sozinhos no solar e sorriu encantada.

Algum tempo depois encontrou-o na sala do desjejum à sua espera, de banho tomado, barbeado e vestindo traje formal para o casamento.

— Bom dia, minha pequena. Dormiu bem?

— Oh, sim. Muito bem. E você?

— Nunca dormi melhor — respondeu ele, sorrindo. Leonora se perguntou por que não o via sorrir mais vezes, pois ele ficava ainda mais magnífico quando sorria.

— Vamos montar hoje? Vi alguns cavalos ontem quando chegamos — ela perguntou e pelo olhar de Pearl ela soube que ele tinha pensado em outro tipo de montaria.

— Não tenha dúvida disso, meu amor — ele respondeu.

— Eu não tenho roupa de montaria — disse ela.

— Não vai precisar de uma. Quero que você vá apenas com uma combinação, sem nada por baixo.

— O quê?

— Sim, pequena. Faz parte do seu castigo.

— Mas alguém pode nos ver.

— Ninguém a verá. Confie em mim. Vamos tomar nosso desjejum, Edward deve estar chegando. Mais tarde combinarei um horário com você no estábulo.

Durante o desjejum, embora Leonora quisesse falar de outros assuntos, sua mente não conseguia pensar em nada que não fosse no homem másculo à sua frente. Ele a encarava com aqueles olhos predadores e ela queria apenas jogar-se no colo dele e pedir que ele a fizesse dele. De novo. Sempre. Toda

hora. Conteve-se. Ele já a chamava de atrevida e se ela desse vazão à sua imaginação, céus, ela nem imaginava o que ele pensaria dela.

LOGO depois do desjejum, como Pearl previra, lorde Edward chegou com mais um homem. Pelo colarinho eclesiástico, Leonora soube que se tratava de um pároco. O casamento aconteceu na sala de jantar em menos de quinze minutos. Depois de meia hora, tanto o clérigo quando lorde Hotspur já tinham ido embora, e ela se tornara a duquesa de Pudhoe.

— Está feliz, minha duquesa? — perguntou ele.

— Sim, muito, mal posso acreditar! Foi tão rápido.

— Sim, foi rápido como tem que ser, pequena. E legal! Edward e o pároco levaram o documento assinado. Estou aliviado de ter me livrado de todo aquele circo de Londres que a duquesa viúva está armando. Mas vou ficar mais feliz ainda se você subir e se preparar para me encontrar no estábulo. Estou louco para continuar a nossa lua de mel, quero dizer, com as suas punições.

VESTINDO apenas uma combinação de cambraia de algodão branca e calçando uma bota, Leonora o encontrou nos estábulos. Pearl segurava apenas um alazão preto, feroso, agitado para correr pelos campos. Ele prendeu o animal numa cerca e voltou-se para ela medindo-a de cima a baixo. Os seios de Leonora sinalizaram a sua excitação. Ela também notou, pelo volume na calça de montar justa de Pearl, o tamanho da dele. Ele aproximou-se dela e roçou levemente as costas dos dedos sobre seus mamilos. Leonora fechou os olhos de prazer. Ele levou a mão em seus cabelos e soltou-os. Ela nada disse, estava tomada por um desejo intenso.

Pegando a mão de Leonora ele a levou para perto do cavalo e, segurando-a pela cintura, colocou-a em cima da cela com as pernas abertas. Com um salto, ele montou atrás dela, circulando um braço sob seus seios, de forma que o balanço do cavalo fazia os mamilos dela roçarem no braço dele provocando um prazer intenso em ambos. Ela colocou mais seu corpo ao dele e desejou estar de frente para ele para poder beijar aquele peito cheiroso.

Leonora sentia o membro de Pearl às suas costas e aquele atrito lhe dava enorme prazer. Ele beijava seus ombros, seus cabelos e murmurava em seus

NACIONAIS-ACHERON

ouvidos o quanto ela era linda e o quanto ele a amava e a queria.

Estavam em um vale cercado por montanhas quando Pearl subiu a barra de sua combinação e expôs o sexo dela. Ele gemeu quando a tocou.

— Pequena, você está tão molhada, está deliciosa, eu a quero tanto que chega a doer.

— Ah, meu amor, eu também o quero dentro de mim. Não aguento mais. Vire-me de frente para você e deixe que eu o cavalgue — ela implorou, rouca de paixão.

Ele a virou em segundos e colocou-a sobre seu membro já liberto há muito da calça. Leonora o montou gemendo e gritando de prazer.

— Ah, meu amor, esse é o melhor castigo que alguém poderia receber — gritou Leonora, beijando-o no peito, no pescoço e na boca.

— Sim, meu amor. Por isso eu o apliquei com você — ele a beijava e a tocava com loucura, segurando com uma das mãos a guia do cavalo e com outra o corpo de Leonora colado ao dele.

— Ah, pequena! — ele gemeu.

— Eu nunca imaginei que montar num cavalo fosse tão bom! — murmurou Leonora e Pearl gemeu sorrindo.

Ele cavalgava com Leonora encaixada nele montando-o ao trote do animal. Ambos gemiam e gritavam o nome um do outro livremente, agarrando-se um ao outro como se suas vidas dependessem daquele gozo. Pearl soltou um urro gutural se desmanchando dentro dela e Leonora o acompanhou e, juntos, largaram seus corpos exaustos embalados pela cavalgada.

— Eu te amo, Pearl — disse Leonora, pois não conseguia mais conter-se.

— Eu lhe adoro, Leonora. Sou louco por você. Eu nunca pensei que pudesse amar tanto alguém e ainda mais uma garota levada e fujona como você.

E se beijaram, tirando um do outro o consolo para um amor que não tinha limites, nem tamanho. E os castigos cessaram, por enquanto.

FIM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

LEIA TAMBÉM***Um cocheiro em Paris*** *O terceiro livro da série O Quarteto do Norte*

Quando o duque de Belvoir teve que sair às pressas da casa de Juliette Drouet, a amante de Victor Hugo, para não ser pego em flagrante pelo próprio escritor, sua única alternativa foi dirigir a própria carruagem pelas vielas de Paris. O que ele não esperava, contudo, era que tivesse que socorrer uma dama que acabara de chegar à cidade. A carruagem do Hôtel de Ville, que fora buscá-la no porto, havia quebrado um eixo e ele passava no exato momento do acidente. Não teve alternativa senão esconder a sua identidade, pois a jovem estava acompanhada justamente da ordinária baronesa viúva de Patchetts, uma antiga vizinha do duque seu pai, no Norte da Inglaterra. Tudo o que ele — o duque inglês bastardo — não podia, naquele momento, era ser reconhecido. Assim, apresentou-se como o cocheiro do conde Filippo Raspail e prestou socorro às damas.

Fruto da relação de um poderoso duque inglês, que não tivera filhos no casamento, com uma cortesã francesa, Belvoir — assumido pelo pai — vivia uma vida desregrada em Paris. Embora na juventude tivesse tido certa proteção moral por parte dos amigos, o duque de Prudhoe e o conde de Northumberland, sofrera muita rejeição da aristocracia britânica, sendo chamado de ‘lorde bastardo’. Por isso, tinha convicção absoluta de que nunca se casaria com a filha de nenhum deles. Belvoir só não contava que Harriet Neville, a lady que socorrera, se apaixonaria de verdade por ele, mesmo achando que fosse um humilde cocheiro.

Leia o primeiro capítulo:

Prólogo

Paris, 1830.

Oliver Ashlie Stanhope, o duque de Belvoir, saltou pela janela da mansão de Juliette Drouet e caiu na escuridão da noite. Até mesmo para a cidade mais moderna da Europa aquela não era uma situação comum. A não ser que se

NACIONAIS-ACHERON

tratasse de um incêndio. Não era o caso.

No meio da noite — e ainda por cima nu — Belvoir fazia bela figura. De cima de seus quase dois metros de altura, sua pele clara e seus cabelos loiro-escuros reluziam sob a luz da lua. Seus olhos de um azul-acinzentado estavam turvos de raiva de si mesmo.

Praguejava baixinho sua loucura em dormir com a mulher alheia. Mas Juliette o provocara durante toda a noite. E no que havia dado? Depois de terem se ‘conhecido’ sob os lençóis parisienses, cerca de uma hora antes, tivera de juntar suas roupas atabalhoadamente e arremessar-se no vão escuro da janela, pois os passos do próprio escritor na escada já eram audíveis no quarto da dama.

Andando às pressas vestiu-se parcialmente e alcançou sua carruagem. Mas o cocheiro tinha desaparecido. Não tinha alternativa a não ser conduzi-la ele mesmo. Se fosse pego seria um escândalo e ele estava cheio dos rumores. Não que aquele seu pecado recente fosse uma injúria. Daquilo ele era culpado. Mas que culpa tinha de ser filho de uma cortesã francesa e de um duque inglês?

Na margem direita do rio Sena, no Quartiers du Châtelet, esquina com as ruas Rosiers e La Place Forte, ele se deparou com uma carruagem que acabara de se envolver num grave acidente.

– Maldição! Mais essa, agora! – murmurou, enquanto jogava sua carruagem na direção da rue La Place Forte, pois a carruagem quebrada interceptava justamente a que ele tinha que passar. Os cavalos estavam agitados e pareceu-lhe que havia feridos.

Correu até lá. Seus cabelos desalinhados pelo sexo selvagem de pouco antes, sua calça meio aberta e a camisa solta davam-lhe um ar de desleixo. Ajudou o ferido cocheiro a desamarrar e soltar os cavalos, pois estes estavam arrastando o veículo tombado, e depois a se sentar à margem da rua. Abaixou-se, então, para socorrer as vítimas. Ouviu duas mulheres, uma proferindo gritos histéricos e outra tentando acalmá-la.

– Já vão nos tirar daqui, tia. Acalme-se! Assim a senhora está assustando ainda mais os cavalos — disse a voz calma e consoladora.

– Para o inferno esses malditos animais. Têm que ser sacrificados. Como se atreveram a jogar a baronesa de Patchetts de cabeça para baixo? Aquele maldito cocheiro vai me pagar! — retrucou a histérica, aos gritos.

– Tenho absoluta certeza, tia, que o coitado não teve culpa alguma. Tente se acalmar, por favor.

– Acalmar? Eu sou a baronesa de Patchetts, exijo respeito...

Belvoir deu um passo para trás. Céus! O que essa maldita baronesa está fazendo na França?

– Por favor. Pode nos tirar daqui? – uma voz doce se sobressaiu à gritaria e aos insultos da baronesa. Ele não podia deixar de socorrer.

– Onde está o maldito cocheiro? – gritou a baronesa.

– Ele se feriu, madame. Quebrou a perna. Se ficar calma eu a tirarei logo daí – respondeu Belvoir, abaixando-se ao lado da portinhola.

– E quem é você? Outro cocheiro, certamente! Tire-me daqui, seu bastardo – ela protestou. A mulher não poderia ter escolhido uma palavra mais adequada se quisesse atingir Belvoir em cheio. Ele teve vontade de dizer quem era e colocar aquela ‘maldita’ dama no devido lugar.

– Sim, madame, sou um simples e maldito cocheiro. Se permanecer calma sairá em segurança. Tenho que buscar ajuda. Se eu virar a carruagem sozinho é possível que se machuquem. Estão em quantas pessoas aí?

– Duas pessoas, monsieur. Muito obrigada – respondeu lady Harriet Neville, a dona da voz que tanto impressionara Belvoir. Mas a baronesa prosseguiu gritando, dizendo que estava sufocando, que jamais voltaria a andar e muito menos colocar seus pés em Paris.

Enquanto procurava ajuda nos arredores da La Place Forte, Belvoir lamentava-se. Com milhões de pessoas no mundo eu tinha logo que me deparar com a ordinária baronesa viúva de Patchetts? E qualquer mal que pudesse lhe ocorrer, por que tinha de ser logo aquele, no pior momento possível? Encontrar a antiga vizinha do duque, seu pai, do Norte da Inglaterra! Logo a maior mexeriqueira do reino, que havia espalhado para toda a sociedade o segredo de sua paternidade? Sim, ele pecara, saíra com a amante de outro homem, mas não era um pecado tão grande assim, pois o próprio escritor era um adúltero, tentava se justificar diante da Providência divina.

Filho bastardo de duque inglês com Justine Oldoini Rapallini Bienfait, ou simplesmente “condessa di Bienfait”, ele fora o escândalo da Inglaterra havia alguns anos. Tinha fugido para Paris para ter um pouco de paz. E agora ele teria que salvar exatamente a causadora de sua desgraça... Belvoir conjecturava. E se a deixasse de cabeça para baixo? Quanto tempo ela levaria para morrer sufocada por suas próprias papadas? Não podia fazer aquilo. A despeito de dormir com as amantes de outros homens, ele era honrado. E tinha a outra moça, a dona da voz suave. Ele avistou um coche e acenou.

Logo, mais pessoas se juntaram a ele para virar a carruagem avariada. Para sua surpresa, a carruagem a serviço da baronesa era a do Hôtel de Ville, o mesmo hotel onde ele sempre ficava hospedado em Paris. Em meio aos brados da baronesa, ele se dirigiu à dama mais jovem: – Está machucada, mademoiselle? Segure em mim, vou carregá-la até a outra carruagem – disse.

Lady Neville colocou sua mão de leve no braço dele. Ele levantou-a e a carregou até sua carruagem. Ela estava com alguns arranhões no braço esquerdo e sua testa sangrava. Mas mesmo ferida, Harriet não deixou de notar que o seu salvador era muito atraente e corou.

– Está ferida? – Belvoir assustou-se quando viu o sangue. Imediatamente retirou sua camisa e levou-a suavemente ao rosto da jovem.

– Desculpe-me, mademoiselle – disse ele assim que percebeu que ela olhava assustada para seu peitoral nu. Porém, quando ele acompanhou o olhar da moça viu que suas calças estavam abertas e que ela tinha visto algo que a fez enrubescer até a raiz dos loiros cabelos.

– Pardon, mademoiselle, não foi intencional – ele desculpou-se.

– Tudo bem... – lady Neville conseguiu pronunciar. – Obrigada por ajudar-nos.

– Sabe como ocorreu o acidente? – ele perguntou.

– Não sei, monsieur. Senti só o solavanco e fomos jogadas no chão.

– Deve ter quebrado o eixo da roda – disse ele.

Nesse momento, a baronesa chegou auxiliada por outras pessoas, entrou na carruagem de Belvoir, e gritou: – Vamos logo com isso, rapaz. Para quem você trabalha? Como ousa ficar nu na frente de duas damas?

– Acalme-se, tia. Ele me deu a camisa para estancar meu ferimento, fez-me um favor...

– Sou o cocheiro do conde Filippo Raspail, madame, ao seu dispor – disse Belvoir.

– Espere aí, eu o conheço... – disse a baronesa. Belvoir sobressaltou-se. Havia anos não encontrava aquela víbora. Será que ela ainda o reconheceria?

– Não, não pode ser. É apenas parecido com ele... Também, aquele lá! Não duvido que tenha feito centenas de bastardos pelo mundo – resmungou a baronesa.

– O que disse, madame? – perguntou Belvoir.

– Nada, nada, nada de seu mundinho. Vamos logo, rapaz! Suba aí e nos leve para o Hôtel de Ville.

– E o cocheiro do hotel? – perguntou Belvoir olhando em volta à procura

do homem ferido.

– Deixe-o morrer por aí! – ordenou a baronesa, com irritação.

– De forma alguma, madame. É meu colega de profissão e prestarei o devido socorro — Belvoir retrucou na hora. Foi até o homem sentado na margem da rua, pegou-o no colo e o colocou em outra carruagem que parara ali perto para também ajudar. Deu um dinheiro ao condutor, pediu-lhe que prestasse socorro e que depois o procurasse no Hôtel de Ville se houvesse outras despesas. Voltou, subiu no seu assento e rumou com as duas para o hotel.

CONHEÇA AS SINOPSES DOS DEMAIS LIVROS DA SÉRIE

A Estrangeira O primeiro livro da série *Quarteto do Norte*.

No século XIX, o conde de Northumberland, um dos descendentes de Sir Percy, um cavaleiro medieval envolvido na Batalha de Otterbourne, travava uma luta bem menos sangrenta. Obrigado por honra a se casar com uma prima por quem ele não nutria nenhuma simpatia, ele se depara com uma misteriosa recém-chegada às imediações de Alnwick. A misteriosa estrangeira, vestida à moda de vinte anos atrás, mexe com a imaginação de todo o condado e, principalmente, com a vida do conde. Pouco se sabe sobre a moça, apenas que é metade inglesa e metade prussiana. Com apenas alguns Shillings e um cão, que apareceu sem ser convidado, a vida de Eliza se cruza com a do conde Hotspur, o cavaleiro que herdara de seu antepassado, além do apelido, o ímpeto e a beleza. Entretanto, fala-se no condado que o clã Northumberland, além de ter a estranha tradição de casar-se com primos, no passado casava-se com seus próprios irmãos. O encontro entre o conde Hotspur e a pobre dama vai desenterrar antigas contendas: ela querendo se esconder e ele desvendar o passado.

Inspirado na Batalha real de Otterbourne, *A Estrangeira* narra duas histórias ao mesmo tempo. Embora intercaladas por 442 anos, a primeira influenciará a segunda: o amor proibido de Sir Percy Hotspur por Miss Evans, e o envolvimento do conde Hotspur, com Eliza. Ambas cheias de mistério, mas desconcertantemente belas.

Fronteira da paz O quarto livro da série *O Quarteto do Norte*

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Manteve-se pura à espera de seu príncipe, o cavaleiro que ela

sempre amara, lorde Robert Percy, o irmão mais novo do conde de Northumberland, Edward Percy. Quando, finalmente, já com 23 anos, está prestes a realizar o seu sonho e casar-se por amor, Robert se casa às pressas com sua antiga prometida, Charlotte Mortimer, uma prima por parte de mãe, e a abandona. Decidida a se vingar, lady Leanah se aproxima de Elizabeth Douglas, uma cortesã regenerada, e implora para que a ensine a deixar todos os homens aos seus pés.

Quando o bom moço lorde Robert Percy, finalmente, recebera a aprovação do conde seu irmão, Edward Percy, para se casar com a linda lady Leanah, a irmã do conde de Douglas, da ancestral família inimiga dos Percy Northumberland, ele cai numa armadilha preparada por lorde Mortimer e tem, por honra, que se casar com sua prima Charlotte. Entretanto, jurou jamais tocar um só dedo nela. Afinal, como dissera o tio, ele já não a tinha deflorado? Cansado de ser o bom homem, o lorde se torna um dos maiores perversos da Europa e, para sair de Londres, a exemplo de seu pai, ele parte para a Índia. Quando na guerra de Folly de Auckland, ao lado de lorde Palmerston, ele entra em combate, a única pessoa que não esperava encontrar naquele lugar e, ainda por cima num bordel, era Leanah. O que, por Deus, ela estaria fazendo ali?!

Obrigada a se casar com o primo lorde Robert Percy, Charlotte Mortimer foge logo após o casamento. Seu próprio pai, por causa de dinheiro, conspirara para que aquela união acontecesse. Embarcada num navio com destino à América do Sul, com um nome falso, ela sofre um naufrágio fraudulento e é resgatada por um desconhecido. Sem se recordar quem é, apaixona-se pelo capitão do navio, um homem enigmático, com aparência celta, que a toma como mulher.

Um histórico romance sobre a vida das cortesãs inglesas e o império britânico e seus laços pelo mundo.

ENCONTRE A AUTORA

Chirlei Wandekoken é jornalista, coordena a área editorial da Pedrazul Editora, a qual foi idealizadora juntamente com seus sócios. É apaixonada pelos livros desde criança e, atualmente, a sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época e os históricos. Além de A Estrangeira, o primeiro livro da série independente O Quarteto do Norte, é dela também os demais livros da série: A Ama Inglesa, Um Cocheiro em Paris e Fronteira da Paz. A autora possui mais dois romances publicados, ambos contemporâneos, cujos enredos se passam no Brasil: Por Trás da Escuridão e O Vento de Piedade.

Facebook: Chirlei Wandekoken e-mail: chirleischumacher@gmail.com



[1] Tecido de lã ou brocado grosseiro, feito no antigo tear manual.

[2] Varíola.

[3] Música Serenade, de Franz Schubert.

[4] Sangatte é um nome de origem flamengo (holandês). Significa "lacuna na areia".